



0 Eugène Ionesco
Rinoceronte



#ExiladoLivros

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



O Rinoceronte
(Eugène Ionesco)

Personagens

A Dona da casa, A Merceeira, Jean, Bèrenger, A Garçonnette, O Merceeiro, O Senhor Idoso, O Lógico, O Patrão, Daisy, Senhor Papillon, Dudard, Botard, Madame Coeuf, Um Bombeiro, Senhor Jean, A Mulher do Senhor Jean, Várias Cabeças de Rinocerontes.

1º ATO

(Uma praça numa pequena cidade do interior. Ao fundo, um sobrado. No andar térreo, a fachada de uma mercearia. Entra-se por uma porta de vidro que tem dois ou três degraus. Em cima da fachada está escrito em letras bem visíveis a palavra "MERCEARIA". No primeiro andar, duas janelas que devem ser as da casa dos donos da mercearia. Desta forma, a mercearia encontra-se no fundo do palco, mas bem para a esquerda, não longe dos bastidores. Percebe-se por cima da mercearia, a torre de uma igreja, ao longe. Entre a mercearia e o lado direito, a perspectiva de uma pequena rua. A direita, ligeiramente enviesada, a fachada de um café. Por cima do café, um andar com uma janela. Na frente do terraço deste café: algumas mesas e cadeiras que vão até o meio do palco. Uma árvore empoeirada perto das cadeiras do terraço. Céu azul, luz crua, paredes muito brancas. É um domingo de verão; não falta muito para o meio-dia. Jean e Bèrenger irão sentar-se a uma mesa do terraço. Antes de abrir a cortina, ouve-se tocar o carrilhão, o qual pára, alguns segundos depois. Assim que a cortina se abre, uma mulher, levando num braço uma cesta de provisões vazia e no outro um gato, atravessa em silêncio a cena, da direita à esquerda. A sua passagem, a dona da mercearia abre a porta para espreitá-la)

A MERCEEIRA - Ah, olha aquela! *(à seu marido que está dentro da mercearia)* Aquela ali ficou muito importante. Já não compra nada da gente.

(A Merceeira desaparece; palco vazio alguns segundos. Pela direita aparece Jean; ao mesmo tempo pela esquerda surge Bèrenger. Jean está cuidadosamente vestido: terno marrom, gravata vermelha, colarinho duro, chapéu marrom. É um pouco corado. Usa sapatos amarelados, bem engraxados; Bèrenger tem a barba por fazer, sem chapéu, despenteado, as roupas amarrotadas; tudo nele mostra negligência, tem o ar cansado, sonolento, de vez em quando boceja)

JEAN - *(vindo da direita)* Ora, então chegou, hem, Bèrenger!

BÉRENGER - *(vindo da esquerda)* Bom dia, Jean.

JEAN - Sempre atrasado, é claro! *(olha seu relógio de pulso)* Nós tínhamos encontro às onze e meia e já é quase meio-dia.

BÉRENGER - Desculpe. Você está me esperando há muito tempo?

JEAN - Não, acabo de chegar, você bem viu.

(Os dois vão sentar-se numa das mesas do terraço do café)

BÉRENGER - Então me sinto menos culpado, visto que... Você mesmo...

JEAN - Eu não funciono como você. Não gosto de esperar, não tenho tempo a perder. Como você nunca chega na hora, eu venho atrasado de propósito, quando penso ter a chance de encontrá-lo.

BÉRENGER - Está certo... Está certo, no entanto...

JEAN - Você não pode afirmar que chegou na hora marcada!

BÉRENGER - Evidentemente... Eu não poderia afirmar.

(Jean e Bérenger sentam-se)

JEAN - Bom, então...

BÉRENGER - O que é que você bebe?

JEAN - Você tem sede logo de manhã?

BÉRENGER - Está fazendo tanto calor.

JEAN - Quanto mais se bebe, mais se tem sede, diz a sabedoria popular...

BÉRENGER - Faria menos calor, teríamos menos sede, se conseguissem achar um sistema de nuvens científicas.

JEAN - *(examinando Bérenger)* Ora, meu caro Bérenger, isso não resolveria o seu problema. Não é de água que você tem sede...

BÉRENGER - O que você quer dizer com isso, meu caro Jean?

JEAN - Você me compreende muito bem. Estou falando da aridez da sua goela. É uma região insaciável.

BÉRENGER - Sua comparação, me parece...

JEAN - *(interrompendo)* Você está num belo estado, meu caro.

BÉRENGER - Num belo estado, você acha?

JEAN - Eu não sou cego. Você está morto de cansaço... Perdeu mais uma noite; está bocejando, caindo de sono...

BÉRENGER - Estou com a cabeça um pouco zonha...

JEAN - Você está fedendo a álcool!

BÉRENGER - Estou com um pouco de ressaca, é verdade.

JEAN - Todos os domingos de manhã, é sempre o mesmo, sem contar os dias da semana.

BÉRENGER - Ah, não, na semana é menos freqüente, por causa do escritório...

JEAN - E sua gravata, onde é que está? Perdeu-a nas suas farras!

BÉRENGER - *(pondo a mão no pescoço)* Ah, é verdade... É gozado... Onde será que ela foi parar?

JEAN - *(tirando uma gravata do bolso do paletó)* Tome, ponha esta aqui.

BÉRENGER - Oh, obrigado, você é muito gentil.

JEAN - *(enquanto Bérenger põe a gravata de qualquer jeito)* Você está todo despenteado! *(Bérenger passa a mão pelos cabelos)* Tome, use este pente! *(Tira um pente do outro bolso do paletó)*

BÉRENGER - *(pegando o pente)* Obrigado. *(Penteia-se mais ou menos)*

JEAN - Você não fez a barba! Olha a cara que você tem. *(Tira um pequeno espelho do bolso interno do paletó, dá a Bérenger que se observa nele; olhando-se no espelho, põe a língua de fora)*

BÉRENGER - Estou com a língua muito suja.

JEAN - *(retomando o espelho e pondo-o no bolso)* Não é de admirar!... *(retoma também o pente que Bérenger lhe devolve, guardando-o no bolso)* A cirrose te espreita, meu amigo.

BÉRENGER - *(inquieto)* Você acha?...

JEAN *(a Bérenger que lhe quer devolver a gravata)* Guarde a gravata. Tenho mais de reserva.

BÉRENGER - *(admirativo)* Você é cuidadoso.

JEAN - *(continuando a inspecionar Bérenger)* Sua roupa está toda amarrutada, é uma vergonha; sua camisa está suja que dá medo, seus sapatos... *(Bérenger tenta esconder seus pés debaixo da mesa)* Seus sapatos não estão engraxados... Que desleixo!... Suas costas...

BÉRENGER - O que é que têm minhas costas?

JEAN - Vire-se. Vamos, vire-se. Você se encostou contra uma parede. *(Bérenger estende molemente sua mão para Jean)* Não, eu não trago escova comigo. Isso enche muito os bolsos. *(Sempre molemente Bérenger dá tapas nas costas, para tirar a poeira branca. Jean, meneando a cabeça)* ai, ai, ai... Onde foi que você se encostou?

BÉRENGER - Já não me lembro.

JEAN - É lamentável, lamentável. Tenho vergonha de ser seu amigo.

BÉRENGER - Você é muito severo...

JEAN - E o seria por muito menos!

BÉRENGER - Escute, Jean. Eu não tenho nenhuma distração, a gente se aborrece nesta cidade, não sou feito para o trabalho que tenho... Todos os dias, no escritório, durante oito horas, somente três semanas de férias no verão! No sábado à noite, estou tão cansado, que você compreende, para me distrair...

JEAN - Meu caro, todo mundo trabalha e eu também; também eu como todo mundo, faço todos os dias oito horas de escritório; também, não tenho senão vinte e um dias de férias por ano e, no entanto, você está me vendo... Um pouco de vontade, que diabo!

BÉRENGER - Ora, vontade! Nem todo mundo tem a sua. Eu por exemplo não consigo me habituar. Não, não me habituo com a vida.

JEAN - Todo mundo tem que se habituar. Ou será que você é de uma natureza superior?

BÉRENGER - Eu não pretendo...

JEAN - *(interrompendo)* Eu valho tanto quanto você; e mesmo posso dizer, sem falsa modéstia, valho mais que você. O homem superior é aquele que cumpre seu dever!

BÉRENGER - Que dever?

JEAN - Seu dever... Seu dever de empregado, por exemplo.

BÉRENGER - Ah, sim, seu dever de empregado...

JEAN - Afinal, onde é que se passaram as suas libações desta noite? Se é que você se lembra?

BÉRENGER - Estivemos festejando o aniversário do Augusto, nosso amigo Augusto...

JEAN - Nosso amigo Augusto? A mim não me convidaram, para o aniversário do nosso amigo Augusto...

(Neste momento, escuta-se o ruído muito longe, mas se aproximando bem depressa, de um ofegar de fera e de sua corrida precipitada, como também um longo barrido)

BÉRENGER - Eu não pude recusar. Não teria sido gentil.

JEAN - E eu fui?

BÉRENGER - Justamente... Talvez porque você não foi convidado!...

A GARÇONNETTE - *(saindo do café)* Bom dia senhores, que desejam beber?

(Os ruídos tornam-se muito fortes)

JEAN - *(a Bérenger e quase gritando por se fazer ouvir apesar dos ruídos que ele não percebe conscientemente)* Não, é verdade, eu não fui convidado. Não me deram esta honra... De todo jeito, posso assegurar que mesmo que tivesse sido convidado, não teria ido, por que... *(Os ruídos aumentaram muito)* O que está acontecendo? *(Os ruídos do galope de um animal potente e pesado estão bem próximos, muito acelerados; ouve-se o seu bufar)* Mas o que é que se passa?

A GARÇONNETTE - Mas o que é que se passa?

(Bérenger sempre indolente, sem dar mostras de compreender o que se passa, responde tranqüilamente a Jean, ao assunto do convite; mexe os lábios; não se ouve o que ele diz; Jean ergue-se de um salto, deixa cair sua cadeira ao levantar, olha do lado esquerdo dos bastidores apontando com o dedo enquanto Bérenger; sempre um pouco indolente permanece sentado)

JEAN - Oh, um rinoceronte!

(Os ruídos produzidos pelo animal surgem com a mesma rapidez, de tal forma que já se pode distinguir as palavras que se seguem: toda esta cena deve ser representada muito rápida)

JEAN - *(repetindo)* Oh, um rinoceronte!

A GARÇONNETTE - Oh, um rinoceronte!

A MERCEEIRA - *(cuja cabeça aparece através da porta)* Oh, um rinoceronte!
(A seu marido que está dentro da mercearia) Vem ver depressa, um rinoceronte!

(Todos seguem com o olhar, à esquerda, o trajeto da fera)

JEAN - Ele vai desabalado, raspando as vitrinas!

O MERCEEIRO - - *(na mercearia)* Onde?

A GARÇONNETTE - *(pondo a mão nos quadris)* Oh!

A MERCEEIRA - *(à seu marido, que está sempre dentro da mercearia)* Vem ver!

(Justo neste momento, vê-se o merceiro espreitando à porta)

O MERCEEIRO - - *(aparecendo)* Oh, um rinoceronte!

O LÓGICO - *(entrando rápido em cena pela esquerda)* Um rinoceronte, a toda a velocidade, na calçada da frente!

(Todas essas réplicas, a partir de "Oh, um rinoceronte" ditas por Jean, são quase simultâneas. Ouve-se um "Ah" exclamado por uma mulher. Ela aparece; corre até o meio do palco; é a Dona de Casa com seu cesto no braço: uma vez chegada ao meio do palco, deixa cair seu cesto: suas provisões se espalham em cena. Uma garrafa quebra-se, mas não larga o gato que tem no outro braço)

A DONA DE CASA - Ah! Oh!

(O Senhor Idoso, elegante, vindo da esquerda, em seguida da Dona de Casa se precipita para a mercearia, empurra-os e entra, enquanto que o Lógico irá se encostar na parede do fundo, à esquerda da porta de entrada da mercearia. Jean e a Garçonnette, de pé. Bérenger sentado, sempre apático, formam um outro grupo. Ao mesmo tempo, pode-se ouvir, vindos também da esquerda uns "Oh", e uns "ah"! e passos de pessoas que fogem. A poeira levantada pela fera, espalha-se pelo palco)

O PATRÃO - *(cuja cabeça aparece pela janela num andar acima da entrada do café)*

O que está acontecendo?

O SENHOR IDOSO - *(desaparecendo atrás dos donos da mercearia)* Perdão! *(O Senhor Idoso, elegante, usa polainas brancas, um chapéu de feltro, bengala encastoada de marfim. O Lógico está grudado contra a parede. Usa um bigodinho grisalho, monóculo e na cabeça uma palheta)*

A MERCEEIRA - *(empurrada e empurrando seu marido, para o Senhor Idoso)*

Cuidado com sua bengala, ora?

O MERCEEIRO - Ora essa, mais cuidado!

(Ver-se a cabeça do Senhor Idoso atrás dos merceeiros)

A GARÇONNETE - *(ao Patrão)* Um rinoceronte!

O PATRÃO - *(da sua janela à Garçonnette)* Você está sonhando! *(Vendo o rinoceronte)* Puxa!

ADONADE CASA - Oh! *(Os “oh” e os “ah” dos bastidores são como um “background” sonoro do “ah” dela; a Dona de Casa que deixou cair sua cesta de provisões e a garrafa, não deixou cair seu gato que ela tem no outro braço)*
Pobre bichinho, ele teve tanto medo!

O PATRÃO - *(olhando sempre para a esquerda, seguindo com os olhos o trajeto do animal, enquanto que os ruídos produzidos por este, vão decrescendo; ruído dos cascos, barrido, etc. Bérenger desvia simplesmente um pouco a cabeça por causa da poeira, um pouco sonolento, sem dizer nada; faz simplesmente uma careta)* Esta agora!

JEAN - *(desviando também um pouco a cabeça, mas com vivacidade)* Esta agora! *(Espirra)*

ADONADE CASA - *(no meio do palco, mas virada para a esquerda: as provisões estão espalhadas pelo chão em volta dela)* Esta agora! *(Espirra)*

O SENHOR IDOSO, MERCEEIRO E MERCEEIRA - *(no fundo, reabrindo a porta envidraçada da mercearia, que o Senhor Idoso tinha fechado)* Esta agora!

JEAN - Esta agora! *(A Bérenger)* Você viu?

(Os ruídos feitos pelo rinoceronte e seu barrido, ouvem-se muito ao longe. As pessoas de pé, seguem ainda com o olhar, o animal, menos Bérenger, sentado, sempre apático)

TODOS - *(menos Bérenger)* Esta agora!

BÉRENGER - *(a Jean)* Parece-me sim, que era um rinoceronte! Isso faz uma poeira! *(Tira seu lenço assoa-se)*

A DONA DE CASA - Esta agora! Que medo que eu tive!

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* Sua cesta... Suas provisões...

(O Senhor Idoso aproxima-se da dama e abaixa-se para apanhar as provisões espalhadas pelo chão. Cumprimenta-a galantemente, tirando o chapéu)

O PATRÃO - Ora essa, não lembra o diabo...

A GARÇONNETTE - Essa é boa!...

O SENHOR IDOSO - *(à Dona)* Permite que a ajude recolher suas provisões?

A DONA-DE-CASA - *(ao Senhor Idoso)* Obrigada Senhor. Tenha a bondade de se cobrir. Ah, que susto que tomei.

O LÓGICO - O medo é irracional. A razão deve vencê-lo.

A GARÇONNETTE - Não o vemos mais.

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa, mostrando o Lógico)* Meu amigo é Lógico.

JEAN - *(a Bérenger)* O que é que você acha disto?

A GARÇONNETTE - Como vão depressa esses bichos!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico)* Muito prazer, cavalheiro.

A MERCEEIRA - *(ao marido)* É muito bem feito. Ela não comprou aqui.

JEAN - *(ao Patrão, e à Garçonnette)* O que é que vocês dizem disto?

A DONA DE CASA - Apesar de tudo não larguei meu gatinho.

O PATRÃO - *(dando de ombros na janela)* Não é sempre que se vê disto!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico, enquanto que o Senhor Idoso recolhe as provisões)* O senhor quer pegá-lo um instante?

A GARÇONNETTE - *(a Jean)* Eu nunca tinha visto disso!

O LÓGICO - *(à Dona de Casa, pegando o gato nos braços)* Ele não é bravo?

O PATRÃO - *(a Jean)* É como um cometa!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico)* Ele é muito mansinho *(aos outros)* Meu vinho, que pena, pelo preço que está!

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* Eu também tenho, não é isso que falta.

JEAN - *(a Bérenger)* Então, o que é que você acha disto?

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* E do bom!

O PATRÃO - *(a Garçonnette)* Não perca tempo! Sirva estes senhores!

(Mostra Bérenger e Jean; desaparece)

BÉRENGER - *(a Jean)* De que é que você está falando?

A MERCEEIRA - *(ao marido)* Vai levar para ela uma outra garrafa!

JEAN - *(a Bérenger)* Do rinoceronte, ora, do rinoceronte!

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* Eu tenho bom vinho, em garrafas inquebráveis!

(Ele desaparece na mercearia)

O LÓGICO - *(acariciando o gato nos seus braços)* Bichinho! Bichinho! Bichinho!

A GARÇONNETTE - *(a Bérenger e a Jean)* O que os senhores vão beber?

BÉRENGER - *(à Garçonnette)* Dois “Pernods”.

A GARÇONNETTE - Muito bem, senhor.

(Se dirige para a entrada do café)

A DONA DE CASA - *(recolhendo suas provisões, ajudada pelo senhor idoso)*
O senhor é muito amável, cavalheiro.

A GARÇONNETTE - Dois “Pernods!” *(Entra no café)*

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Nada mais que um servidor, cara senhora.

(O Merceeiro entra)

O LÓGICO - *(ao Senhor, à Dona de Casa, que estão recolhendo as provisões)* Reponham-nas metódicamente.

JEAN - *(a Bérenger)* Então, o que você diz?

BÉRENGER - *(a Jean, não sabendo o que dizer)* Bem... Nada... Isto levanta poeira...

O MERCEEIRO - *(saindo da mercearia com uma garrafa de vinho, à Dona de Casa)* Também tenho alho poro.

O LÓGICO - *(sempre acariciando o gato nos seus braços)* Bichinho! Bichinho! Bichinho!

O MERCEEIRO - *(à Dona de Casa)* É cem francos o litro.

A DONA DE CASA - *(dá o dinheiro ao Merceeiro, depois dirigindo-se ao Senhor Idoso, que conseguiu pôr tudo dentro da cesta)* O senhor é muito amável. Ah, a cortesia francesa! Não é como a juventude de hoje.

O MERCEEIRO - *(pegando o dinheiro da Dona de Casa)* Precisa vir comprar na nossa casa. Assim já não tem que atravessar a rua. Nem se arrisca a ter maus encontros! *(Volta para a mercearia)*

JEAN - *(que voltou a sentar-se e pensa sempre no rinoceronte)* Apesar de tudo é uma coisa extraordinária!

O SENHOR IDOSO - *(tira seu chapéu, beija a mão da Dona de Casa)* Muito prazer em conhecê-la!

A DONA DE CASA - *(ao Lógico)* Obrigada, senhor, por ter segurado meu gato!

(O Lógico entrega o gato à dona. A Garçonnette reaparece, com as bebidas)

A GARÇONNETTE - Aqui estão os “Pernods”, senhores!

JEAN - *(a Bérenger)* Incorrigível!

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Posso acompanhá-la um pedaço do caminho?

BÉRENGER - *(a Jean, mostrando a Garçonnette, que entra de novo no café)* Eu tinha pedido água mineral. Ela se enganou. *(Jean dá de ombros desdenhoso e incrédulo)*

A DONA DE CASA - *(ao Senhor)* Meu marido me espera, caro senhor.

Obrigada. Ficaré para uma outra vez!

O SENHOR IDOSO - (*à Dona de Casa*) Assim espero, de todo coração, cara senhora.

A DONA DE CASA - (*ao Senhor*) Eu também. (*Olhos lânguidos, depois sai pela esquerda*)

BÉRENGER - Acabou-se a poeira...

(*Jean dá de ombros*)

O SENHOR IDOSO - (*ao Lógico, seguindo a Dona de Casa com o olhar*)
Deliciosa!...

JEAN - (*a Bérenger*) Um rinoceronte! Estou pasmado!

(*O Senhor Idoso e o Lógico dirigem-se para a direita, calmamente, por onde vão sair. Conversam tranqüilamente*)

O SENHOR IDOSO - (*ao Lógico, depois de ter olhado uma última vez, na direção da Dona*) Simpática, não é?

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) Eu vou lhe explicar o que é o silogismo.

O SENHOR IDOSO - Ah, sim, o silogismo!

JEAN - a Bérenger: Mal posso acreditar! É uma coisa inadmissível.

(*Bérenger boceja*)

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) O silogismo compreende a proposição principal, a secundária e a conclusão.

O SENHOR IDOSO - Que conclusão?

(*O Lógico e o Senhor Idoso saem*)

JEAN - Ah, não, custa-me a acreditar.

BÉRENGER - (*a Jean*) Está se vendo que lhe custa. Era um rinoceronte, e daí? Era um rinoceronte! Já está longe... Já passou...

JEAN - Mas, vejamos, vejamos... É espantoso! Um rinoceronte à solta na cidade, isso não surpreende? Não devia ser permitido! (*Bérenger boceja*) Ponha a mão na frente da boca!...

BÉRENGER - Sim... Sim... Não deviam permitir. É perigoso. Não tinha pensado nisso. Não se preocupe, nós estamos fora de seu alcance.

JEAN - Deveríamos ir protestar junto às autoridades municipais! Afinal, para que servem, as autoridades municipais?

BÉRENGER - *(bocejando, pondo rapidamente a mão na frente da boca)* Oh, perdão... Talvez o rinoceronte tenha fugido do jardim zoológico!

JEAN - Você está sonhando em pé?

BÉRENGER - Estou sentado.

JEAN - Sentado ou em pé, dá na mesma.

BÉRENGER - Mas mesmo assim, há uma diferença.

JEAN - Não se trata disso.

BÉRENGER - Você é que acabou de me dizer que dava na mesma, estar sentado ou em pé.

JEAN - Você não compreendeu. Sentado ou em pé, dá na mesma, quando se sonha!...

BÉRENGER - É isso, eu sonho... A vida é um sonho.

JEAN - *(continuando)*... Você sonha, quando diz que o rinoceronte escapou do jardim zoológico...

BÉRENGER - Eu disse talvez...

JEAN - *(continuando)*... Porque já não há jardim zoológico na nossa cidade desde que os animais morreram com a peste... E isso já foi há muito tempo...

BÉRENGER - *(mesma indiferença)* Então talvez tenha vindo do circo.

JEAN - Qual circo?

BÉRENGER - Não sei... Um circo ambulante.

JEAN - Você sabe muito bem, que a prefeitura proibiu aos nômades de permanecer na nossa região... Desde a nossa infância que eles não vêm aqui.

BÉRENGER - *(tentando não bocejar e não conseguindo)* Nesse caso talvez ele tenha ficado desde essa data, nas florestas pantanosas dos arredores.

JEAN - (*erguendo os braços*) Florestas pantanosas dos arredores! Florestas pantanosas dos arredores! ... Mas meu pobre amigo, você está completamente perdido nas brumas do álcool.

BÉRENGER - (*ingênuo*) Isso é verdade... Elas vêm do estômago...

JEAN - E transtornam-lhe o cérebro. Onde é que você já viu florestas pantanosas nos arredores?... a nossa região é conhecida como “pequeno Saara” de tão deserta que é!

BÉRENGER - (*excedido e bastante cansado*) Então não sei, ora! Talvez ele tenha se abrigado numa pedra ou talvez tenha feito seu ninho num galho seco!

JEAN - Se você se acha muito espirituoso, fique sabendo que se engana! Você é muito sem graça com esses seus paradoxos! Eu o acho incapaz de falar seriamente.

BÉRENGER - Isso é só hoje... Por causa de... Porque eu... (*Indica sua cabeça com um gesto vago*)

JEAN - Hoje como sempre!

BÉRENGER - Nem tanto, apesar de tudo!

JEAN - Os seus gracejos não valem nada!

BÉRENGER - Eu não pretendo que...

JEAN - (*interrompendo-o*) Não gosto que me gozem!

BÉRENGER - (*a mão no coração*) Eu nunca me permitiria, meu caro Jean...

JEAN - (*interrompendo-o*) Meu caro Bérenger, você se permite...

BÉRENGER - Ah não, isso não, isso eu não me permito.

JEAN - Sim senhor, você acabou de se permitir!

BÉRENGER - Como é que você pode pensar...

JEAN - (*interrompendo-o*) Eu penso o que é!

BÉRENGER - Mas eu lhe juro...

JEAN - (*interrompendo-o*) ... Que você está me gozando!

BÉRENGER - Ora, mas isso... Você é cabeçudo.

JEAN - E você me toma por imbecil, ainda por cima. Está vendo? Você até me insulta.

BÉRENGER - Isso nem podia me passar pela idéia.

JEAN - Idéia? Você não tem idéia...

BÉRENGER - Por isso mesmo é que não podia me passar pela idéia...

JEAN - Há coisas que passam pela idéia, mesmo daqueles que não a têm.

BÉRENGER - Isso é impossível.

JEAN - Porque é impossível?

BÉRENGER - Porque é impossível.

JEAN - Então explique porque que é impossível, visto que você pretende ser capaz de explicar tudo...

BÉRENGER - Eu nunca pretendi uma coisa dessas.

JEAN - Então, por que é que você se dá ares? E mais uma vez: por que me insulta?

BÉRENGER - Eu não o insulto, pelo contrário, você bem sabe como o estimo.

JEAN - Se você me estima, porque me contradiz, pretendendo que não é perigoso deixar à solta um rinoceronte em pleno centro, principalmente num domingo de manhã, quando as ruas estão cheias de crianças... E também de adultos...

BÉRENGER - Muitos estão na missa. Esses não arriscam nada...

JEAN - (*interrompenda-o*) Um momento... E ainda na hora das compras...

BÉRENGER - Eu nunca afirmei que não era perigoso deixar um rinoceronte à solta na cidade. Eu disse muito simplesmente que não tinha refletido sobre esse perigo. Nunca tinha pensado sobre o assunto.

JEAN - Você nunca pensa em nada!

BÉRENGER - Bem, está bem. Um rinoceronte em liberdade, não está certo.

JEAN - Isso não deveria acontecer.

BÉRENGER - De acordo. Isso não deveria acontecer. É até uma coisa insensata. De acordo. No entanto, não há razão para você brigar comigo por causa de uma fera. Você está querendo criar caso por causa de um perissodáctilo qualquer, que acaba de passar por acaso diante da gente? Um estúpido quadrúpede, que nem se quer merece que se fale dele! E feroz, ainda por cima... Que além do mais, desapareceu, já nem existe. Vamos agora nos preocupar de um animal que deixou de existir! Falemos de outra coisa, meu caro Jean, falemos de outra coisa, que os assuntos não faltam... *(boceja, pega no copo)* À sua saúde!

(Neste momento, o Lógico e o Senhor Idoso entram de novo, pela direita: irmão instalar-se sempre falando, numa das mesas do café, relativamente longe de Bérenger e de Jean, em 2º plano e à direita destes)

JEAN - Largue o copo. Não beba.

(Jean bebe um grande gole do seu "Pernod" e coloca o copo meio vazio sobre a mesa. Bérenger continua com o seu copo na mão, sem beber)

BÉRENGER - Também, não vou agora deixá-lo de presente ao Patrão!

(Faz menção de querer beber mais)

JEAN - Largue isso, já lhe disse.

BÉRENGER - Está bem. *(Vai para colocar o copo sobre a mesa, mas nesse momento passa Daisy, jovem datilógrafa loura que atravessa o palco da direita, para a esquerda. Vendo Daisy, Bérenger levanta-se bruscamente, o que o leva a deixar cair o copo e molhar a calça de Jean)* Oh, Daisy!

JEAN - Cuidado! Como você é desastrado!

BÉRENGER - É Daisy... Desculpe... *(vai se esconder para não ser visto por Daisy)* Não quero que ela me veja... No estado em que me encontro.

JEAN - Você é imperdoável, absolutamente imperdoável! *(Olha na direção de Daisy que desaparece)* Esta moça lhe mete medo?

BÉRENGER - Cale-se, cale-se.

JEAN - No entanto, ela não tem ar de fera!

BÉRENGER - *(voltando para perto de Jean, logo que Daisy desapareceu)* Desculpe mais uma vez por...

JEAN - Veja só o que vale beber: você não domina os seus movimentos, perde a força nas mãos, anda perturbado, estropiado. Você está cavando o seu próprio túmulo, meu caro amigo, você está se perdendo.

BÉRENGER - Eu não gosto muito de álcool. E, no entanto, se não bebo, não me sinto bem. É como se eu tivesse medo... Então bebo para não ter mais medo.

JEAN - Medo de que?

BÉRENGER - Não sei bem como explicar. São umas angústias difíceis de definir. Não me sinto à vontade na vida... No meio das pessoas... Então, recorro ao álcool. E isso me acalma, me descontraí, me faz esquecer.

JEAN - Você se esquece de você mesmo!

BÉRENGER - Estou cansado. Há muitos anos que me sinto cansado. Custa-me a suportar o peso do meu próprio corpo...

JEAN - Isso é neurastenia alcoólica, é a melancolia do bebedor...

BÉRENGER - *(continuando)* Eu sinto a cada instante o meu corpo, como se ele fosse de chumbo, ou como se carregasse um outro homem nas costas. Ainda não me habituei comigo mesmo. Eu não sei se eu sou eu. Mas basta beber um pouco, o fardo desaparece e eu me reconheço, eu me torno eu mesmo.

JEAN - Escute, Bérenger. Isso são elucubrações. Olhe para mim: eu peso mais do que você, no entanto, eu me sinto leve! Leve! Leve! *(Mexe com os braços, como se fosse voar. O Senhor Idoso e o Lógico, que voltaram a aparecer, dão alguns passos em cena, conversando familiarmente. Precisamente neste momento, eles passam perto de Jean e Bérenger. Jean, esbracejando, empurra o Senhor Idoso, que vai cair nos braços do Lógico)*

O LÓGICO - *(continuando a discussão)* Um exemplo de silogismo... *(senão empurrado)* Oh!

O SENHOR IDOSO - *(a Jean)* Cuidado *(ao Lógico)* Perdão.

JEAN - *(ao Senhor Idoso)* Perdão.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Não foi nada.

O SENHOR IDOSO - *(a Jean)* Não foi nada.

(O Senhor Idoso e o Lógico vão sentar-se numa das mesas do terraço, um pouco à direita e atrás de Jean e Bérenger)

BÉRENGER - (*a Jean*) Você tem força.

JEAN - Sim, eu tenho força: Tenho força por várias razões. Em primeiro lugar, eu tenho força, porque eu tenho força e em segundo lugar, eu tenho força, porque tenho força moral. E mais: também tenho força, porque não sou alcoólatra, meu caro. Eu não o quero magoar, mas devo lhe dizer, que na realidade o que pesa é o álcool.

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) Assim, vejamos um silogismo exemplar: O gato tem quatro patas. Isidoro e Fricot têm cada um quatro patas. Logo, Isidoro e Fricot, são gatos.

O SENHOR IDOSO - (*ao Lógico*) O meu cachorro também tem quatro patas.

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) Então é um gato.

BÉRENGER - (*a Jean*) Quanto a mim, sinto pouca força para agüentar a vida. Talvez também não tenha muito interesse nisso.

O SENHOR IDOSO - (*ao Lógico, depois de ter refletido bastante*) Assim, logicamente, o meu cão não passa de um gato.

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) Logicamente sim, mas o contrário também é verdade.

BÉRENGER - (*a Jean*) A solidão pesa-me. E a sociedade também.

JEAN - (*a Bérenger*) Você se contradiz. É a solidão que pesa ou é a multidão? Você se toma por um pensador e não tem nenhuma lógica.

O SENHOR IDOSO - (*ao Lógico*) É bonito, a lógica.

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) Contanto que não se abuse.

BÉRENGER - (*a Jean*) Viver é uma coisa anormal.

JEAN - Pelo contrário, nada mais natural. E a prova é que toda gente vive.

BÉRENGER - Os mortos, são mais numerosos que os vivos. O número deles aumenta e os vivos são raros.

JEAN - Os mortos não existem, é caso de dizer!... Ah, ah... (*gargalhadas*) E esses também lhe pesam? Como é que podem pesar coisas que não existem?

BÉRENGER - Pergunto a mim mesmo se existem ou não!

JEAN - *(a Bérenger)* Você não existe, meu caro, você não pensa! Pense e você existirá.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Um outro silogismo: todos os gatos são mortais. Sócrates é mortal. Logo, Sócrates é um gato.

O SENHOR IDOSO - E que tem quatro patas. É verdade, eu tenho um gato que se chama Sócrates.

O LÓGICO - Está vendo?

JEAN - *(a Bérenger)* Você no fundo é um farsante, um mentiroso. Você diz que a vida não lhe interessa, no entanto, há alguém que lhe interessa!

BÉRENGER - Quem?

JEAN - Sua coleguinha de escritório que acaba de passar. Você está apaixonado!

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Assim Sócrates era um gato!

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Como a lógica acaba de nos revelar.

JEAN - *(a Bérenger)* Você não queria ser visto por ela no estado deplorável em que se encontra. *(gesto de Bérenger)* Isso prova, que nem tudo lhe é indiferente. Mas como quer você que Daisy se interesse por um bêbado?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Voltemos aos gatos.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Estou ouvindo.

BÉRENGER - *(a Jean)* De qualquer modo me parece que ela já tem alguém em vista.

JEAN - *(a Bérenger)* Quem é?

BÉRENGER - Dudard. Um colega de escritório: licenciado em direito, jurista, grande futuro na casa e também no coração de Daisy; não posso rivalizar com ele.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* O gato Isidoro tem quatro patas.

O SENHOR IDOSO - Como é que você sabe?

O LÓGICO - Por hipótese.

BÉRENGER - *(a Jean)* Ele é muito bem visto pelo chefe. Eu como não estudei

não tenho futuro; logo, com ela não tenho chance.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Ah! Por hipótese!

JEAN - *(a Bérenger)* E você vai renunciar assim sem mais nem menos?...

BÉRENGER - *(a Jean)* Que poderia eu fazer?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Pricot também tem quatro patas. Quantas patas terão Fricot e Isidoro?

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Em conjunto ou separadamente?

JEAN - *(a Bérenger)* A vida é uma luta e quem não combate é covarde!

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Em conjunto ou separadamente, depende.

BÉRENGER - *(a Jean)* Que é que você quer? Eu estou desarmado.

JEAN - Arme-se, meu caro, arme-se.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico, depois de ter refletido com sofrimento)* Oito, oito patas.

O LÓGICO - A lógica leva ao cálculo mental.

O SENHOR IDOSO - Ela tem muitas facetas!

BÉRENGER - *(a Jean)* E onde encontrar as armas?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* A lógica não tem limites!

JEAN - *(a Bérenger)*... Em você mesmo, pela sua vontade.

BÉRENGER - *(a Jean)* Que armas?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Você vai ver...

JEAN - *(a Bérenger)* As armas da paciência, da cultura, as armas da inteligência. *(Bérenger boceja)* Torne-se um espírito vivo e brilhante. Ponha-se a par das coisas.

BÉRENGER - *(a Jean)* Como se pôr a par?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Eu tiro duas patas a estes gatos. Quantas ficam a cada um?

O SENHOR IDOSO - Isso é complicado.

BÉRENGER - *(a Jean)* Isso é complicado.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Pelo contrário, é simples.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Talvez seja fácil para você, para mim não.

BÉRENGER - *(a Jean)* Talvez seja fácil para você. Para mim não.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Vejamos, faça um esforço de raciocínio. Aplique-se.

JEAN - *(a Bérenger)* Vejamos, faça um esforço de vontade. Aplique-se.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Não consigo.

BÉRENGER - *(a Jean)* Com franqueza, não consigo.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* É preciso lhe explicar tudo.

JEAN - *(a Bérenger)* É preciso lhe explicar tudo.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Pegue numa folha de papel e faça o cálculo. Tirem-se duas patas aos dois gatos, quantas patas ficam para cada gato?

O SENHOR IDOSO - Espere... *(Faz cálculos numa folha de papel que tira do bolso)*

JEAN - Vejamos o que é preciso fazer: você se veste corretamente, faz a barba todos os dias, veste camisa limpa.

BÉRENGER - *(a Jean)* Custa caro, a lavanderia...

JEAN - *(a Bérenger)* Economize no álcool. Mas isto é quanto ao exterior: chapéu, gravata como esta, terno elegante, sapatos bem engraxados. *(Falando das peças do vestuário, Jean mostra com ênfase, seu chapéu, sua gravata, seus sapatos)*

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Há várias soluções possíveis.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Diga.

BÉRENGER - *(a Jean)* E depois, o que se deve fazer? Diga.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Estou ouvindo.

BÉRENGER - *(a Jean)* Estou ouvindo.

JEAN - *(a Bérenger)* Você é tímido, mas é dotado!

BÉRENGER - *(a Jean)* Eu sou dotado?

JEAN - Você tem dons que é preciso valorizar. Ponha-se a par dos acontecimentos literários e culturais de nossa época.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Uma primeira possibilidade: um gato pode ter quatro patas e o outro duas.

BÉRENGER - *(a Jean)* Tenho tão pouco tempo livre.

O LÓGICO - Você é dotado. O que é preciso é valorizar os seus dons.

JEAN - Aproveite o pouco tempo livre que roce tem. Não se entregue.

O SENHOR IDOSO - Nunca tive tempo. Eu era funcionário público.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Sempre se encontra tempo para aprender.

JEAN - *(a Bérenger)* Sempre se encontra tempo.

BÉRENGER - *(a Jean)* Agora é tarde demais.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Para mim é tarde demais.

JEAN - *(a Bérenger)* Nunca é tarde demais.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Nunca é tarde demais.

JEAN - *(a Bérenger)* Você tem oito horas de trabalho, como eu, como todo mundo. Mas, e o domingo, e as noites, e as três semanas de férias no verão? Com método, isso basta.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Então, as outras soluções? Com método, com método...

(O Senhor Idoso põe-se a calcular novamente)

JEAN - *(a Bérenger)* Escute, em vez de beber e ficar doente, não é melhor estar sã e bem disposto, mesmo no escritório? E você pode passar seus momentos disponíveis de uma maneira inteligente.

BÉRENGER - *(a Jean)* Como?

JEAN - *(a Bérenger)* Visite os museus, leia revistas literárias, assista conferências. Isso acabará com suas angústias e lhe formará o espírito. Em quatro semanas, você será um homem culto.

BÉRENGER - *(a Jean)* Você tem razão!

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Pode haver um gato de cinco patas...

JEAN - *(a Bérenger)* Ainda bem que você reconhece.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* E um outro gato com uma pata. Mas então podemos dizer que são gatos?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Por que não?

JEAN - *(a Bérenger)* Em vez de gastar todo seu dinheiro disponível em bebidas, não seria preferível comprar bilhetes de teatro, para assistir a um espetáculo interessante? Você conhece o teatro de vanguarda de que toda gente fala? Você já viu as peças de Ionesco?

BÉRENGER - *(a Jean)* Infelizmente não! Mas já ouvi falar muito.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Tirando-se duas patas das oito dos dois gatos...

JEAN - *(a Bérenger)* Então aproveite. Estão levando uma neste momento.

O SENHOR IDOSO - Podemos ter um gato de seis patas.

BÉRENGER - Será uma excelente iniciação à vida artística do nosso tempo.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* E um gato completamente sem patas?

BÉRENGER - Você tem razão, tem razão. Eu vou me pôr a par, como você diz.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Nesse caso, haverá um gato privilegiado.

BÉRENGER - *(a Jean)* Eu lhe prometo.

JEAN - Prometa principalmente a você mesmo.

O SENHOR IDOSO - E um gato alienado de todas as suas patas, desclassificado?

BÉRENGER - Eu me prometo solenemente. Mantereí a minha palavra.

O LÓGICO - Isso não seria justo. Logo, não seria lógico.

BÉRENGER - *(a Jean)* Em vez de beber, decido cultivar o espírito. Já me sinto melhor, já tenho até as idéias mais claras.

JEAN - Está vendo?

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Não seria lógico?

BÉRENGER - Hoje à tarde mesmo, vou ao museu municipal e para esta noite vou comprar duas entradas para o teatro. Você vem comigo?

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Porque a justiça é a própria lógica.

JEAN - *(a Bérenger)* Vai ser preciso perseverar, para que as suas boas intenções sejam duradouras.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Compreendi. A justiça...

BÉRENGER - *(a Jean)* Eu lhe prometo, assim como a mim mesmo. Você quer vir comigo esta tarde ao museu?

JEAN - *(a Bérenger)* Esta tarde durmo a sesta. Está no meu programa.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* A justiça é ainda uma faceta da lógica.

BÉRENGER - *(a Jean)* Mas você virá comigo esta noite ao teatro?

JEAN - Não, esta noite não.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* O seu espírito se esclarece!

JEAN - *(a Bérenger)* Desejo que você persevere nas suas boas intenções, mas esta noite eu tenho que encontrar uns amigos no bar.

BÉRENGER - No bar?

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* De resto, um gato completamente sem patas...

JEAN - *(a Bérenger)* Prometi ir lá, tenho que cumprir a minha promessa.

O SENHOR IDOSO - *(ao Lógico)* Não poderia correr o bastante para caçar os ratos.

BÉRENGER - *(a Jean)* Ah, meu caro, é a sua vez de dar o mau exemplo. Você

vai se embriagar.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Você já está fazendo progressos na lógica!

(Começa-se novamente a ouvir, aproximando-se sempre muito depressa, um galope rápido, um barrido, os barulhos precipitados dos cascos de um rinoceronte, seu fôlego ruidoso, mas desta vez em sentido inverso, do fundo do palco para frente, sempre nos bastidores à esquerda)

JEAN - *(furioso, a Bérenger)* Meu caro amigo, uma vez não é hábito. Nenhuma comparação com o seu caso, porque você... Você... Não é a mesma coisa...

BÉRENGER - *(a Jean)* Porque comigo é diferente?

JEAN - *(gritando para dominar o barulho vindo do fundo)* Eu não sou um bêbado!

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso)* Mesmo sem patas, o gato deve caçar os ratos. Isto é próprio da natureza do gato.

BÉRENGER - *(gritando)* Eu não quero dizer que você seja um bêbado. Mas porque é que eu seria mais do que você, em situações idênticas?

O SENHOR IDOSO - *(gritando ao Lógico)* O que é que é próprio à natureza do gato?

JEAN - *(a Bérenger, gritando)* Tudo é uma questão de medida. Ao contrário de você, sou um homem ponderado.

O LÓGICO - *(ao Senhor Idoso, com as mãos em concha na orelha)* O que é que você disse?

(Grandes ruídos cobrem as palavras dos quatro personagens)

BÉRENGER - *(mãos em concha a Jean)* Enquanto que eu o quê, que é que você disse?

JEAN - *(berrando)* Eu disse que...

O SENHOR IDOSO - *(berrando)* Eu disse que...

JEAN - *(tomando consciência dos ruídos que estão muito próximos)* Mas o que é que está acontecendo?

O LÓGICO - Mas o que é isto?

JEAN - *(levanta-se, faz cair a cadeira ao levantar-se, olha na direção dos bastidores da esquerda, donde chegam os ruídos de um rinoceronte passando no sentido inverso)*

Oh! Um rinoceronte!

O LÓGICO - *(levantando-se, deixa cair a cadeira)* Oh, um rinoceronte!

O SENHOR IDOSO - *(a mesma coisa)* Oh, um rinoceronte!

BÉRENGER - *(sempre sentado, mas mais abordado desta vez)* Rinoceronte!
Em sentido inverso.

A GARÇONNETTE - *(aparecendo com uma bandeja e copos)* O que é? Oh, um rinoceronte!

(Deixa cair a bandeja: os copos quebram-se)

O PATRÃO - *(saindo do café)* O que é que foi?

A GARÇONNETTE - *(ao Patrão)* Um rinoceronte!

O LÓGICO - Um rinoceronte a toda velocidade na calçada da frente!

O MERCEEIRO - *(aparecendo)* Oh, um rinoceronte!

JEAN - Oh, um rinoceronte!

A MERCEEIRA - *(assomando à janela, acima da entrada)* Oh, um rinoceronte!

O PATRÃO - *(à Garçonnette)* Isso não é uma razão para quebrar os copos.

JEAN - Ele vai desembalado, raspando as vitrinas!

DAISY - *(aparecendo da esquerda)* Oh, um rinoceronte!

BÉRENGER - *(vendo Daisy)* Oh, Daisy!

(Ouvem-se passos precipitados de pessoas fugindo e exclamando oh\ e ah\ como há pouco)

A GARÇONNETTE - Essa agora!

O PATRÃO - *(à Garçonnette)* Você ainda vai me pagar estes copos!

(Bérenger procura esconder-se para não ser visto por Daisy. O Senhor Idoso, o

Lógico, o Merceeiro e a Merceeira, dirigem-se para o centro do palco e dizem)

CONJUNTO - Essa agora!

JEAN - *(a Bérenger)* Essa agora!

(Ouve-se um miado dilacerante e depois o grito também dilacerante, de uma mulher)

TODOS - Oh!

(Quase no mesmo instante e enquanto os ruídos se afastam rapidamente, aparece a Dona de Casa de há pouco, sem a cesta, mas tendo nos braços um gato morto e ensangüentado)

A DONA DE CASA - *(lamentando-se)* Ele esmagou o meu gato, esmagou o meu gato!

A GARÇONNETTE - Ele esmagou o gatinho dela!

(O Merceeiro e a Merceeira, na janela, o Senhor Idoso, Daisy, o Lógico, cercam a Dona e dizem)

TODOS JUNTOS - Vejam que coisa horrível, pobre animalzinho!

O SENHOR IDOSO - Pobre animalzinho!

DAISY E GARÇONNETTE - Pobre animalzinho!

O MERCEEIRO E A MERCEEIRA (À JANELA) O SENHOR IDOSO E O

LÓGICO - Pobre animalzinho!

O PATRÃO - *(à Garçonnette, mostrando os copos quebrados, as cadeiras caídas no chão)* Que é que você está fazendo? Recolha logo isso! *(Por sua vez, Jean e Bérenger precipitam-se cercando a Dona, que continua se lamentando, com o gato morto nos braços)*

A GARÇONNETTE - *(dirigindo-se ao terraço do café para recolher os cacos dos copos e as cadeiras espalhadas, sempre olhando para trás, na direção da Dona)* Oh, pobre animalzinho!

O PATRÃO - *(indicando a Garçonnette, as cadeiras e os cacos)* Ali, ali!

O SENHOR IDOSO - *(ao Merceeiro)* Que é que me diz disto?

BÉRENGER - *(à Dona)* Não chore, minha senhora, que isso nos aflige muito.

DAISY - *(a Bérenger)* Senhor Bérenger... Estava aqui? o senhor viu?

BÉRENGER - *(a Daisy)* Bom dia, senhorita Daisy, desculpe, mas eu não tive tempo de fazer a barba...

O PATRÃO - *(controlando a recolha dos cacos e logo depois olhando rápido para a Dona)* Pobre animalzinho!

A GARÇONNETE - *(recolhendo os cacos, de costas viradas para a Dona)*
Pobre animalzinho!

(Evidentemente, estas réplicas devem ser ditas muito rapidamente, quase simultaneamente)

A MERCEEIRA - *(à janela)* Ah, isso também já é demais!

JEAN - Ah, isso também é demais!

A DONA DE CASA - *(lamentando-se, embalando o gato morto no seu colo)*
Meu pobre Michin, meu pobre Michin!...

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Eu teria preferido revê-la noutras circunstâncias!

O LÓGICO - *(à Dona de Casa)* Que se há de fazer, minha senhora, todos os gatos são mortais! É preciso resignação.

A DONA DE CASA - *(lamentando-se)* Meu gato, meu gato, meu gato!

O PATRÃO - *(à Garçonnette, que tem o avental cheio de cacos de vidro)* Vá, ande, vá jogar isso na lata de lixo! *(Levantando as cadeiras)* Você está me devendo mil francos!

A GARÇONNETE - *(entrando no café, ao Patrão)* Também, só pensa no seu dinheirinho.

A MERCEEIRA - *(à Dona de Casa, da janela)* Então, acalme-se minha senhora.

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Então, acalme-se minha senhora.

A MERCEEIRA - A gente tem dó, mesmo assim.

A DONA DE CASA - Meu gato! Meu gato! Meu gato!

DAISY - Ah, lá isso é verdade, é de dar dó mesmo assim.

O SENHOR IDOSO - *(agarrando a Dona de Casa e dirigindo-se com ela, até uma mesa do terraço, seguido por todos os outros)* Sente-se aqui, minha senhora.

JEAN - *(ao Senhor Idoso)* Que é que me diz disto?

O MERCEEIRO - *(ao Lógico)* Que é que me diz disto?

A MERCEEIRA - *(à Daisy, da janela)* Que é que me diz disto?

O PATRÃO - *(à Garçonnette que reaparece, enquanto fazem sentar-se a uma mesa do terraço a Dona de Casa, sempre embalando o gato morto)* Um copo d'água para a madame.

O SENHOR IDOSO - *(à Dona)* Sente-se minha cara senhora!

JEAN - Pobre senhora!

A MERCEEIRA - *(à janela)* Pobre animalzinho!

BÉRENGER - *(à Garçonnette)* Em vez de água traga um conhaque.

O PATRÃO - *(à Garçonnette)* Um conhaque! *(mostrando Bérenger)* É aquele senhor que paga! *(A Garçonnette entra no café, dizendo)*

A GARÇONNETTE - Está certo, um conhaque!

A DONA DE CASA - *(soluçando)* Eu não quero isso, não quero isso!

O MERCEEIRO - Ainda há pouco, ele passou ali na frente da minha porta.

JEAN - *(ao dono)* não era o mesmo!

O MERCEEIRO - *(a Jean)* No entanto...

A MERCEEIRA - Ah, era sim, era o mesmo.

DAISY - É a segunda vez que passa?

O PATRÃO - Eu acho que era o mesmo.

JEAN - Não. Não era o mesmo rinoceronte. Aquele de há pouco, tinha dois cornos no focinho. Era um rinoceronte da Ásia; este agora só tinha um, era um rinoceronte da África!

(A Garçonnette surge com um copo de conhaque e leva-o à Dona)

O SENHOR IDOSO - Aqui está um conhaque para animá-la.

A DONA DE CASA - *(chorando)* Nãoo...

BÉRENGER - *(subitamente enervado, a Jean)* Você está dizendo bobagens! Como é que você conseguiu distinguir os cornos? O bicho passou a uma tal velocidade que a gente mal conseguiu enxergá-lo ...

DAISY - *(à dona de casa)* Sim senhora, isso só pode lhe fazer bem!

O SENHOR IDOSO - *(a Bérenger)* Isso é verdade, ele ia a toda velocidade.

O PATRÃO - *(à Dona de Casa)* Prove um pouco, que esse é do bom.

BÉRENGER - *(a Jean)* Você não teve tempo de contar os cornos...

A MERCEEIRA - *(à Garçonnette, da janela)* Faça com que ela beba.

BÉRENGER - *(a Jean)* E, além disso, ele estava envolvido numa nuvem de poeira...

DAISY - *(à Dona de Casa)* Beba, minha senhora.

O SENHOR IDOSO - *(à Dona)* Um golinho, minha querida senhora... Coragem...

(A Garçonnette faz beber a dona, levando o copo aos lábios desta, que faz uma expressão de recusa, mas acaba por beber)

A GARÇONNETTE - Pronto!

A MERCEEIRA - *(da janela, à Daisy)* Pronto!

JEAN - *(a Bérenger)* O caso é que eu não estou no escuro. Eu vejo rápido, porque tenho o espírito lúcido!

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Já está melhor?

BÉRENGER - *(a Jean)* Ora, ora, ele ia de focinho no chão, essa é boa.

O PATRÃO - *(à Dona de Casa)* Então ele não era bom?

JEAN - *(a Bérenger)* Justamente por isso, via-se melhor.

A DONA DE CASA - *(depois de ter bebido)* Meu gato!

BÉRENGER - *(irritado, a Jean)* Besteiras! Besteiras!

A MERCEEIRA - *(da janela, à dona de casa)* Eu tenho um outro gato para a senhora.

JEAN - *(a Bérenger)* Como? Eu? Você ousa insinuar que eu digo besteiras?

A DONA DE CASA - *(à Merceeira)* Não quero outro!

(Soluça e embala o gato)

BÉRENGER - *(à Dona de Casa)* Seja razoável!

O PATRÃO - *(à Dona de Casa)* Seja razoável!

JEAN - *(a Bérenger)* Eu nunca digo besteiras!

O SENHOR IDOSO - *(à Dona de Casa)* Seja filósofa!

BÉRENGER - *(a Jean)* Você não passa de um pretensioso! *(levantando o tom)*
Um pedante...

O PATRÃO - *(a Jean e Bérenger)* Meus senhores, meus senhores!

BÉRENGER - *(a Jean, continuando)* Um pedante que não está seguro dos seus conhecimentos, pois, para começar, é o rinoceronte da Ásia que tem um corno no focinho e o rinoceronte da África que tem dois...

(Os outros personagens largam a Dona de Casa e vêm para junto de Jean e Bérenger que discutem em tom de altercação)

JEAN - *(a Berenger)* Você está enganado, é justamente o contrário!

A DONA DE CASA - *(sozinha)* Ele era tão querido!

BÉRENGER - Você quer apostar?

A GARÇONNETTE - Eles querem apostar!

DAISY - *(a Berenger)* Não se enerve, senhor Berenger.

JEAN - *(a Berenger)* Eu não aposto consigo. Os dois cornos quem os tem é você, seu asiático!

A GARÇONNETTE - Oh!

A MERCEEIRA - *(da janela ao dono da mercearia)* Eles vão brigar.

O MERCEEIRO - *(à sua mulher)* Nem pense nisso, é apenas uma aposta!

O PATRÃO - *(a Jean e a Berenger)* Não quero escândalos aqui.

O SENHOR IDOSO - Vejamos... Qual é a espécie de rinoceronte que só tem um corno no focinho? *(Ao Merceeiro)* O senhor que é comerciante, deve saber!

A MERCEEIRA - *(da janela, ao marido)* Você devia saber!

BÉRENGER - *(a Jean)* Não tenho corno e nunca terei.

O MERCEEIRO - *(ao Senhor Idoso)* Os comerciantes não podem saber tudo!

JEAN - *(a Berenger)* Tem.

BÉRENGER - *(a Jean)* Nem sou asiático tampouco. Por outro lado, os asiáticos são homens como o todos nós...

A GARÇONNETTE - Sim senhor, os asiáticos são homens como o senhor e eu...

O SENHOR IDOSO - *(ao patrão)* Exatamente!

O PATRÃO - *(à Garçonnette)* Ninguém pediu a sua opinião!

DAISY - *(ao Patrão)* Ela tem razão. São homens como o nós.

(A Dona de Casa continua a lamentar-se durante toda esta discussão)

A DONA DE CASA - Ele era tão meigo... Era como nós.

JEAN - *(furioso)* Eles são amarelos!

(O Lógico, à parte, entre a Dona de Casa e o grupo que se formou em torno de Jean e Bérenger, está seguindo atentamente a controvérsia, sem participar nela)

JEAN - Adeus, meus senhores! *(A Bérenger)* De você nem me despeço!

A DONA DE CASA - *(lamentando-se)* Ele nos queria tanto bem. *(Solução)*

DAISY - Então, senhor Bérenger, então senhor Jean...

O SENHOR IDOSO - Eu já tive amigos asiáticos. Talvez não fossem verdadeiros asiáticos...

O PATRÃO - Eu já conheci os verdadeiros.

A GARÇONNETE - (*à Merceeira*) Eu tive um namorado asiático.

A DONA DE CASA - (*lamentando-se*) Eu o tive tão pequenino!

JEAN - (*sempre furioso*) são amarelos! Amarelos! Muito amarelos!

BÉRENGER - (*a Jean*) Em todo caso, você, você é escarlate!

A MERCEEIRA - (*da janela e à Garçonnette*) Oh!

O PATRÃO - Isto está ficando preto!

A DONA DE CASA - (*lamentando-se*) Ele era tão asseado! Só fazia xixi na serragem!

JEAN - (*a Bérenger*) Visto que é assim, você nunca mais me verá! Estou perdendo o meu tempo com um imbecil.

A DONA DE CASA - (*lamentando-se*) Ele se fazia compreender!

(*Jean sai furioso, pela direita, apressadamente: volta-se, no entanto, antes de sair definitivamente*)

O SENHOR IDOSO - (*ao Merceeiro*) Também há asiáticos brancos, pretos, azuis e outros como nós.

JEAN - (*a Bérenger*) Bêbado!

(*Todos se entreolham consternados*)

BÉRENGER - (*na direção de Jean*) Você está indo muito longe.

TODOS - (*na direção de Jean*) Oh!

A DONA DE CASA - (*lamentando-se*) Só lhe faltava falar, nem isso.

DAISY - (*a Bérenger*) O senhor não devia tê-lo enfurecido.

BÉRENGER - (*a Daisy*) Não foi culpa minha...

O PATRÃO - (*à Garçonnette*) Vá buscar um caixãozinho para este pobre

animal...

O SENHOR IDOSO - *(a Bérenger)* Eu acho que o senhor tem razão. O rinoceronte da Ásia tem dois cornos e o rinoceronte da África tem um...

O MERCEEIRO - Este senhor era de opinião contrária.

DAISY - *(a Bérenger)* Ambos tiveram culpa!

O SENHOR IDOSO - *(a Berénger)* Mesmo assim, o senhor teve razão.

A GARÇONNETTE - *(à Dona de Casa)* Venha, minha senhora, vamos encaixotá-lo.

A DONA DE CASA - *(soluçando perdidamente)* Nunca! Nunca!

O MERCEEIRO - Desculpem, mas eu acho que quem tinha razão era o senhor Jean.

DAISY - *(virando-se para a Dona de Casa)* Seja razoável, minha senhora!

(Daisy e a Garçonnette levam a Dona de Casa, com seu gato morto, na direção da entrada do café)

O SENHOR IDOSO - *(a Daisy e à Garçonnette)* Querem que eu as acompanhe?

O MERCEEIRO - O rinoceronte da Ásia tem um corno, o rinoceronte da África dois. E vice-versa.

DAISY - *(ao Senhor Idoso)* Não é preciso.

(Daisy e a Garçonnette entraram no café, levando a Dona de Casa, sempre inconsolável)

A MERCEEIRA - *(ao marido, da janela)* Ora você, sempre com idéias diferentes de todo mundo!

BÉRENGER - *(à parte, enquanto que os outros continuam a discutir o assunto sobre os cornos do rinoceronte)* Daisy tem razão. Eu não deveria tê-lo contrariado.

O PATRÃO - *(à Merceeira)* Seu marido tem razão, o rinoceronte da Ásia tem dois cornos, o da África deve ter dois e vice-versa.

BÉRENGER - *(à parte)* Ele não suporta a contradição. A menor objeção, torna-o furioso.

O SENHOR IDOSO - *(ao Patrão)* Você se engana, meu amigo.

O PATRÃO - *(ao Senhor Idoso)* Ah, com licença, meu senhor! ...

BÉRENGER - *(à parte)* A raiva é o seu único defeito.

A MERCEEIRA - *(de sua janela, ao Senhor Idoso, ao Patrão e ao Merceeiro)*
Talvez sejam ambos iguais.

BÉRENGER - *(à parte)* No fundo ele tem um coração de ouro, prestou-me inumeráveis serviços.

O PATRÃO - *(à Merceeira)* O outro não pode ter senão um, se um tem dois.

O SENHOR IDOSO - Talvez seja um que tem um e o outro que tem dois.

BÉRENGER - *(à parte)* Sinto não ter sido mais conciliador. Mas porque é que ele é cabeçudo? Eu não quis exaltá-lo. *(Aos outros)* Ele afina sempre coisas invulgares! Quer sempre empolgar todo mundo com a sua sabedoria e nunca admite que pode enganar-se.

O SENHOR IDOSO - Você tem provas?

BÉRENGER - A propósito de que?

O SENHOR IDOSO - Da sua afirmação de agora há pouco, que provocou esta desagradável controvérsia com seu amigo.

O MERCEEIRO - *(a Bérenger)* Sim, o senhor tem provas?

O SENHOR IDOSO - *(a Bérenger)* Como é que o senhor sabe, que um dos dois rinocerontes tem dois cornos e o outro um? E qual deles?

A MERCEEIRA - Ele sabe tanto quanto nós.

BÉRENGER - Para começar, não se sabe se foram dois. Eu acho mesmo que há só um rinoceronte.

O PATRÃO - Admitamos que haja dois. Qual é o unicórnio? O rinoceronte da Ásia?

O SENHOR IDOSO - Não. É o rinoceronte da África que é bicórnio. Eu acho.

O PATRÃO - Qual é bicórnio?

O MERCEEIRO - Não é o da África.

A MERCEEIRA - É muito difícil de chegar a um acordo.

O SENHOR IDOSO - Mesmo assim é preciso resolver este problema.

O LÓGICO - (*saindo de sua reserva*) Meus senhores. Desculpem a minha intervenção. Não é aí que está o problema. Permitam-me que me apresente...

A DONA DE CASA - (*em lágrimas*) É um Lógico!

O PATRÃO - Ah! Ele é Lógico!

O SENHOR IDOSO - (*apresentando o Lógico a Bérenger*) Meu amigo, o Lógico!

BÉRENGER - Muito prazer, senhor.

O LÓGICO - (*continuando*)... Lógico profissional. Aqui está minha carteira de identidade.

(*Mostra sua carteira*)

BÉRENGER - Meus respeitos, senhor.

A MERCEEIRA - Os nossos respeitos.

O PATRÃO - Poderia nos dizer então, senhor Lógico, se o rinoceronte africano é unicórnio...

O SENHOR IDOSO - Ou bicórnio...

A MERCEEIRA - E se o rinoceronte asiático é bicórnio.

O MERCEEIRO - Ou então unicórnio.

O LÓGICO - Justamente, não é aí que está o problema.

O MERCEEIRO - No entanto, é o que a gente gostaria de saber.

O LÓGICO - Deixem-me falar, senhores.

O SENHOR IDOSO - Deixem-no falar.

A MERCEEIRA - (*ao marido, da janela*) Mas, deixa-o falar!

O PATRÃO - Somos todos ouvidos, senhor.

O LÓGICO - (*a Bérenger*) É principalmente ao senhor que eu me dirijo. E às outras pessoas presentes também...

O MERCEEIRO - A nós também...

O LÓGICO - Veja bem. O debate baseava-se primeiramente num problema do qual o senhor inconscientemente se afastou. No começo o senhor se perguntava se o rinoceronte que acabou de passar é o de há pouco, ou se é um outro. É a isto que preciso responder.

BÉRENGER - De que modo?

O LÓGICO - Vejamos: o senhor pode ter visto duas vezes um mesmo rinoceronte, com um corno só...

O MERCEEIRO - (*repetindo, para compreender melhor*) Duas vezes o mesmo rinoceronte...

O PATRÃO - (*mesma coisa*) Com um corno só...

O LÓGICO - (*continuando*)... Como também pode ter visto duas vezes um único rinoceronte com dois cornos...

O SENHOR IDOSO - (*repetindo*) Um único rinoceronte, com dois cornos, duas vezes...

O LÓGICO - Isso mesmo. O senhor pode ainda ter visto, um primeiro rinoceronte com um corno e depois um outro tendo igualmente um corno só.

A MERCEEIRA - (*da janela*) Há, há...

O LÓGICO - E também um primeiro rinoceronte com dois cornos.

O PATRÃO - Exato.

O LÓGICO - Agora, se o senhor tivesse visto...

O MERCEEIRO - Se a gente tivesse visto...

O SENHOR IDOSO - Sim, se a gente tivesse visto...

O LÓGICO - Se tivesse visto a primeira vez um rinoceronte de dois cornos...

O PATRÃO - De dois cornos...

O LÓGICO - ... E a segunda vez um rinoceronte de um corno...

O MERCEEIRO - Um como.

O LÓGICO - Isso não provaria coisa alguma.

O PATRÃO - Por quê?

A MERCEEIRA - Puxa... Não compreendo nada.

O MERCEEIRO - Siiim! Siiim!

(A Merceeira, dando de ombros, abandona a janela)

O LÓGICO - Na verdade, é possível que o rinoceronte anterior tenha perdido um de seus cornos e o que de há pouco seja o anterior.

BÉRENGER - Compreendo, mas...

O SENHOR IDOSO - *(interrompendo Bérenger)* Não interrompa.

O LÓGICO - Também pode ser que os dois rinocerontes de dois cornos, tenham perdido ambos, um de seus cornos.

O SENHOR IDOSO - Isso é possível.

O PATRÃO - Sim, é possível.

O MERCEEIRO - Sim, porque não?

BÉRENGER - Sim, no entanto...

O SENHOR IDOSO - *(a Bérenger)* Não interrompa.

O LÓGICO - Se o senhor pudesse provar ter visto a primeira vez um rinoceronte de um corno, quer fosse asiático ou africano...

O SENHOR IDOSO - Asiático ou africano...

O LÓGICO - ... E a segunda vez um rinoceronte de dois cornos...

O SENHOR IDOSO - De dois cornos...

O LÓGICO - ... Quer fosse africano ou asiático...

O MERCEEIRO - Africano ou asiático...

O LÓGICO - (*continuando a demonstração*)... Então nessa altura, poderíamos concluir que há dois rinocerontes diferentes, pois é pouco provável, que um segundo corno, possa crescer em poucos minutos, de forma visível, no focinho de um rinoceronte...

O SENHOR IDOSO - É pouco provável.

O LÓGICO - (*encantado com seu raciocínio*)... Isso faria de um rinoceronte asiático ou africano...

O SENHOR IDOSO - Asiático ou africano...

O LÓGICO - ... Um rinoceronte africano ou asiático.

O PATRÃO - Africano ou asiático.

O MERCEEIRO - Siiim, siiim...

O LÓGICO - ... Ora, em boa lógica, isso não é possível, visto uma mesma criatura não poder nascer em dois lugares ao mesmo tempo.

O SENHOR IDOSO - Nem mesmo sucessivamente.

O LÓGICO - (*ao Senhor Idoso*) Isso ainda está por demonstrar.

BÉRENGER - (*ao Lógico*) Isso tudo me parece claro, mas não resolve a questão.

O LÓGICO - (*a Bérenger, rindo com ar superior*) Evidentemente, caro senhor, apenas deste modo o problema pode ser exposto de maneira correta.

O SENHOR IDOSO - Isso é perfeitamente lógico.

O LÓGICO - (*tirando o chapéu*) Até logo, meus senhores.

(*Volta-se e sai pela esquerda, seguido pelo Senhor Idoso*)

O SENHOR IDOSO - Até logo, meus senhores.

(*Tira seu chapéu e sai atrás do Lógico*)

O MERCEEIRO - Isso talvez seja lógico...

(*Neste momento, sai do café, a Dona de Casa, de grande luto, segurando um caixote e seguida por Daisy e pela Garçonnette, como num enterro. O cortejo dirige-se para a direita*)

O MERCEEIRO - *(continuando)* ... Isso talvez seja lógico. No entanto, podemos admitir que nossos gatos sejam esmagados, na nossa frente, por rinocerontes de um corno ou de dois cornos, quer sejam asiáticos ou africanos?

(Mostra de maneira teatral o cortejo que está saindo)

O PATRÃO - Justíssimo, ele tem razão. Não podemos permitir que nossos gatos sejam esmagados por rinocerontes ou por quem quer que seja!

O MERCEEIRO - Não, isso não podemos permitir!

A MERCEEIRA - *(assomando a cabeça à porta da mercearia, ao marido)*
Então, entra! Os clientes vão chegar!

O MERCEEIRO - *(dirigindo-se para a mercearia)* Não, isso não podemos permitir!

BÉRENGER - Eu não devia ter discutido com Jean! *(para o Patrão)* Traga uma dose de conhaque! E das grandes!

O PATRÃO - Sim senhor, em seguida!

(Vai buscar o conhaque, no café)

BÉRENGER - *(só)* Eu não devia, não devia ter me irritado! *(O Patrão aparece com um grande cálice de conhaque na mão)* Estou deprimido demais para ir visitar o museu. Uma outra vez, cultivarei meu espírito.

(Pega no conhaque e bebe)

CORTINA

FIM DO IATO

SEGUNDO ATO

(Uma repartição, ou o escritório de uma empresa particular como, por exemplo, o de uma grande casa editora de publicações jurídicas. No fundo, ao centro, uma grande porta de dois batentes, no alto da qual pode-se ler: "Chefe da Repartição" ou "Chefe do Escritório"... A esquerda, ao fundo, perto da porta do Chefe, a mesinha de Daisy, com a máquina de escrever. Na parede da esquerda, entre a porta que dá para a escada e a mesinha de Daisy, uma outra mesa sobre a qual se encontra o livro de ponto que os funcionários devem assinar à chegada. Ainda à esquerda e em primeiro plano, a porta dando para a escada. Vêem-se os últimos degraus desta escada, a parte superior do corrimão e um pequeno patamar. Em primeiro plano, uma mesa com duas cadeiras. Sobre a mesa: provas de impressão, um tinteiro, canetas; é a mesa onde trabalham Boiará e Bérenger; este sentar-se-á na cadeira da esquerda, o outro na da direita. Perto da parede da direita, uma outra mesa, maior, retangular, igualmente recoberta de papéis, de provas tipográficas, etc. Duas cadeiras, vis-à-vis, encontram-se perto desta mesa (mais bonitas, mais "importantes") É a mesa de Dudard e do Sr. Boeuf. Dudard sentar-se-á na cadeira que está contra a parede, tendo assim, os outros funcionários na sua frente. Suas funções são de sub-chefe. Entre a porta do fundo e a parede da direita há uma janela. No caso do teatro ter um poço de orquestra, seria preferível usar apenas a simples moldura duma janela, em primeiríssimo plano, face ao público. No canto da direita, ao fundo, um cabide, no qual estão pendurados paletós surrados ou batas de cor cinzenta. O cabide podia também estar colocado eventualmente, em primeiro plano, próximo à parede da direita. Ao longo das paredes: estantes com livros e pastas poeirentas. A esquerda, ao fundo, por cima das estantes há tabuletas: "JURISPRUDÊNCIA, "CÓDIGOS"; na parede da direita, que pode ser ligeiramente oblíqua, as tabuletas indicam: "DIÁRIO OFICIAL", "LEIS FISCAIS". Acima da porta ao Chefe um relógio marca: 9 h e 3 minutos. Ao abrir a cortina, Dudard, de pé, perto da cadeira que está junto da sua secretária, perfil direito para a platéia; do outro lado da secretária, perfil esquerdo para a platéia, está Botara; entre eles, perto também da secretária, frente ao público, o Chefe; Daisy, um pouco atrás e à esquerda do Chefe. Ela tem na mão algumas folhas datilografadas. Sobre a mesa, cercada pelos três personagens, vê-se, por cima das provas tipográficas, um grande jornal aberto. Quando a cortina abre, durante alguns segundos, os personagens permanecem imóveis, na posição em que será dita a primeira réplica. Isto deve considerar-se como um quadro vivo. No começo do primeiro ato, deve considerar-se o mesmo processo. O Chefe, 50 anos, vestido corretamente: terno azul marinho, roseta da Legião de Honra, colarinho duro, gravata borboleta preta, grande bigode castanho. É o Senhor Papillon. Dudard: 35 anos, terno cinza; usa mangas de alpaca preta, para preservar as mangas de seu paletó. Poderá usar óculos. É bastante alto; funcionário de futuro. O Chefe, sendo promovido Diretor, é ele quem deverá tomar seu lugar. Botard não gosta dele. Botard: professor primário aposentado; uma certa altivez e um bigodinho branco; tem 60 anos, mas não aparenta tanto. (Ele sabe tudo, e compreende tudo) Usa uma boina espanhola, guarda-pó cinzento, um par de óculos sobre um nariz farto.

Na orelha usa um lápis e nas mangas, alpaca preta. Daisy: jovem, loura. Mais tarde, Senhora Boeuf: mulher gorda, entre 40 e 50 anos, chorosa, esfalfada. Os personagens estão de pé quando abre a cortina, imóveis em torno da mesa da direita; o Chefe mostra o jornal com o indicador. Dudard, está com a mão na direção de Botard ao qual parece dizer: “No entanto é isso mesmo!”. Botard, com as mãos nos bolsos de seu guarda-pó, com um sorrisinho incrédulo, parecendo dizer: “A mim ninguém engana”. Daisy com as folhas datilografadas na mão, parece dar razão a Dudard. Ao cabo de alguns segundos, Botard ataca)

BOTARD - Conversa, conversa para boi dormir...

DAISY - Mas eu vi, eu vi o rinoceronte!

DUDARD - Isso está escrito, bem claro, no jornal; o senhor não pode negar.

BOTARD - *(com o mais profundo desprezo)* Pfff!

DUDARD - Está escrito e bem escrito. Veja aqui, na seção dos gatos esmagados! Chefe, faça o favor de ler a notícia.

SR. PAPILLON - “Ontem, domingo, nesta cidade, na praça da igreja, à hora do aperitivo, um gato foi esmagado por um paquiderme.”

DAISY - Não foi bem na praça da igreja!

SR. PAPILLON - É só isso. Eles não dão mais pormenores.

BOTARD - Pfff!

DUDARD - Ê quanto basta; e está claro.

BOTARD - Não acredito nos jornalistas. Os jornalistas são todos uns mentirosos. Por mim, tenho as minhas opiniões. Só creio no que vêem os meus próprios olhos. Na minha qualidade de antigo professor primário, gosto das coisas precisas, cientificamente provadas, pois eu sou um espírito exato, metódico.

DUDARD - O que é que tem a ver com isso o espírito metódico?

DAISY - *(a Botard)* Senhor Botard, eu acho que a notícia é bem clara.

BOTARD - Isso chama-se clareza? Ora vejamos: que paquiderme é esse? O que é que o redator da seção de gatos esmagados, entende por um paquiderme? Ele nada nos diz. E o que é que ele entende por gato?

DUDARD - Toda a gente sabe o que é um gato.

BOTARD - E trata-se de um gato, ou de uma gata? E de que cor? De que raça? Eu não sou racista, antes pelo contrário, sou anti-racista.

SR. PAPILLON - Ora, Sr. Botard, não se trata disso. O racismo, aqui, está fora de questão.

BOTARD - Peço desculpas, chefe, mas o senhor não pode negar que o racismo é um dos grandes erros deste século.

DUDARD - Certo! Estamos todos de acordo, mas agora não se trata de...

BOTARD - Sr. Dudard, isto não é assunto de pouca importância. Os acontecimentos históricos já nos provaram que o racismo...

DUDARD - Mas eu já lhe disse que não se trata disso...

BOTARD - No entanto...

SR. PAPILLON - O racismo não está em causa.

BOTARD - Nunca se deve perder a oportunidade de o denunciar.

DAISY - Mas se já foi dito que aqui ninguém é racista! O senhor está desviando o assunto. Trata-se muito simplesmente de um gato esmagado por um paquiderme: um rinoceronte, neste caso.

BOTARD - Escutem: eu não sou do Sul. Os meridionais têm imaginação de sobra. Foi talvez muito simplesmente uma pulga esmagada por um rato e agora fazem disso uma coisa do outro mundo.

SR. PAPILLON - (*a Dudard*) Vamos tentar esclarecer o assunto. O senhor viu, aquilo que se chama ver, com os seus próprios olhos, um rinoceronte passeando nas ruas da cidade?

DAISY - Ele não passeava, corria.

DUDARD - Pessoalmente, eu não o vi. No entanto, pessoas dignas de crédito...

BOTARD - (*interrompendo*) Ora, está se vendo que são boatos! O senhor fia-se nos jornalistas que não sabem o que inventar para vender seus jornais infectos, para servir patões dos quais eles são lacaios! O senhor acredita nisso, senhor Dudard, o senhor um jurista, um licenciado em direito? Ora, deixe-me rir! Ah! Ah! Ah!

DAISY - Mas eu vi, eu vi o rinoceronte. Ponho as minhas mãos no fogo.

BOTARD - Ora, deixe disso. Eu que pensava que era uma moça ponderada.

DAISY - Senhor Botard, eu não sofro de alucinações. E, além do mais, não estava sozinha, havia muita gente perto de mim que também viu.

BOTARD - Pfff! Eles viam com certeza outra coisa!... Deviam ser daqueles tipos boa-vida, que nunca trabalham...

DUDARD - Isso passou-se ontem, domingo.

BOTARD - Ao domingo também trabalho. Não sou daqueles que se deixam levar pelos padres que nos fazem ir à igreja só para nos impedir de realizar a nossa tarefa e de ganhar o pão com o suor do nosso rosto.

SR. PAPILLON - (*indignado*) Oh!

BOTARD - Desculpe, eu não queria magoá-lo. Não é porque eu desprezo as religiões que se pode dizer que não as estimo. (*A Daisy*) E, antes de mais nada, a senhorita sabe o que é um rinoceronte?

DAISY - É um... É um animal enorme, feio!

BOTARD - E ainda por cima, a senhorita gaba-se por ser clara! Senhorita, o rinoceronte...

SR. PAPILLON - O senhor não vai agora dar-nos uma aula sobre o rinoceronte... Nós não estamos na escola.

BOTARD - É pena.

(Desde as últimas réplicas, já se viu Bérenger subir, com precaução, os últimos degraus da escada; ele entreabriu prudentemente a porta do escritório, Que permitiu lê-se a tabuleta em que está escrito: "EDIÇÕES DE JURISPRUDÊNCIA")

SR. PAPILLON - (*a Daisy*) Bem, já passa das nove, senhorita. Queira retirar o livro de ponto. Pior para os retardatários!

(Daisy dirige-se para a mesinha, à esquerda onde se encontra o livro de ponto, no momento em que entra Bérenger)

BÉRENGER - (*entrando, enquanto os outros continuam discutindo; a Daisy*) Bom dia, senhorita Daisy. Não estou atrasado?

BOTARD - (*a Dudard e ao Sr. Papillon*) Eu luto contra a ignorância onde quer que ela se encontre!

DAISY - *(a Bérenger)* Rápido, senhor Bérenger.

BOTARD - ... Nos palácios, nas palhoças!

DAISY - *(a Bérenger)* Assine depressa o livro de ponto!

BÉRENGER - Obrigado! O chefe já chegou?

DAISY - *(a Bérenger; pondo um dedo nos lábios)* Cht! Já, já está aí.

BÉRENGER - Já? Tão cedo? *.(corre para assinar o livro de ponto)*

BOTARD - *(continuando)* O lugar não importa! Até mesmo nas casas editoras.

SR. PAPIILLON - *(a Botará)* Sr. Botard, eu acho que...

BÉRENGER - *(a Daisy, enquanto assina o livro)* No entanto, ainda não são nove e dez.

SR. PAPIILLON - *(a Botard)* Eu acho que o senhor está ultrapassando os limites da delicadeza.

DUDARD - *(ao Sr. Papillon)* Eu também acho.

SR. PAPIILLON - *(a Botard)* O senhor não vai dizer que o meu colaborador e seu colega, senhor Dudard, licenciado em Direito e excelente funcionário, é um ignorante.

BOTARD - Não chegaria a afirmar tal coisa. No entanto, as Faculdades e a Universidade em geral, não chegam aos pés da escola primária.

SR. PAPIILLON - *(a Daisy)* Então, esse livro de ponto?

DAISY - *(ao Sr. Papillon)* Aqui está, chefe.

(Entrega-lhe o livro)

SR. PAPIILLON - *(a Bérenger)* Ora bem, aqui está o senhor Bérenger!

BOTARD - *(a Dudard)* O que falta aos universitários, são as idéias claras, o espírito de observação e o senso prático.

DUDARD - *(a Botara)* Ora, tenha paciência!

BÉRENGER - *(ao Sr. Papillon)* Bom dia, senhor Papillon.

(Bérenger ia justamente por detrás do Chefe contornando o grupo dos três personagens, na direção do cabide; aí ele pegará a sua bata de trabalho ou seu paletó usado, colocando no seu lugar, no cabide, o seu paletó civil; depois de ter trocado de roupa, vai até a sua escrivaninha da gaveta da qual tirará as suas mangas de alpaca, etc., e curilprimenta) Bom dia, senhor Papillon! Desculpe, quase cheguei atrasado. Bom dia, Dudard! Bom dia, senhor Botard.

SR. PAPILLON - Diga-me uma coisa, Bérenger: também viu rinocerontes?

BOTARD - *(a Dudard)* Os universitários são espíritos abstratos que ignoram tudo da vida.

DUDARD - *(a Botard)* Bobagens!

BÉRENGER - *(continuando a arrumar seus pertences de trabalho com um dinamismo excessivo, como querendo desculpar o seu atraso; ao Sr. Papillon, com toda a naturalidade)* Certamente. Eu vi um, sim senhor.

BOTARD - *(voltando-se)* Pfff!

DAISY - Ah! O senhor está vendo? Eu não estou louca.

BOTARD - *(irônico)* Oh, o senhor Bérenger diz isso por galanteria, pois embora não pareça ele é um galanteador.

DUDARD - Ah! É galanteria dizer que se viu um rinoceronte?

BOTARD - Sem dúvida, quando se trata de apoiar as afirmações fantasistas da senhorita Daisy. Toda a gente é galante com a senhorita Daisy... o que é bastante compreensível.

SR. PAPILLON - Não seja de má fé, senhor Botard. O senhor Berenger não tomou parte na controvérsia, pois acaba de chegar.

BÉRENGER - *(a Daisy)* Não é verdade que a senhorita viu? Aliás, nós vimos.

BOTARD - Pfff! É possível que o Sr. Berenger acredite que viu um rinoceronte. *(Faz atrás das costas de Berenger o gesto que indica que Berenger bebe)* Ele tem tanta imaginação! Com ele tudo pode acontecer!

BÉRENGER - Eu não estava só quando vi o rinoceronte! Ou talvez os dois rinocerontes.

BOTARD - Ele nem sabe ao certo quantos viu!

BÉRENGER - Eu estava ao lado de meu amigo Jean!... E havia muito mais

gente.

BOTARD - (*a Berenger*) Parece que está gaguejando!

DAISY - Era um rinoceronte unicórnio.

BOTARD - Pfff! Eles estão bem combinados para troçar da gente!

DUDARD - (*a Daisy*) Parece-me, no entanto, que ele tinha dois cornos, segundo ouvi dizer!

BOTARD - Ah, então aí é preciso chegar a um acordo.

SR. PAPILLON - (*olhando o relógio*) Vamos acabar com isto, meus senhores, o tempo está correndo.

BOTARD - O senhor viu um ou dois rinocerontes, senhor Bérenger?

BÉRENGER - Bem!... Isto é...

BOTARD - O Sr. não sabe. A senhorita Daisy viu um rinoceronte unicórnio; e o seu rinoceronte, senhor Bérenger, aquele que o senhor diz ter visto, era unicórnio ou bicórnio?

BÉRENGER - Se o senhor quer saber, é justamente aí que está o problema!

BOTARD - Tudo isso não tem sentido.

DAISY - Oh!

BOTARD - Eu não quero magoá-los, mas tenho que confessar que não acredito nas vossas narrativas! Na nossa região nunca se viram rinocerontes!

DUDARD - É só começar!

BOTARD - Isso é coisa que nunca se viu, exceto em gravuras e nos livros escolares. Esses tais rinocerontes só floriram nos cérebros das comadres.

BÉRENGER - A expressão “florir”, aplicada aos rinocerontes, parece-me bastante imprópria.

DUDARD - Também acho.

BOTARD - (*prosseguindo*) O vosso rinoceronte é um mito.

DAISY - Um mito?

SR. PAPIILLON - Meus senhores, acho que já é hora de começarmos a trabalhar.

BOTARD - (*a Daisy*) Um mito, sim senhora, exatamente como os discos voadores!

DUDARD - E, além disso, há uma coisa inegável: um gato que morreu esmagado! ”

BÉRENGER - Sou testemunha disso.

DUDARD - (mostrando Bérenger) E há teste minhas disso!

BOTARD - Uma testemunha dessas!

SR. PAPIILLON - Meus senhores, então, meus senhores!

BOTARD - (*a Dudard*) Psicose coletiva, senhor Dudard, psicose coletiva é o que isso é! É como a religião que é o ópio dos povos!

DAISY - Pois eu creio nos discos voadores, sim senhor!

BOTARD - Pfff!

SR. PAPIILLON - (*com firmeza*) Bem, basta! Já estão exagerando. Basta de tagarelices! Rinocerontes ou não rinocerontes, discos voadores ou não discos voadores é preciso trabalhar! A casa não vos paga para perderem tempo em discussões sobre animais reais ou imaginários!

BOTARD - Imaginários!

DUDARD - Reais!

DAISY - Muitos reais!

SR. PAPIILLON - Meus senhores, eu chamo mais uma vez a vossa atenção para o fato de que já estão no vosso período de trabalho. Têm que acabar definitivamente com esta polêmica estéril...

BOTARD - (*ofendido, irônico*) De acordo, senhor Papillon. O senhor é o chefe. Visto que o senhor ordena temos que o obedecer.

SR. PAPIILLON - Senhores, queiram apressar-se. Não quero ver-me na triste obrigação de ter que aplicar uma multa sobre os vossos vencimentos! Senhor Dudard, em que ponto se encontra o seu comentário da lei sobre a repressão anti-alcoólica?

DUDARD - Está quase terminada, chefe.

SR. PAPIILLON - Trate de terminar logo que é assunto urgente. E os senhores: senhor Bêrenger e senhor Botard? Já acabaram de corrigir as provas da regulamentação dos vinhos de “appellation controlée”?

BÊRENGER - Ainda não, senhor Papillon, mas já estão bem adiantadas.

SR. PAPIILLON - Acabem logo essa correção que a tipografia está esperando. Quanto à senhorita, queira bater a correspondência o mais depressa possível e trazê-la, em seguida, no meu gabinete, para eu assinar.

DAISY - Está bem, Sr. Papillon.

(Daisy vai até à sua escrivaninha e põe-se a escrever à máquina. Dudard senta-se à sua secretária e começa a trabalhar. Bêrenger e Botard, em suas escrivaninhas, ambos de perfil para a sala; Botard de costas para a porta da escada. Botard está de mau humor; Bêrenger está passivo, apático, coloca as provas sobre a mesa, passa o manuscrito a Botard, o qual senta-se resmungando, enquanto o Sr. Papillon vai saindo para o seu gabinete, batendo a porta)

SR. PAPIILLON - Até logo, meus senhores! *(sai)*

BÊRENGER - *(lendo e corrigindo, enquanto Botard segue o manuscrito com um lápis)* Regulamentação dos vinhos de “appellation controlee”... *(corrigindo)* Appellation tem dois LL e controlee um L só. Os vinhos de “appellation controlée” da região de Bordeus, região inferior das encostas superiores...

BOTARD - *(a Dudard)* Isso não está aqui! Pularam uma linha.

BÊRENGER - Volta atrás: os vinhos chamados de “appellation controlée”...

DUDARD - *(a Bêrenger e a Botard)* Não leia tão alto, por favor. Só se ouve a sua voz; assim não posso me concentrar.

BOTARD - *(a Dudard por cima da cabeça de Bêrenger, retomando a discussão de há pouco; enquanto Bêrenger faz as correções sozinho, durante alguns instantes; mexe os lábios, sem ruído, continuando a leitura)* Isso é uma mistificação!

DUDARD - O que é que é mistificação?

BOTARD - Essa história de rinoceronte, ora! É a sua propaganda que faz correr esses boatos!

DUDARD - *(interrompendo o seu trabalho)* Que propaganda?

BÉRENGER - *(intervindo)* Não é propaganda...

DAISY - *(deixando de bater à máquina)* Mas eu já lhe disse que vi... vi!... que nós vimos!

DUDARD - *(a Botará)* O senhor é muito engraçado! Propaganda, hein?... Mas qual o objetivo?

BOTARD - *(a Dudard)* Ora, deixe disso! O Sr. sabe melhor do que eu... Não se faça de inocente.

DUDARD - *(zangando-se)* Em todo o caso, Sr. Botard, eu não sou pago pelos pontenegrinos.

BOTARD - *(vermelho de raiva, dando um murro na mesa)* Isso é um insulto! Eu não lhe permito...

(Botard levanta-se)

BÉRENGER - *(solicitando)* Então, Sr. Botard...

DAISY - Então, Sr. Dudard...

BOTARD - Eu estou sendo insultado...

(A porta do gabinete do chefe abre-se de repente: Botard e Dudard voltam a sentar-se rapidamente; o chefe trás nas mãos o livro de ponto; à sua aparição restabelece-se subitamente o silêncio)

SR. PAPIILLON - O senhor Boeuf não veio hoje?

BÉRENGER - *(olhando em torno)* É verdade, está ausente.

SR. PAPIILLON - Eu precisava dele justamente neste momento! *(A Daisy)* Ele mandou avisar que estava doente ou que tinha algum impedimento?

DAISY - Ele não me disse nada.

SR. PAPIILLON - *(abrindo completamente a sua porta e entrando)* Se continuar assim, vou ter que despedi-lo. Já não é a primeira vez que me prega esta peça. Até hoje tenho fechado os olhos, mas agora acabou-se... Algum dos senhores tem a chave da secretária dele?

(Justamente nesse momento entra a Senhora Boeuf. Já se tinha podido vê-la)

durante esta última réplica subindo os últimos degraus da escada; abriu bruscamente a porta. Está arfante e aterrorizada)

BÉRENGER - Ah, aqui está a senhora Boeuf.

DAISY - Bom dia, senhora Boeuf.

SRA BOEUF - Bom dia, senhor Papillon. Bom dia para todos.

SR. PAPILLON - Então, que foi que aconteceu ao seu marido? Ele não está para se incomodar?

SRA BOEUF - (*arfante*) Peço que o desculpe, Sr. Papillon... Desculpe o meu marido... Foi passar o fim de semana com a família dele... Estava um pouco resfriado...

SR. PAPILLON - Ah, sim! Estava um pouco resfriado...

SRA BOEUF - (*mostrando um papel ao chefe*) Faça o favor de ver... É o que ele diz no telegrama. Conta estar de volta na quarta-feira... (*Quase desfalecendo*) Um copo com água... Por favor... E uma cadeira...

(Bérenger vem trazer-lhe, ao centro da cena, a sua própria cadeira, na qual ela cai prostrada)

SR. PAPILLON - (*a Daisy*) Dê-lhe um copo com água.

DAISY - Imediatamente! (*Traz um copo com água, dá-lhe de beber durante algumas réplicas que seguem*)

DUDARD - (*ao chefe*) Ela deve ser cardíaca.

SR. PAPILLON - É bastante desagradável que o Sr. Boeuf esteja ausente. Mas não é caso para a senhora ficar nesse estado.

SRA BOEUF - (*com dificuldade*) É que... É que... Eu fui perseguida desde minha casa até aqui, por um rinoceronte...

BÉRENGER - Unicórnio ou bicórnio?

BOTARD - (*às gargalhadas*) Ora, deixem-me rir!...

DUDARD - (*indignado*) Deixe-a falar, que diabo!

SRA BOEUF - (*fazendo grande esforço para dar esclarecimento e apontando na direção da escada*) Ele está lá em baixo, à entrada, com ar de quem quer

subir a escada.

(No mesmo instante ouve-se um grande barulho. Vêm-se os degraus da escada que desmoronam, devido com certeza, a um peso extraordinário. Ouvem-se, vindos de baixo, barridos angustiados. A poeira provocada pelo desmoronamento da escada, dissipando-se, deixará entrever o patamar da escada suspensa no espaço)

DAISY - Meu Deus!...

SRA BOEUF - *(sentada, a mão sobre o coração)* Ai... Ai... Ai!...

(Bérenger corre para junto da Sra. Boeuf, dá-lhe palmadinhas no rosto e ajuda-a a beber água)

BÉRENGER - Acalme-se!

(Durante este tempo, Sr. Papillon, Dudará e Botara precipitam-se à esquerda, abrem a porta, atropelando-se e acham-se no patamar envoltos em poeira; os barridos continuam a fazer-se ouvir)

DAISY - *(à Sra. Boeuf)* Está melhor, senhora Boeuf?

SR. PAPIILLON - *(no patamar)* Lá está ele! Lá em baixo!

BOTARD - Não estou vendo nada. É uma ilusão.

DUDARD - Não senhor! Olhe para baixo. Lá está ele, rodando.

SR. PAPIILLON - Não há dúvida, meus senhores, ele está rodando.

DUDARD - Não vai poder subir. Já não há escada.

BOTARD - Isso é muito estranho. Que quer dizer isto?

DUDARD - *(voltando-se para Berenger)* Venha ver! Venha ver logo o seu rinoceronte.

BÉRENGER - Estou indo. *(Vai correndo na direção do patamar seguido de Daisy que também abandona a Sra. Boeuf)*

SR. PAPIILLON - *(a Berenger)* “Seu” especialista de rinocerontes, olhe bem agora, olhe bem.

BÉRENGER - Não sou especialista de rinocerontes.

DAISY - Olhem... Olhem como ele está rodando. Parece que está sofrendo, coitado... Que será que ele quer?

DUDARD - Parece até que procura alguém. (*a Botard*) Então, já está vendo?

BOTARD - (*humilhado*) É... Na verdade, já vi.

DAISY - (*ao Sr. Papillon*) Talvez estejamos todos sofrendo alucinações. E o senhor também...

BOTARD - Eu nunca tenho alucinações. Mas há alguma coisa por detrás disto.

DUDARD - (*a Botará*) O quê? Alguma coisa?

SR. PAPIILLON - (*a Bérenger*) É um rinoceronte, não é? É o mesmo que o senhor já tinha visto? (*a Daisy*) E a senhorita também?

DAISY - Sem dúvida.

BÉRENGER - Ele tem dois cornos. É um rinoceronte africano ou talvez... Asiático. Ah! Já não tenho a certeza se o rinoceronte africano tem um ou dois cornos.

SR. PAPIILLON - Ele desabou a escada. Tanto melhor! Mais cedo ou mais tarde isto tinha que acontecer! Eu já tinha cansado de pedir à Direção Geral para mandar substituir esta escada podre por degraus de cimento...

DUDARD - Ainda não faz uma semana, eu enviei um relatório, Chefe.

SR. PAPIILLON - Isto tinha que acontecer, tinha que acontecer. Estava previsto. Eu tinha razão.

DAISY - (*ao Sr. Papillon, irónica*) Como sempre.

BÉRENGER - (*a Dudard e ao Sr. Papillon*) Ora vejamos: os dois cornos caracterizam o rinoceronte da Ásia ou da África? Um corno caracteriza o da África ou o da Ásia. ...

DAISY - Pobre bicho, ele não pára nem de se lamentar nem de rodar. Que é que ele quer? Oh, ele está olhando para nós. (*Na direção do rinoceronte*) Michin, michin, michin...

DUDARD - Não vá lhe fazer agradados, porque ele não deve estar domesticado...

SR. PAPIILLON - De todo o jeito, ele está fora do nosso alcance.

(O rinoceronte dá barridos dilacerantes)

DAISY - Pobre animal!

BÉRENGER - *(prosseguindo; a Botard)* O senhor que sabe tanta coisa, não acha que é o de dois cornos que...

SR. PAPIILLON - Picou engasgado, meu caro Bérenger. O Sr. Botard tem razão.

BOTARD - Como é possível uma coisa destas, num país civilizado...

DAISY - *(a Botard)* De acordo. No entanto, ele existe ou não existe?

BOTARD - Isto é uma conspiração infame! *(Com um gesto de orador, apontando para Dudard e fulminando-o com o olhar)* A culpa é sua!

DUDARD - Por que minha e não sua?

BOTARD - *(furioso)* Minha? A culpa tem sempre que cair sobre os pequenos. Se dependesse de mim...

SR. PAPIILLON - Estamos em maus lençóis, sem escada.

DAISY - *(a Botard e a Dudard)* Acalmem-se, senhores. Agora não é o momento...

SR. PAPIILLON - A culpa é da Direção Geral.

DAISY - Talvez. Mas como é que vamos descer?

SR. PAPIILLON - *(gracejando galantemente e acariciando a face da datilógrafa)* Eu a pegarei ao colo e saltaremos juntos!

DAISY - *(repelindo a mão do chefe)* Tira de cima de mim essa mão rugosa, seu paquiderme!

SR. PAPIILLON - Eu estava brincando!

(Entretanto, enquanto o rinoceronte não pára de barrir, a Sra. Boeuf levantou-se e juntou-se ao grupo. Ela olha fixa e atentamente o rinoceronte que continua rodando, em baixo; de repente ela dá um grito terrível)

SRA BOEUF - Meu Deus! Será possível?

BÉRENGER - *(à Sra. Boeuf)* Que tem?

SRA BOEUF - É o meu marido! Boeuf, meu pobre Boeuf, que foi que te aconteceu?

DAISY - *(à Sra. Boeuf)* A senhora tem certeza?

SRA BOEUF - Tenho sim. Eu o reconheci.

(O rinoceronte responde com um barrido violento, mas terno)

SR. PAPILLON - Ora esta! Desta vez, não tem remédio: ponho-o na rua!

DUDARD - Ele está no seguro?

BOTARD - *(à parte)* Estou compreendendo tudo...

DAISY - Como é que se pode pagar o seguro, num caso destes?

SRA BOEUF - *(caindo, sem sentidos, nos braços de Bérenger)* Ai meu Deus!...

BÉRENGER - Oh!

DAISY - Vamos levá-la.

(Bérenger ajudado por Dudard e Daisy arrastam a Sra. Boeuf até a cadeira onde a sentam)

DUDARD - *(enquanto andam)* Não é nada, Sra. Boeuf.

SRA BOEUF - Ah! Oh!

DAISY - Talvez isto se arranje...

SR. PAPILLON - *(a Dudard)* Juridicamente, o que é que se pode fazer?

DUDARD - É preciso perguntar ao contencioso.

BOTARD - *(seguindo o cortejo e erguendo os braços)* Isto é uma loucura! Que sociedade! *(Ficam todos em torno da Sra. Boeuf, dão-lhe palmadinhas no rosto, ela abre os olhos, exclama um "Ahl", torna a fechar os olhos, leva mais palmadinhas no rosto, enquanto Botard fala)* Em todo o caso, pode ficar tranqüila que irei contar tudo ao meu comitê de ação. Eu não abandonarei um colega nas horas difíceis. Isto vai constar.

SRA BOEUF - *(voltando a si)* Meu pobre querido, eu não posso deixá-lo assim, meu pobre querido. *(Ouvem-se barridos)* Ele me chama. *(Carinhosamente)* Ele me chama.

DAISY - Está melhor, senhora Boeuf?

DUDARD - Está voltando a si.

BOTARD - (*à Sra. Boeuf*) Conte com o apoio da nossa delegação. A senhora quer fazer parte do nosso comitê?

SR. PAPIILLON - E agora o trabalho vai ficar todo atrasado. Senhora Daisy, a correspondência!

DAISY - Primeiro é preciso saber como é que nós vamos sair daqui.

SR. PAPIILLON - Isso é um problema. Pela janela.

(Dirigem-se todos para a janela, menos a Sra. Boeuf, largada na cadeira e Botará que permanece ao centro)

BOTARD - Eu sei donde isto vem.

DAISY - (*na janela*) É muito alto.

BÉRENGER - Talvez seja melhor chamar os bombeiros.

SR. PAPIILLON - Senhorita Daisy, vá ao meu escritório telefonar aos bombeiros, (*Sr. Papillon faz menção de segui-la, Daisy sai pelo fundo; ouvimo-la retirar o fone do gancho e dizer*) “Alô, alô, é dos bombeiros?” (*e depois um vago rumor de conversa telefônica*)

SRA BOEUF - (*levanta-se bruscamente*) Eu não posso deixá-lo assim, não posso deixá-lo assim!

SR. PAPIILLON - Se quiser divorciar... A senhora tem agora uma boa razão.

DUDARD - E isso depõe certamente contra ele.

SRA BOEUF - Não coitado! Agora não é o momento, eu não posso abandonar meu marido naquele estado.

BOTARD - A senhora é uma mulher direita.

DUDARD - (*à Sra. Boeuf*) Mas então que é que vai fazer?

(Correndo para a esquerda a Sra. Boeuf dirige-se ao patamar)

BÉRENGER - Cuidado!

SRA BOEUF - Não posso abandoná-lo, não posso abandoná-lo.

DUDARD - Segurem-na.

SRA BOEUF - Vou levá-lo para casa!

SR. PAPIILLON - Que é que ela quer fazer?

SRA BOEUF - *(preparando-se para saltar; na beirada do patamar)* Já vou, meu querido, já vou.

BÉRENGER - Ela vai se atirar.

BOTARD - É o seu dever.

DUDARD - Não poderá.

(Todos, exceto Daisy que continua telefonando, encontram-se perto dela, no patamar; a Sra. Boeuf pula; Bérenger, que tentou retê-la, ficou com a saia dela nas mãos)

BÉRENGER - Não consegui segurá-la.

(Ouve-se, vindo de baixo, o barrido terno do rinoceronte)

SRA BOEUF - Aqui estou, meu querido, aqui estou.

DUDARD - Ela caiu montada em cima dele.

BOTARD - É uma amazona.

VOZDE SRA BOEUF - Vamos para casa, meu querido, voltemos para casa.

DUDARD - Partiram a galope.

(Dudard, Bérenger, Botará, Sr. Papillon vão à janela)

BÉRENGER - Vão a toda.

DUDARD - *(ao Sr. Papillon)* O senhor já praticou equitação?

SR. PAPIILLON - Há muito tempo... Um pouco... *(virando-se para a porta do fundo, a Dudard)* Ela ainda não acabou de telefonar!...

BÉRENGER - *(seguindo com o olhar o rinoceronte)* Já estão longe. Não os vejo mais.

DAISY - (*aparecendo*) Foi difícil conseguir os bombeiros!

BOTARD - (*terminando um monólogo interior*) Que loucura!

DAISY - ... Foi difícil conseguir os bombeiros.

SR. PAPIILLON - A cidade está ardendo?

BÉRENGER - Estou de acordo com o Sr. Botard. A atitude da Sra . Boeuf é verdadeiramente comovente. Ela tem um grande coração.

SR. PAPIILLON - Tenho um empregado a menos. Preciso arranjar outro.

BÉRENGER - O senhor acha mesmo que ele já não poderá ser útil?

DAISY - Não, não há incêndios. Os bombeiros foram chamados por causa de outros rinocerontes.

BÉRENGER - Por causa de outros rinocerontes.

DUDARD - Por causa de outros rinocerontes? Como assim?

DAISY - Sim, por causa de outros rinocerontes. Foram assinalados vários na cidade. Esta manhã eram sete, agora já são dezessete.

BOTARD - É o que eu lhes dizia!

DAISY - (*continuando*) Há mesmo quem tenha assinalado trinta e dois. Este número ainda não é oficial, mas com certeza vai ser confirmado.

BOTARD - (*menos convencido*) Pfff! Estão exagerando.

SR. PAPIILLON - Será que eles vêm tirar-nos daqui?

BÉRENGER - Eu estou com fome!...

DAISY - Vêm sim. Os bombeiros já estão a caminho!

SR. PAPIILLON - E o trabalho!

DUDARD - Eu acho que é um caso de força maior.

SR. PAPIILLON - Vai ser preciso recuperar o tempo perdido.

DUDARD - Então, senhor Botard, continua negando a evidência rinocérica?

BOTARD - A nossa delegação opõe-se a que o senhor despeça o senhor Boeuf, sem aviso prévio.

SR. PAPILLON - Não é a mim que cabe a decisão. Esperemos as conclusões do inquérito.

BOTARD - (*a Dudard*) Não, senhor Dudard; eu não nego a evidência rinocérica. Nunca neguei.

DUDARD - O senhor é de má fé.

DAISY - Isso mesmo, o senhor é de má fé.

BOTARD - Repito que eu nunca neguei. Só queria saber até onde aquilo podia ir. Quanto a mim, sei o que devo pensar. Eu não constato simplesmente o fenómeno, compreendo-o e explico-o. Pelo menos, poderia explicá-lo se...

DUDARD - Então, explique-nos.

DAISY - Explique-nos, senhor Botard.

SR. PAPILLON - Explique, já que seus colegas estão pedindo.

BOTARD - Explicarei...

DUDARD - Estamos ouvindo.

DAISY - Estou tão curiosa!

BOTARD - Eu vos explicarei... Um dia...

DUDARD - E porque não agora?

BOTARD - (*ao Sr. Papillon, ameaçando*) Nós é que nos explicaremos, muito breve, entre nós. (*A todos*) Eu sei o porquê das coisas, conheço muito bem os subterrâneos do fato.

DAISY - Quais subterrâneos?

BÉRENGER - Quais subterrâneos?

DUDARD - Eu bem gostaria de conhecer os subterrâneos...

BOTARD - (*continuando, feroz*) E também conheço os nomes de todos os responsáveis, os nomes dos traidores. Eu não sou bobo. Hei-de denunciar o objetivo e o significado desta provocação! Hei-de desmascarar os provocadores!

BÉRENGER - Quem estaria interessado em?...

DUDARD - *(a Botará)* Está divagando, senhor Botard.

SR. PAPILLON - Não divaguemos.

BOTARD - Eu? Eu divago?

DAISY - Ainda há pouco, o senhor nos acusava de termos alucinações.

BOTARD - Há pouco, sim. Agora a alucinação virou provocação.

DUDARD - E então como é que o Sr. acha que isso aconteceu?

BOTARD - Isso, meus senhores, é o segredo de polichinelo! Só as crianças é que não o compreendem; e os hipócritas fingem não compreender.

(Ouve-se a sirene do carro dos bombeiros, que chega. Ouve-se também o ruído dos freios do carro que pára bruscamente sob a janela)

DAISY - Chegaram os bombeiros!

BOTARD - É preciso que isso mude! Isto não pode ficar assim.

DUDARD - Não há significação possível, senhor Botard. Os rinocerontes existem, isso é que é. Não há mais nada a dizer.

DAISY - *(à janela, olhando para baixo)* Senhores bombeiros: é para cá!

(Ouve-se em baixo o barulho dos preparativos de salvamento)

VOZDE UM BOMBEIRO - Coloquem a escada!

BOTARD - *(a Dudard)* Eu tenho a chave dos acontecimentos... Um sistema de interpretação que nunca falha.

SR. PAPILLON - Mesmo assim será preciso voltar ao escritório, hoje à tarde.

(Vê-se a escada dos bombeiros encostar na janela)

BOTARD - Ora, o trabalho que espere, Sr. Papillon.

SR. PAPILLON - E o que dirá a Direção Geral?

DUDARD - Isto é um caso excepcional.

BOTARD - *(apontando a janela)* Não podem obrigar-nos a retomar o mesmo caminho. Temos que esperar que consertem a escada.

DUDARD - Se alguém quebrar uma perna, isso poderá causar transtornos à Direção.

SR. PAPIILLON - Isso é verdade.

(Vê-se aparecer o capacete de um bombeiro e depois este)

BÉRENGER - *(a Daisy, indicando a janela)* Faça o favor. Depois da senhorita.

BOMBEIRO - Vamos, senhorita.

(Bombeiro pega Daisy nos braços e desaparece com ela)

DUDARD - Até logo, senhorita Daisy. Até breve.

DAISY - *(desaparecendo)* Até breve, meus senhores!

SR. PAPIILLON - *(à janela)* Telefone-me amanhã cedo, senhorita. Virá bater a correspondência em minha casa. *(A Bérenger)* Senhor Bérenger, chamo a sua atenção para o fato de que não estamos em férias; retomaremos o trabalho logo que fôr possível. *(Aos outros dois)* Os senhores me ouviram?

DUDARD - Sem dúvida, senhor Papillon.

BOTARD - Evidentemente, nós somos explorados até a alma.

BOMBEIRO - *(aparecendo à janela)* De quem é a vez?

SR. PAPIILLON - *(dirigindo-se aos três)* Podem ir.

DUDARD - Depois do senhor, senhor Papillon.

BÉRENGER - Depois do senhor, chefe.

BOTARD - Depois do senhor, está claro.

SR. PAPIILLON - *(a Bérenger)* Traga-me a pasta da correspondência da senhorita Daisy. Está ali, na mesa.

(Bérenger vai buscar a correspondência e entrega-a ao Sr. Papillon)

BOMBEIRO - Vamos logo, que eu estou com pressa. Há mais gente que precisa de nós.

BOTARD - Que é que eu dizia?

(Sr. Papillon, com a correspondência debaixo do braço, sobe à janela)

SR. PAPIILLON - *(aos bombeiros)* Cuidado com as pastas. *(Voltando-se para Dudard, Botará e Bérenger)* Até logo, senhores.

DUDARD - Até logo, Sr. Papillon.

BÉRENGER - Até logo, Sr. Papillon.

SR. PAPIILLON - *(desaparecendo, ouve-se dizer)* Cuidado com os papéis!

VOZDO SR. PAPIILLON - Dudard! Feche o escritório à chave.

DUDARD - *(gritando)* Não se preocupe, Sr. Papillon. *(A Botard)* É a sua vez, senhor Botard.

BOTARD - Eu vou descer, senhores, e logo em seguida irei visitar as autoridades competentes para esclarecer este falso mistério. *(Dirige-se à janela, para sair)*

DUDARD - *(a Botard)* Eu pensava que já estivesse tudo esclarecido.

BOTARD - *(subindo à janela)* Sua ironia não me atinge. O que eu quero agora é mostrar as provas, os documentos, sim, as provas da sua traição.

DUDARD - Isso é absurdo...

BOTARD - O seu insulto...

DUDARD - *(interrompendo)* Eu é que estou sendo insultado!...

BOTARD - *(desaparecendo)* Não estou insultando. Estou a caminho das provas.

VOZDO BOMBEIRO - Vamos, vamos...

DUDARD - *(a Bérenger)* Que é que você faz hoje à tarde? Podíamos ir beber qualquer coisa.

Desvendando Teatro (www.desvendandoteatro.com)

BÉRENGER - Desculpe, mas não posso. Vou aproveitar esta tarde livre para visitar o meu amigo Jean. Apesar de tudo, quero fazer as pazes com ele. Nós brigamos e, afinal, eu também estava errado.

(A cabeça do Bombeiro reaparece à janela)

BOMBEIRO - Vamos, vamos!...

BÉRENGER - *(apontando a janela)* Paz favor...

DUDARD - *(a Bérenger)* Faz favor...

BÉRENGER - *(a Dudard)* Não, não! Faz favor...

DUDARD - *(a Bérenger)* De modo nenhum... Faz favor.

BÉRENGER - *(a Dudard)* Ah, não! Tenha a bondade... Faz favor...

BOMBEIRO - Depressa, depressa!

DUDARD - *(a Bérenger)* Paz favor... Faz favor...

BÉRENGER - *(a Dudard)* Faz favor... Faz favor...

(Sobem, à janela juntos. O Bombeiro ajuda-os a descer, enquanto)

CAIOPANO

FIM DO Q UADRO

SEGUNDO Q UADRO

(Em casa de Jean. A estrutura do cenário é mais ou menos a mesma do primeiro quadro deste segundo ato, isto é, o palco está dividido em duas partes. A direita, ocupando as três quartas partes ou os quatro quintos do palco, conforme a largura deste, vê-se o quarto de Jean. Ao fundo, encostada à parede, a cama de Jean, onde ele está deitado. No meio do palco, uma cadeira ou uma poltrona onde Bêrenger irá sentar-se. A direita, no meio, uma porta dando para o banheiro de Jean. Quando este for arrumar-se, deverá ouvir-se o barulho de água da torneira do chuveiro. A esquerda do quarto, uma divisória corta o palco em dois. No meio, a porta dando para a escada.

Se se quiser fazer um cenário menos realista, um cenário estilizado, poder-se-á colocar simplesmente a porta sem a parede divisória. A esquerda do palco, vê-se a escada, os últimos degraus dando para o apartamento de Jean, o corrimão e uma parte do patamar. Ao fundo, no nível deste patamar, uma porta do apartamento vizinho. Mais em baixo, no fundo, a parte superior de uma porta envidraçada, na qual se lê: PORTEIRA. Ao abrir a cortina, Jean está deitado na cama, tapado com um cobertor, de costas para o público. Ouvimo-lo tossir. Ao cabo de alguns instantes, vê-se Bêrenger aparecer, subindo os últimos degraus da escada. Ele bate à porta e Jean não responde.

Bêrenger bate novamente)

BÊRENGER - Jean! *(Bate novamente)* Jean!

(A porta ao fundo do patamar entreabre-se e surge um velhinho de barbicha branca)

VELHINHO - O que é que há?

BÊRENGER - Eu venho visitar o meu amigo Jean, o senhor Jean.

VELHINHO - Pensava que era para mim. Eu também me chamo Jean, mas estou vendo que é com o outro.

VOZDA MULHER DO VELHINHO - *(do fundo do apartamento)* É para nós?

VELHINHO - *(virando-se para a mulher, que continua invisível)* É para o outro.

BÊRENGER - *(batendo na porta)* Jean!

VELHINHO - Hoje não o vi sair. Ontem encontrei-o e não parecia estar bem humorado.

BÊRENGER - Deve estar sim, e a culpa é minha.

VELHINHO - Talvez ele não queira abrir, mas insista.

VOZDA MULHER DO VELHINHO - Jean! Deixa de conversa, Jean.

BÉRENGER - *(batendo)* Jean!

VELHINHO - *(à mulher)* Um momento. Ai ai ai ai... *(Volta para dentro e fecha a porta)*

JEAN - *(deitado, de costas para o público, com vos rouca)* Que é que há?

BÉRENGER - Abra, meu caro Jean! Vim fazer-lhe uma visita.

JEAN - Quem é?

BÉRENGER - É Bérenger. Não incomodo?

JEAN - Ah, é você? Entre.

BÉRENGER - *(tentando abrir)* A porta está fechada.

JEAN - Um momento! Ai ai ai ai... *(Jean levanta-se. Realmente está mal humorado. Veste pijama verde; está despenteado)* Um momento. *(Dá volta à chave na fechadura)* Um momento. *(Vai-se deitar novamente, tapando-se com o cobertor)* Entre.

BÉRENGER - *(entrando)* Bom dia, Jean.

JEAN - *(deitado)* Que horas são? Você não foi ao escritório?

BÉRENGER - Você ainda está deitado? Não foi ao escritório? Desculpe, não estou incomodando?

JEAN - *(sempre de costas)* É estranho... Não reconheci a sua voz.

BÉRENGER - Eu também não reconheci a sua.

JEAN - *(continuando de costas)* Sente-se.

BÉRENGER - Você está doente? *(Jean responde com um som inarticulado, mais parecido com um grunhido)* Jean, você sabe... Fui muito besta em brigar com você, por uma história daquelas.

JEAN - Que história?

BÉRENGER - Ontem...

JEAN - Ontem?... Onde?...

BÉRENGER - Você esqueceu? Foi a propósito do rinoceronte, daquele infeliz rinoceronte.

JEAN - Qual rinoceronte?

BÉRENGER - O rinoceronte, ou antes... Aqueles dois infelizes rinocerontes que nós vimos.

JEAN - Ah! Sim, já me lembro... Mas quem lhe disse que os dois rinocerontes eram infelizes?

BÉRENGER - É um modo de falar.

JEAN - Bem, não falemos mais nisso.

BÉRENGER - Você é um bom sujeito.

JEAN - Então que é que há?

BÉRENGER - Faço questão de lhe dizer que lamento ter discutido assim... Com aquele exagero... Com aquela teimosia... Com aquela violência... Enfim, enfim... Fui besta.

JEAN - Isso, de você, não me admira.

BÉRENGER - Desculpe.

JEAN - Não me sinto muito bem. (*Tosse*)

BÉRENGER - Sem dúvida é por isso que você está deitado. (*Mudando de tom*) Sabe, Jean? Ambos tínhamos razão.

JEAN - A propósito de quê?...

BÉRENGER - A propósito... Da mesma coisa. Você desculpe eu voltar mais uma vez ao assunto, mas vou ser breve. O que eu queria dizer, meu caro Jean, é que ambos tínhamos razão, cada um a seu modo. Agora, já está provado que na cidade há tantos rinocerontes de um corno como rinocerontes de dois cornos.

JEAN - É o que eu lhe dizia. E afinal, tanto pior.

BÉRENGER - É, tanto pior.

JEAN - Ou tanto melhor, conforme.

BÉRENGER - *(continuando)* De onde vem uns, de onde vêm outros, ou de onde vêm outros e uns, no fundo, isso pouco importa. Para mim, a única coisa que importa é a existência do rinoceronte em si, pois...

JEAN - *(voltando-se e sentando-se na cama em desordem, frente a Bérenger)*
Não me sinto nada bem, nada bem!

BÉRENGER - Isso é mau. Que será que você tem?

JEAN - Não sei bem... É uma indisposição, ou indisposições.

BÉRENGER - Sente-se fraco?

JEAN - Não, antes pelo contrário, sinto um calor aqui dentro...

BÉRENGER - Eu quis dizer... Uma fraqueza passageira. Isso acontece a toda a gente.

JEAN - A mim, nunca.

BÉRENGER - Então, talvez seja um excesso de saúde. Energia demais, às vezes também é mau. Desequilibra o sistema nervoso.

JEAN - O meu equilíbrio é perfeito. *(A sua voz vai ficando cada vez mais rouca)*
Sou muito são, de corpo e de alma. Minha hereditariedade...

BÉRENGER - Claro, claro. Talvez você tenha se resfriado. Está com febre?

JEAN - Não sei. Sim, talvez tenha um pouco de febre. Estou com dor de cabeça.

BÉRENGER - É uma simples dor de cabeça. Se quiser, vou-me embora.

JEAN - Pode ficar. Você não me incomoda.

BÉRENGER - Você também está rouco.

JEAN - Rouco?

BÉRENGER - Um pouco rouco, sim. Foi por isso que não reconheci sua voz.

JEAN - Por que eu estaria rouco? A minha voz não mudou, a sua é que talvez tenha mudado.

BÉRENGER - A minha?

JEAN - E porque não?

BÉRENGER - É possível. Nem tinha dado por isso.

JEAN - Também não me admira. Em que é que você repara? (*Passando a mão na testa*) O que me dói mesmo é a testa. Devo ter dado uma batida. (*Sua voz está ainda mais rouca*)

BÉRENGER - Quando foi que deu essa batida?

JEAN - Não sei, não me lembro.

BÉRENGER - Teria sentido a dor.

JEAN - Talvez eu tenha batido enquanto dormia.

BÉRENGER - O choque o teria acordado. Com certeza você sonhou que deu uma batida.

JEAN - Eu nunca sonho...

BÉRENGER - (*continuando*) A dor de cabeça começou durante o sono, você esqueceu que sonhou, ou melhor, você lembra-se disso inconscientemente!

JEAN - Eu, inconscientemente? Sou senhor dos meus pensamentos, não me deixo levar por eles. Eu vou em frente, sempre em frente!

BÉRENGER - Eu sei. Acho que não me fiz entender.

JEAN - Procure ser mais claro. Não é necessário dizer-me coisas desagradáveis.

BÉRENGER - Muitas vezes a dor de cabeça, dá a impressão de uma batida. (*Aproximando-se de Jean*) Se você tivesse batido, deveria ter um galo. (*Olhando Jean*) Ah, sim, na verdade você tem um, você tem um galo.

JEAN - Um galo?

BÉRENGER - Sim, um bem pequeno.

JEAN - Onde?

BÉRENGER - (*indicando a testa de Jean*) Ai, logo acima do nariz.

JEAN - Galo, coisa nenhuma. Na minha família nunca houve disso.

BÉRENGER - Você tem um espelho?

JEAN - Ah, essa agora! (*Apalpando a testa*) No entanto, parece que é. Vou ver, no banheiro. (*Levanta-se bruscamente e dirige-se para o banheiro. Bérenger segue-o com o olhar. Do banheiro*) É verdade, tenho um galo. (*Ele volta; sua tez está mais esverdeada*) Afinal, bem vê que eu dei uma batida.

BÉRENGER - Você está com mau aspecto. Sua tez está esverdeada.

JEAN - Você tem prazer em me dizer coisas desagradáveis. E você, já se olhou?

BÉRENGER - Desculpe, eu não disse isso por mal.

JEAN - (*bastante aborrecido*) Não é o que parece.

BÉRENGER - A sua respiração está com um ruído muito forte. Está mal da garganta? (*Jean vai novamente sentar-se na cama*) Está mal da garganta? Talvez seja uma angina.

JEAN - Por que teria eu uma angina?

BÉRENGER - Não é vergonha nenhuma, eu também já tive anginas. Deixe tomar o seu pulso.

(*Levanta-se e vai tomar o pulso de Jean*)

JEAN - (*cada vez mais rouco*) Oh, isso está bom.

BÉRENGER - O seu pulso está normal. Não se aflija.

JEAN - Eu não estou aflito. Porque haveria de estar?

BÉRENGER - Você tem razão. Alguns dias de repouso, e pronto.

JEAN - Não tenho tempo para repouso. Preciso tratar de comer.

BÉRENGER - Seu mal não é tão grande, visto que você está com fome. Mesmo assim você devia repousar alguns dias. É prudente. Já chamou o médico?

JEAN - Não preciso de médico.

BÉRENGER - Mas é preciso chamar o médico.

JEAN - Você não vai chamar o médico porque eu não quero que se chame o médico. Eu me trato sozinho.

BÉRENGER - Você está errado em não acreditar na medicina.

JEAN - Os médicos inventam doenças que não existem.

BÉRENGER - Isso parte de um bom sentimento. É pelo prazer de cuidar das pessoas.

JEAN - Eles inventam as doenças, inventam as doenças!

BÉRENGER - Pode ser que inventem, mas curam as doenças que inventam.

JEAN - Só tenho confiança nos veterinários.

BÉRENGER - *(que tinha largado o pulso de Jean, pega-o de novo)* Suas veias estão com jeito de inchar. Estão salientes.

JEAN - É sinal de força.

BÉRENGER - Evidentemente, é um sinal de saúde e de força. No entanto... *(Olha mais de perto o antebraço de Jean, contra a vontade deste, que consegue livrar-se violentamente)*

JEAN - Por que é que você me olha, como se eu fosse um bicho raro?

BÉRENGER - Sua pele...

JEAN - Que é que tem a minha pele? Eu me ocupo da sua?

BÉRENGER - Parece que... Sim, parece que está mudando de cor a olhos vistos. Está esverdeada. *(Quer pegar de novo a mão de Jean)* E está endurecendo, também.

JEAN - *(retirando de novo a mão)* Não fique me agarrando assim. O que é que há consigo? Não me aborreça.

BÉRENGER - *(para si)* Talvez isto seja mais grave do que eu pensava. *(A Jean)* É preciso chamar um médico. *(Dirige-se para o telefone)*

JEAN - Largue esse aparelho. *(Precipita-se sobre Berenger e empurra-o. Berenger cambaleia)* Meta-se na sua vida.

BÉRENGER - Pronto, está certo. Era para o seu bem.

JEAN - *(tossindo e respirando ruidosamente)* Conheço o meu bem, melhor do que você.

BÉRENGER - Você respira com dificuldade.

JEAN - Cada um respira como pode! Você não gosta da minha respiração, e eu não gosto da sua. Você tem uma respiração muito fraca; nem se ouve. Até parece que vai morrer de um momento para o outro.

BÉRENGER - Não há dúvida que não tenho a sua força.

JEAN - E eu estou mandando você ao médico para lhe dar força? Cada um faz aquilo que quer!

BÉRENGER - Não se irrite comigo. Sabe muito bem que sou seu amigo.

JEAN - A amizade não existe. Não acredito na sua amizade.

BÉRENGER - Você me magoa.

JEAN - Não tem com que se magoar.

BÉRENGER - Meu caro Jean...

JEAN - Não sou seu caro Jean.

BÉRENGER - Você hoje está muito misantropo.

JEAN - Estou sim, estou misantropo, misantropo, misantropo... Gosto de ser misantropo.

BÉRENGER - Com certeza você ainda está aborrecido comigo, por causa da nossa tola discussão de ontem. Reconheço que foi minha culpa e, justamente vim para me desculpar...

JEAN - Qual discussão?

BÉRENGER - Eu acabei de lembrar. Você sabe, o rinoceronte!

JEAN - *(sem ouvir Bérenger)* Para ser franco, não detesto os homens, eles me são indiferentes, ou então eles me dão asco... Mas, que não se metam no meu caminho, porque eu os esmagarei.

BÉRENGER - Você bem sabe que eu nunca serei um obstáculo...

JEAN - Quanto a mim, tenho um objetivo. Vou direto a ele.

BÉRENGER - Certamente! Você tem razão! No entanto, acho que você está passando por uma crise moral. *(Há alguns instantes que Jean percorre o quarto,*

como uma fera enjaulada, de uma parede a outra. Bérenger observa-o, desvia-se de vez em quando, ligeiramente, para evitá-lo. A voz de Jean está cada vez mais rouca) Não se enerve, não se enerve.

JEAN - Não me sentia bem dentro da minha roupa... E agora também não suporte o meu pijama! *(Abre e fecha o paletó do pijama)*

BÉRENGER - Que é isso? Que é que tem a sua pele?

JEAN - De novo, a minha pele? É a minha pele e não mudarei certamente pela sua.

BÉRENGER - Até parece couro.

JEAN - É mais sólida. Resisto às intempéries.

BÉRENGER - Você está cada vez mais verde.

JEAN - Hoje você está com a mania das cores. Você tem visões... Deve ter bebido.

BÉRENGER - Bebi ontem, hoje não.

JEAN - Isso é a consequência de um passado irregular.

BÉRENGER - Prometi emendar-me, você bem sabe, porque eu escuto os conselhos dos amigos como você. Não me sinto humilhado, antes pelo contrário.

JEAN - Que me importa. Brrr...

BÉRENGER - Que foi que você disse?

JEAN - Não disse nada. Eu fiz brrr... Isso me diverte.

BÉRENGER - *(olhando Jean nos olhos)* Você sabe o que aconteceu ao Boeuf? Virou rinoceronte.

JEAN - O que é que aconteceu com Boeuf?

BÉRENGER - Virou rinoceronte.

JEAN - *(abanando-se com o paletó)* Brrr...

BÉRENGER - Não brinque mais...

JEAN - Deixe-me soprar. Tenho todo o direito, pois estou em minha casa.

BÉRENGER - Não digo o contrário.

JEAN - Faz bem em não me contradizer. Estou com calor, com calor. Brrr... Espere um pouco que vou me refrescar.

BÉRENGER - *(enquanto Jean se precipita para o banheiro)* Isso é da febre.

(Jean está no banheiro; ouvimo-lo soprar e depois o barulho da água saindo da torneira)

JEAN - *(de dentro)* Brrr...

BÉRENGER - Está com arrepios. Não faz mal, vou telefonar para o médico. *(Dirige-se de novo para o telefone, e depois retira-se bruscamente porque ouve a voz de Jean)*

JEAN - Então, o nosso Boeuf virou rinoceronte? Ah, ah, ah, ah,... Troçou de vocês. Ele se disfarçou. *(Põe a cabeça no limiar da porta do banheiro. Está muito verde. Seu galo está um pouco maior, acima do nariz)* Ele se disfarçou.

BÉRENGER - *(andando pelo quarto sem olhar Jean)* Garanto que isso era uma coisa muito séria.

JEAN - Bem, isso é com ele.

BÉRENGER - *(virando-se para Jean que desaparece no banheiro)* Com certeza que ele não fez de propósito. A mudança fez-se contra sua vontade.

JEAN - *(de dentro)* Como é que você sabe?

BÉRENGER - Pelo menos, tudo nos leva a crer.

JEAN - E se ele tivesse feito de propósito? Hein, se tivesse feito de propósito?

BÉRENGER - Muito me admiraria. Pelo menos a senhora Boeuf não tinha cara de quem sabia...

JEAN - *(com voz muito rouca)* Ah, ah, ah, ah! A gorda senhora Boeuf! Ai, ai! É uma idiota.

BÉRENGER - Idiota ou não...

JEAN - *(entra rapidamente, tira seu paletó que joga na cama, enquanto Bérenger volta-se discretamente. Jean, que tem o peito e as costas verdes, entra de novo no banheiro. Reentrando e saindo)* Boeuf não punha a mulher a par dos seus projetos...

BÉRENGER - Você se engana, Jean. É um casal muito unido.

JEAN - Muito unido? Você tem certeza? Hum, hum. Brrr...

BÉRENGER - *(dirigindo-se para o banheiro onde Jean lhe dá com a porta na cara)* Muito unidos. A prova é que...

JEAN - *(de dentro)* Boeuf tinha a sua vida pessoal. Ele reservou um lugar secreto, no fundo do seu coração.

BÉRENGER - Eu não devia fazer você falar, Está com jeito de fazer mal.

JEAN - Pelo contrário, isso me alivia.

BÉRENGER - Mesmo assim, deixe-me chamar o médico, por favor.

JEAN - Proíbo-o solenemente. Não gosto de gente cabeçuda. *(Entra no quarto. Bérenger recua um pouco horrorizado, pois Jean está ainda mais verde e fala com bastante dificuldade. Sua voz está irreconhecível)* E então, se ele virou rinoceronte, voluntária ou involuntariamente, talvez seja melhor para ele.

BÉRENGER - Que é que você está dizendo? Como é que você pode pensar...

JEAN - Você vê mal em tudo. Se isso lhe dá prazer virar rinoceronte, se isso lhe dá prazer, hein? Não há nada de extraordinário nisso.

BÉRENGER - Evidentemente que não há nada de extraordinário nisso. No entanto, duvido que isso lhe dê prazer.

JEAN - E por que, então?

BÉRENGER - É difícil dizer por quê. Compreende-se.

JEAN - Eu lhe digo que não é tão mau assim! Afinal, os rinocerontes são criaturas como nós, que têm direito à vida, tal como nós!

BÉRENGER - Com a condição que eles não destruam a nossa. Você já pensou na diferença de mentalidade?

JEAN - *(indo e vindo do quarto, entrando no banheiro e saindo)* Você acha que a nossa é preferível?

BÉRENGER - Mesmo assim, temos uma moral a nosso modo, que eu acho incompatível com a desses animais.

JEAN - Moral! Lá vem a moral! Estou farto de moral! É linda a moral! É

preciso ir além da moral!

BÉRENGER - E que é que você põem no lugar dela?

JEAN - *(mesma coisa)* A natureza!

BÉRENGER - A natureza?

JEAN - *(mesma coisa)* A natureza tem as suas leis. A moral é anti-natural.

BÉRENGER - Se estou compreendendo bem, você quer trocar a lei moral pela lei da selva.

JEAN - E eu viverei lá, viverei lá.

BÉRENGER - Fácil de dizer, mas no fundo, ninguém...

JEAN - *(interrompendo-o, indo e vindo)* É preciso reconstituir a base da nossa vida. Precisamos voltar à integridade primordial.

BÉRENGER - Não concordo absolutamente com a sua opinião.

JEAN - *(soprando com violência)* Quero respirar.

BÉRENGER - Reflita um pouco. Você sabe muito bem que nós temos uma filosofia que esses animais não têm. Um sistema de valores insubstituível! São séculos de civilização humana!

JEAN - *(sempre no banheiro)* Derrubemos tudo isso! Assim ficaremos melhor!

BÉRENGER - Impossível levá-lo a sério. Você está brincando, está fazendo poesia.

JEAN - Brrr... *(dá quase um barrido)*

BÉRENGER - Não sabia que você era poeta.

JEAN - *(sai do banheiro)* Brrr... (Dá um novo barrido)

BÉRENGER - Eu o conheço muito bem, para não acreditar que isso seja o seu verdadeiro pensamento. Pois você sabe tão bem quanto eu, que o homem...

JEAN - *(interrompendo-o)* O homem... Não diga mais essa palavra!

BÉRENGER - Eu me referia ao ser humano à humanidade...

JEAN - O humanismo caducou! Você é um sentimentalão ridículo. *(Entra no banheiro)*

BÉRENGER - Enfim, mesmo assim, o espírito...

JEAN - *(no banheiro)* Frases feitas! Você só fala bobagens!

BÉRENGER - Bobagens!

JEAN - *(no banheiro, com vos muito rouca, dificilmente compreensível)* Completamente.

BÉRENGER - Muito me admira de ouvir você dizer isso, meu caro Jean! Você perdeu a cabeça? Será que você gostaria de ser rinoceronte?

JEAN - Porque não! Não tenho os seus preconceitos.

BÉRENGER - Fale mais claramente, que eu não estou compreendendo. Você está articulando mal.

JEAN - *(continuando no banheiro)* Destape os ouvidos!

BÉRENGER - Como?

JEAN - Destape os ouvidos. Eu disse: por que não ser um rinoceronte? Gosto de mudar.

BÉRENGER - Tais afirmações partindo de você... *(Bérenger interrompe-se, pois Jean faz uma aparição horrível. Está todo verde. O galo de sua testa está quase como um corno de rinoceronte)* Oh! Realmente, parece que você está perdendo a cabeça! *(Jean precipita-se para a sua cama, joga as cobertas no chão, palavras furiosas e incompreensíveis, fazendo ouvir sons indescritíveis)* Mas não fique tão furioso assim, acalme-se! Você nem parece o mesmo.

JEAN - *(confusamente)* Calor... Muito calor. Destruir tudo isso... Roupas, isso dá coceira... Roupas... Coceira.

(Deixa cair a calça do pijama)

BÉRENGER - Que é que você está fazendo? Nem o reconheço! Você sempre tão pudico!

JEAN - Os pântanos! Os pântanos!

BÉRENGER - Olhe para mim! Você parece que nem me vê, nem me compreende!

JEAN - Compreendo-o muito bem! E vejo-o muito bem! (*Investe para Bérenger, cabeça baixa; Bérenger esquiva-se*)

BÉRENGER - Cuidado!

JEAN - (*soprando ruidosamente*) Desculpe! (*Precipita-se muito apressado ao banheiro*)

BÉRENGER - (*faz menção de fugir para a porta da esquerda, mas, depois, dá meia volta e vai ao banheiro atrás de Jean, dizendo*) Apesar de tudo não posso deixá-lo assim, é um amigo. (*Do banheiro*) Vou chamar um médico! Creia-me que é indispensável, indispensável!

JEAN - (*no banheiro*) Não.

BÉRENGER - Acalme-se, Jean! Você é ridículo. Oh! Seu corno está crescendo a olhos vistos!... Você é rinoceronte!

JEAN - (*no banheiro*) Eu te esmagarei! Te esmagarei!

(*Grande barulho no banheiro: barridos, ruído de objetos, um espelho que cai e quebra-se; depois, vê-se aparecer Bérenger; todo apavorado, que fecha com dificuldade a porta do banheiro, apesar da pressão contrária que se imagina*)

BÉRENGER - (*empurrando a porta*) Ele é rinoceronte! É rinoceronte! (*Consegue fechar a porta. Seu paletó tem um rasgão causado por uma cornada. No momento em que ele conseguiu fechar a porta, o corno do rinoceronte furou-lhe o paletó. Enquanto a porta estremece toda, devido à pressão contínua do animal e o estrondo, no banheiro, aumenta cada vez mais, ouvindo-se barridos misturados com palavras mal articuladas como: estou possesso, canalha, etc., Bérenger precipita-se para a porta da direita*) Nunca teria pensado dele uma coisa dessas! (*Abre a porta dando para a escada e vai bater à porta do Velhinho, com murros fortes e repetidos*) Vocês têm um rinoceronte no prédio! Chamem a polícia!

(*A porta abre-se*)

VELHINHO - (*aparecendo a cabeça*) Que é que você tem?

BÉRENGER - Chamem a polícia! Tem um rinoceronte na casa!...

VOZDA MULHER DO VELHINHO - Que é que está acontecendo, Jean? Que barulho é esse?

VELHINHO - (*para a mulher*) Não sei de que é que ele está falando. Diz que viu um rinoceronte.

BÉRENGER - Sim, dentro de casa. Chamem a polícia!

VELHINHO - Que modos são esses de incomodar as pessoas?! Tenha modos!

(Bate-lhe com a porta na cara)

BÉRENGER - *(precipitando-se para a escada)* Porteira, porteira, você tem um rinoceronte na casa! Chame a polícia! Porteira! *(Vê-se abrir a parte de cima da porta da porteira e surgir a cabeça de um rinoceronte)* Mais um! *(Bérenger volta a subir a escada, rapidamente. Quer entrar no quarto de Jean, hesita, depois volta novamente à porta do Velhinho. Nesse momento, a porta ao Velhinho abre-se e aparecem duas pequenas cabeças de rinoceronte)* Meu Deus! Deus do céu! *(Bérenger entra no quarto de Jean, enquanto a porta do banheiro continua estremecendo. Dirige-se à janela, que está indicada apenas por um caixilho, no proscênio, frente ao público. Está esgotado, quase a desmaiar, balbucia)* Ai, meu Deus! Ai, meu Deus! *(Faz um grande esforço põe-se a subir na janela, passa quase do outro lado, isto é, para a platéia, mas volta rapidamente, pois nesse mesmo instante vê surgir do poço da orquestra, correndo a toda velocidade, uma longa fila de cornos de rinoceronte. Berenger sobe o mais rápido que pode e olha um momento pela janela)* Agora há um bando enorme na rua! Um pelotão de rinocerontes desembesta pela avenida abaixo!... *(Olha de todos os lados)* Mas por onde sair, por onde sair?!... Se ao menos se contentassem com o meio da rua! Eles ocupam a calçada! Por onde sair?! Por onde! *(Apavorado, dirige-se para todas as portas e à janela, enquanto a porta do banheiro continua a ser empurrada ouvindo-se Jean dar barridos e proferir injúrias incompreensíveis. Isto dura alguns instantes: cada vez que nas desorientadas tentativas de fuga, Berenger se encontra frente à porta dos Velhos, ou nos degraus, é acolhido por cabeças de rinocerontes que dão barridos e o fazem recuar. Vai uma última vez à janela e olha)* É um mar de rinocerontes! E diziam que era um animal solitário! Falso! É preciso modificar essa concepção! Eles destruíram todos os bancos da avenida. *(Torce e retorce as mãos)* Que fazer? *(Dirige-se novamente para as diversas saídas, mas não consegue sair devido às aparições de cabeças de rinocerontes. Quando ele se acha novamente diante da porta do banheiro, esta ameaça ceder. Berenger atira-se contra a parede do fundo que desmorona; vê-se a rua ao fundo e ele foge gritando)* Rinocerontes! Rinocerontes! *(Estrondos. A porta do banheiro vai ceder)*

CORTINA

TERCEIRO ATO

(Mais ou menos a mesma estrutura de cenário do quadro precedente. É o quarto de Bérenger, que se assemelha extraordinariamente ao de Jean. Apenas alguns pormenores, um ou dois móveis a mais, indicam que se trata de um outro quarto. A escada com patamar, à esquerda. Porta ao fundo do patamar. Não há portaria. Diva, ao fundo. Bérenger está estirado nele, de costas para o público. Uma poltrona e uma mesinha com telefone. Talvez uma outra mesa e uma cadeira. Janela, ao fundo, aberta. Caixilhos de uma janela, no proscênio. Bérenger está deitado, todo vestido. Tem um pano amarrado em volta da cabeça. Deve estar dormindo com pesadelos, pois agita-se bastante)

BÉRENGER - Não! *(Pausa)* Os cornos, atenção aos cornos! *(Pausa. Ouve-se o tumulto de uma grande quantidade de rinocerontes que estão passando em baixo da janela do fundo)* Não! *(Cai da cama, debatendo-se contra o que sonhou e acorda. Passa a mão pela testa, com ar espavorido; depois dirige-se ao espelho, levanta a tira que lhe cobre a testa, enquanto se afastam os ruídos que vêm de fora. Suspira de alívio, pois constata que não tem galo na testa. Hesita, vai até ao divã, onde se estende, e levanta-se logo em seguida. Vai até à mesa, de onde pega uma garrafa de conhaque e um copo. Faz menção de se servir, mas após uma breve hesitação volta a colocar a garrafa e o copo, no lugar)* Força de vontade, força de vontade. *(Vai novamente na direção do divã, quando recomeça a ouvir-se o tumulto provocado pela correria dos rinocerontes que estão passando sob a janela do fundo. Bérenger põe a mão no coração)* Oh! *(Encaminha-se para a janela do fundo, olha um instante; depois, bastante enervado, fecha a janela. Os rumores cessam. Ele dirige-se para a mesinha, hesita um instante e depois faz um gesto que significa: "tanto pior"; enche o copo de conhaque e bebe de um trago. Coloca a garrafa e o copo no seu lugar. Tosse. Esta tosse parece preocupá-lo. Tosse mais uma vez e procura escutar-se. Volta a olhar-se no espelho, tossindo; abre a janela, ouve-se a respiração impetuosa dos rinocerontes e êle tosse novamente)* Não, não é igual! *(Acalma-se, fecha a janela, tateia a frente, por cima da tira, vai até ao divã, com ar de quem está com sono Vê-se Dudard subindo os últimos degraus da escada, chegar ao patamar e bater à porta de Bérenger)*

BÉRENGER - *(sobressaltando-se)* Quem é?

DUDARD - Vim vê-lo, Bérenger, vim vê-lo.

BÉRENGER - Quem está aí?

DUDARD - Sou eu, sou eu.

BÉRENGER - Eu quem?

DUDARD - Sou eu, Dudard.

BÉRENGER - Ah! É você? Entre.

DUDARD - Não incomodo? (*Tenta abrir*) A porta está fechada.

BÉRENGER - Um momento, Ai, ai, ai... (*Vai abrir; Dudard entra*)

DUDARD - Bom dia, Bérenger.

BÉRENGER - Bom dia, Dudard. Que horas são?

DUDARD - Então, sempre entrincheirado em casa? Você está melhor?

BÉRENGER - Desculpe, eu não reconheci a sua voz. (*Vai abrir a janela*) Sim, sim, estou um pouco melhor, acho.

DUDARD - Minha voz não mudou e eu reconheci a sua muito bem.

BÉRENGER - Desculpe, tinha-me parecido... Realmente, a sua voz é a mesma. A minha também não mudou, não é?

DUDARD - E porque haveria de mudar?

BÉRENGER - Eu não estou um pouco... Um pouco rouco?

DUDARD - Não, absolutamente.

BÉRENGER - Melhor. Você me anima.

DUDARD - Que é que se passa com você?

BÉRENGER - Não sei, nunca se sabe... Uma voz pode mudar... Isso acontece, infelizmente!

DUDARD - Será que você apanhou vento?

BÉRENGER - Espero que não... Espero que não. Sente-se, Dudard, faça o favor. Sente-se na poltrona.

DUDARD - (*sentando-se na poltrona*) Você continua não se sentindo bem? Sempre com dor de cabeça? (*Aponta a tira de Bérenger*)

BÉRENGER - Sim, todos os dias tenho dor de cabeça. Mas não tenho galo, nem dei nenhuma batida! ... (*Levanta a tira e mostra a testa a Dudard*)

DUDARD - Não, você não tem galo; pelo menos não estou vendo.

BÉRENGER - Não tenho e nunca hei de ter, espero.

DUDARD - Se você não bateu, como poderia ter?

BÉRENGER - Quando não se quer dar batida, nunca se dá!

DUDARD - Evidentemente. O que é preciso é prestar atenção. Mas então o que é que você tem? Está nervoso, agitado. Sem dúvida deve ser por causa da sua dor de cabeça. Não se agite tanto; assim se sentirá melhor.

BÉRENGER - Dor de cabeça? Não me fale de dor de cabeça! Nem me fale disso!

DUDARD - É muito compreensível que sofra de dor de cabeça, depois da emoção por que você passou.

BÉRENGER - Ainda não me refiz.

DUDARD - Então, não há nada de extraordinário que você esteja com dor de cabeça.

BÉRENGER - (*correndo para o espelho e levantando a tira*) Não, não há... Mas, você sabe? É assim que pode começar.

DUDARD - O que é que pode começar?

BÉRENGER - ... Tenho medo de vir a ser outro.

DUDARD - Esteja calmo, sente-se. Andando assim de um lado para o outro, só pode piorar o seu estado.

BÉRENGER - Sim, você tem razão, é preciso calma. (*Senta-se*) Ainda não me conformo, você sabe?

DUDARD - Por causa de Jean, eu sei.

BÉRENGER - Sim, por causa de Jean. E dos outros também.

DUDARD - Compreendo que você ficou chocado.

BÉRENGER - Não é para menos, pense bem!

DUDARD - Afinal de contas, mesmo assim não é caso para exagerar... Isso não é motivo para você...

BÉRENGER - Gostaria de o ver no meu lugar. Jean era o meu melhor amigo. E

a raiva dele... E aquela transformação que se produziu na minha cara!

DUDARD - Está certo. Você ficou desiludido, é claro. Mas não pense mais nisso.

BÉRENGER - Não pensar, como? Um rapaz tão humano, um verdadeiro defensor do humanismo! Quem haveria de dizer! Ele, ele mesmo! Nós nos conhecíamos desde...

desde sempre. Nunca poderia suspeitar que ele evoluisse daquela maneira. Eu tinha mais confiança nele do que em mim mesmo!... Fazer isso, a mim.

DUDARD - Sem dúvida, ele não fez isso para ir especialmente contra você!

BÉRENGER - No entanto parecia. Se você o tivesse visto naquele estado... A expressão que ele tinha...

DUDARD - Isso foi porque, por acaso, você se encontrava na casa dele. Com outro qualquer teria acontecido o mesmo.

BÉRENGER - Na minha frente, levando em conta o nosso passado comum, ele poderia ter se contido.

DUDARD - Você se acha o centro do mundo; você pensa que tudo o que acontece lhe diz respeito! Você não é o alvo universal!

BÉRENGER - Talvez tenha razão. Vou tentar ser razoável. No entanto, o fenômeno em si, é aflitivo. Para dizer a verdade, isto me desconserta. Como posso explicar?

DUDARD - De momento, ainda não encontro uma explicação satisfatória. Apenas constato os fatos e os registro. Isso existe, logo, deve haver uma explicação. São coisas estranhas da natureza... Caprichos... Extravagâncias... Um desvio, quem sabe?

BÉRENGER - Jean era muito orgulhoso, enquanto que eu não tenho ambições. Contento-me com o que sou.

DUDARD - Talvez ele gostasse de ar puro, de campo, de espaço... Talvez precisasse de se descontraír. Não digo isso para o desculpar...

BÉRENGER - Compreendo, ou, pelo menos, estou tentando. No entanto, mesmo que me acusem de não ter espírito esportivo ou de ser um pequeno burguês enclausurado no seu pequeno mundo, hei de permanecer fiel à minha posição.

DUDARD - Nós seremos sempre os mesmos, é claro. Por que é que você há de se preocupar por causa de alguns casos de rinoceronte? Aquilo também pode ser

uma doença.

BÉRENGER - Justamente, e eu tenho medo do contágio.

DUDARD - Ah, não pense mais nisso. Na verdade, você está dando muita importância ao caso. O exemplo de Jean não é nem sintomático nem representativo. Você mesmo disse que Jean era orgulhoso. Na minha opinião, desculpe falar mal do seu amigo, ele era um sujeito inflamado, um pouco rústico, excêntrico... E não se deve levar muito a sério, os originais. A média é que conta.

BÉRENGER - Então a coisa se esclarece. Veja, você há pouco não podia explicar o fenômeno. Mas agora acaba de me dar uma explicação plausível. Sim, para ter chegado àquele estado, ele deve ter tido certamente uma crise, um acesso de loucura... E, no entanto, ele tinha argumentos, parecia mesmo ter pensado bastante no assunto e amadurecido a sua decisão... Mas Boeuf, o nosso colega Boeuf estaria louco também?... E os outros, os outros?...

DUDARD - Há a hipótese da epidemia. É como a gripe. Epidemias acontecem.

BÉRENGER - Mas nunca como esta. Será que esta veio das colônias?

DUDARD - Em todo o caso, você não pode querer que Boeuf e os outros tenham feito o que fizeram ou que se tenham transformado no que se transformaram só para o irritar. Não teriam se dado a esse trabalho.

BÉRENGER - É verdade isso. É muito sensato o que você diz, é mesmo reconfortante... Ou talvez isso seja, pelo contrário, muito mais grave? *(Ouve-se o galope dos rinocerontes em baixo da janela do fundo)* Olhe, você está ouvindo? *(Corre para a janela)*

DUDARD - Deixe-os em paz! *(Bérenger fecha a janela)* Eles o estão incomodando? Sinceramente, você está obcecado. Isso não está certo. Você gasta os seus nervos. Teve um choque, já sabemos, mas não procure ter outros. Agora o que é preciso é se recuperar.

BÉRENGER - Eu me pergunto se estou bem imunizado.

DUDARD - De qualquer maneira, isso não é mortal. Até há doenças que são benéficas. Estou convencido que se pode achar a cura, se quisermos. Deixe, que eles hão de melhorar.

BÉRENGER - Mas esta deve certamente deixar vestígios. Um tal desequilíbrio orgânico não pode deixar de...

DUDARD - Isso é passageiro, não se preocupe.

BÉRENGER - Você tem certeza?

DUDARD - Eu acho, sim. Enfim, suponho.

BÉRENGER - Mas se verdadeiramente, não se quer, não se pode pegar esse mal. É uma doença nervosa, não é?... Não se pode pegar, não se pode pegar! Você quer um conhaque? (*Encaminha-se para a mesa onde está a garrafa*)

DUDARD - Não se incomode, eu não bebo, obrigado. Mas se você quer tomar, não se prenda por mim, beba. Mas cuidado que isso pode aumentar a sua dor de cabeça.

BÉRENGER - O álcool é muito bom contra as epidemias. É um imunizante. Por exemplo: mata os micróbios da gripe.

DUDARD - Isso não mata os micróbios de todas as doenças. No que diz respeito à rinoceronte, ainda não se sabe.

BÉRENGER - Jean nunca bebia álcool. Pelo menos ele dizia. É talvez por isso que ele... É talvez isso que explica a atitude dele. (*Oferece um copo cheio a Dudard*) Você não quer mesmo?

DUDARD - Não, antes do almoço, não. Obrigado.

(*Bérenger esvazia o copo de um trago, continuando com a garrafa e o copo na mão; tosse*)

DUDARD - Está vendo? Está vendo? Isso não lhe cai bem, dá-lhe tosse.

BÉRENGER - (*preocupado*) É... Isto me fez tossir. Como foi que eu tossi?

DUDARD - Como toda a gente quando bebe alguma coisa um pouco forte.

BÉRENGER - (*indo colocar o copo e a garrafa em cima da mesa*) Não era uma tosse diferente? Era uma tosse de gente?

DUDARD - Que é que está imaginando? Era uma tosse humana. Que espécie de tosse você queria que fosse?

BÉRENGER - Não sei... Uma tosse de animal, talvez... Um rinoceronte tosse?

DUDARD - Deixe disso, Bérenger, não seja ridículo. Você se complica a existência fazendo perguntas absurdas... Eu só lhe quero lembrar que você mesmo afirmava há pouco que a melhor maneira de resistir era ter força de vontade.

BÉRENGER - Sim, está claro.

DUDARD - Então, mostre que tem.

BÉRENGER - Garanto-lhe que tenho...

DUDARD - ... Prove a você mesmo, não bebendo mais conhaque, por exemplo... Você se sentirá mais confiante.

BÉRENGER - Você não quer me compreender. Repito que só estou bebendo para me proteger do mal. Isto é calculado. Quando acabar a epidemia, deixarei de beber. Já tinha tomado esta decisão antes destes acontecimentos. Agora deixo para mais tarde, provisoriamente!

DUDARD - Isso são desculpas...

BÉRENGER - Ah, sim, você acha?... Em todo o caso, isso não tem nada que ver com o que está acontecendo.

DUDARD - Nunca se sabe.

BÉRENGER - *(aterrorizado)* Você acha mesmo? Você acha que isto está abrindo caminho? Eu não sou alcoólatra. *(Vai até o espelho e observa-se)* Será que por acaso?... *(Passa a mão pelo rosto, tateia a fronte por cima da tira)* Nada mudou... O álcool não me fez mal... Isso prova que até pode me fazer bem... Ou que pelo menos, é inofensivo.

DUDARD - Ora, Bérenger, estava brincando. Eu quis mexer com você. Cuidado, você vê tudo preto, vai acabar ficando neurastênico. Quando você estiver completamente restabelecido do seu choque, da sua depressão, assim que puder sair e tomar um pouco de ar, vai ver que se sentirá melhor. O seu mal-estar há de desaparecer.

BÉRENGER - Sair? Bem, será preciso. Mas receio muito. Com certeza vou encontrar...

DUDARD - E então? Você poderá evitar de se encontrar com eles. De resto, não são tão numerosos assim.

BÉRENGER - Não vejo senão eles! Você vai dizer que isso é mórbido da minha parte, mas...

DUDARD - Mas eles não o atacam. Se os deixar tranqüilos, eles nem o vêem. No fundo, eles não são maus. Há mesmo entre eles uma certa inocência natural, uma certa candura. Afinal, eu fiz todo o caminho a pé, pela avenida, para vir até aqui. E como está vendo cheguei são e salvo, sem nenhum aborrecimento.

BÉRENGER - Por mim, só de os ver, fico perturbado. É uma coisa nervosa. Não fico com raiva, isso não... Não se deve ficar com raiva, porque isso pode levar muito longe... Faça tudo para não ter raiva. Mas eu sinto uma coisa aqui (*aponta o coração*) que me aperta o coração.

DUDARD - Você tem razão de estar impressionado, até certo ponto. Mas assim, também é demais. Você não tem senso de humor. Esse é que é o seu defeito: não ter senso de humor. É preciso encarar as coisas com desprendimento.

BÉRENGER - Eu me sinto solidário com tudo o que acontece. Eu participo... Não consigo ficar indiferente.

DUDARD - Não julgue os outros se não quiser ser julgado. E além do mais, se a gente se preocupasse com tudo o que acontece, não se poderia viver.

BÉRENGER - Se isso tivesse acontecido fora daqui, num outro país, e eu tivesse tomado conhecimento pelos jornais, poderia discutir calmamente sobre o assunto, estudá-lo sob todos os seus aspectos e tirar objetivamente todas as conclusões. Organizaríamos debates acadêmicos, fartamos vir sábios, escritores, juristas, mulheres sábias, artistas. E também gente do povo, para tornar o assunto mais interessante, apaixonante, instrutivo. Mas quando você mesmo foi tomado de perto pelos acontecimentos, quando você, de repente, foi posto diante da realidade brutal dos fatos, não se pode deixar de sentir atingido diretamente. A surpresa é violenta demais para mantermos o sangue frio. Por mim, estou surpreso, surpreso, surpreso! Não me conformo.

DUDARD - Eu também estou surpreso como você, ou melhor, eu estava. Mas já estou começando a me habituar.

BÉRENGER - Você tem um sistema nervoso mais equilibrado do que eu. Eu o felicito. Mas você não acha que é uma desgraça...

DUDARD - (*interrompendo*) Eu não digo que seja um bem, evidentemente. E não pense que tomo partido pelos rinocerontes...

(*Novamente ruídos de rinocerontes passando agora sob o caixilho da janela, no proscênio*)

BÉRENGER - (*sobressaltando-se*) Lá estão eles! Lá estão eles de novo! Ah, não há nada a fazer, não consigo me habituar. Talvez seja errado, mas eles me preocupam a tal ponto que não consigo dormir. Estou sofrendo de insônias. Durante o dia cochilo um pouco quando estou morto de cansaço.

DUDARD - Tome soporíferos.

BÉRENGER - Isso não é solução. Se durmo ainda é pior. Sonho com isso, tenho pesadelos.

DUDARD - Ai está o resultado de levar tudo muito a sério. Você gosta de se torturar, confesse.

BÉRENGER - Juro que não sou masoquista.

DUDARD - Então compreenda o que se passa e siga para frente. Se as coisas são assim é porque não podem ser de outra maneira.

BÉRENGER - Isso é fatalismo.

DUDARD - Não, isto é sabedoria. Quando um fenômeno destes se produz é porque certamente houve uma razão para se produzir. É esta causa que é preciso saber discernir.

BÉRENGER - (*levantando-se*) Muito bem, eu não quero aceitar esta situação.

DUDARD - Que é que você pode fazer? Que pretende fazer?

BÉRENGER - Neste momento não sei. Vou pensar. Mandarei cartas aos jornais, escreverei manifestos, pedirei uma audiência ao prefeito, ou então, se ele estiver muito ocupado, pedirei ao adjunto.

DUDARD - Deixe as autoridades reagir por conta própria! No fundo, eu me pergunto se moralmente, você tem o direito de se ocupar do assunto. De resto, eu continuo pensando que isso não é grave. Considero absurdo ficar desvairado por causa de algumas pessoas que quiseram mudar de aspecto. Não estavam contentes com o que tinham, ora! Estavam no seu direito. São livres...

BÉRENGER - Ê preciso cortar o mal pela raiz.

DUDARD - O mal! Que mal! Isso é uma palavra vazia! Pode-se saber onde está o mal ou onde está o bem? Nós temos preferências, evidentemente. Você está com medo principalmente por você, isso é que é a verdade. Mas não tema, porque você nunca será rinoceronte... Falta-lhe a vocação.

BÉRENGER - Ai está, aí está! Se as autoridades e os nossos concidadãos pensam todos como você, nunca se chegará a decidir nada.

DUDARD - Você não vai querer que se peça auxílio no estrangeiro. Isto é uma questão interna que apenas diz respeito ao nosso país.

BÉRENGER - Eu creio na solidariedade internacional...

DUDARD - Você é um D. Quixote! Não digo isso por mal, não é para o ofender. Você sabe que é para o seu bem, porque afinal de contas, é preciso que você se acalme.

BÉRENGER - Está bem. Desculpe, mas estou muito angustiado. Vou tentar melhorar. Desculpe também retê-lo aqui, obrigá-lo a ouvir as minhas divagações. Com certeza você deve ter o que fazer. Recebeu o meu pedido de licença?

DUDARD - Não se preocupe que está tudo em ordem. Além disso, o escritório continua fechado.

BÉRENGER - Ainda não consertaram a escada? Que negligência! É por isso que tudo vai mal.

DUDARD - Estão consertando, mas vai demorar. Não é fácil achar operários. Os que vêm trabalham um dia ou dois e depois desaparecem para sempre. Tem que se procurar outros.

BÉRENGER - E ainda se queixam do desemprego! Espero que, pelo menos, façam uma escada de concreto.

DUDARD - Não, continuará a ser de madeira, mas madeira nova.

BÉRENGER - Ah, a rotina da burocracia! Esbanja-se dinheiro e quando se trata de uma despesa útil, diz-se que não há fundos suficientes. O Sr. Papillon não deve estar contente; ele queria tanto uma escada de concreto. Que é que ele diz disso?

DUDARD - Nós já não temos chefe. O Sr. Papillon pediu demissão.

BÉRENGER - Não é possível!

DUDARD - Estou lhe dizendo.

BÉRENGER - Muito me admira... Foi por causa da escada?

DUDARD - Não creio. Em todo o caso, não foi esse o motivo que ele deu.

BÉRENGER - Porque seria, então?

DUDARD - Quis ir para o campo.

BÉRENGER - Vai se aposentar? No entanto, ainda não está na idade. Poderia ainda vir a ser diretor.

DUDARD - Renunciou. Achou que precisava descansar.

BÉRENGER - Isso deve ser um transtorno para a Direção Geral, que vai precisar substituí-lo. Melhor para você que com os seus diplomas, tem bastantes probabilidades.

DUDARD - Para não fazer segredo... E, aliás, é engraçado, ele virou rinoceronte.

(Ruídos longínquos de rinocerontes)

BÉRENGER - Rinoceronte! O Sr. Papillon virou rinoceronte! Essa agora! Essa agora! Não acho nada engraçado! Por que você não me disse antes?

DUDARD - Está vendo como você não tem humor? Eu não queria lhe dizer... Porque, como o conheço muito bem, sabia que você não ia achar graça e que até ficaria impressionado.

BÉRENGER - *(erguendo os braços)* Ora veja! O Sr. Papillon! Ele que tinha uma boa situação!

DUDARD - Apesar de tudo, isso prova a sinceridade da sua metamorfose.

BÉRENGER - Ele não o fez de propósito; estou certo de que se trata de uma mudança involuntária.

DUDARD - Quem é que pode afirmar isso? É difícil penetrar nos motivos secretos das pessoas.

BÉRENGER - Isso deve ter sido um ato falhado. Ele devia ter algum complexo.

Precisaria ter consultado um psicanalista.

DUDARD - Mesmo se trata de uma transferência, a coisa é bastante reveladora. Cada um encontra a sublimação que pode.

BÉRENGER - Estou certo que ele se deixou levar.

DUDARD - Isso pode acontecer a qualquer um!

BÉRENGER - *(aterrorizado)* A qualquer um? Mas a você não, não é? Nem a mim!

DUDARD - Assim o espero.

BÉRENGER - Visto que não se pode... Não é? Não é? Hein, diga? Não é? Não é?

DUDARD - Mas claro, claro...

BÉRENGER - (*acalmando-se um pouco*) Apesar de tudo, eu pensava que o Sr. Papillon poderia ter ânimo para resistir melhor. Pensei que ele tivesse um pouco mais de caráter!... Tanto mais que eu não vejo qual poderia ser o seu interesse, interesse material ou moral...

DUDARD - É evidente que a sua atitude foi desinteressada.

BÉRENGER - Claro. Isso é uma circunstância atenuante... Ou agravante? Agravante talvez, eu acho, porque se ele fez aquilo por gosto... Veja bem, estou certo que Botard criticou severamente o comportamento dele; que é que ele acha disso, que é que ele pensa do seu chefe?

DUDARD - O pobre do Botard ficou indignado. Poucas vezes vi alguém mais exasperado do que ele.

BÉRENGER - Pois bem, desta vez eu lhe dou razão. Botard, afinal de contas, é alguém, é um homem sensato. E eu que o julgava mal.

DUDARD - E ele também o julgava mal!

BÉRENGER - Isso prova a minha objetividade neste assunto. De resto, você mesmo também tinha opinião desfavorável sobre ele.

DUDARD - Opinião desfavorável... Talvez não seja a expressão. Devo confessar que nem sempre estava de acordo com ele. Seu ceticismo, sua incredulidade, sua desconfiança, me desgostavam. Desta vez também não estive completamente de acordo.

BÉRENGER - Mas por razões opostas.

DUDARD - Não, não é bem isso. A minha capacidade de raciocínio, o meu discernimento, tem mais sutilezas do que você pensa. É porque na verdade, Botard não possuía argumentos precisos e objetivos. Repito que também não aprovo os rinocerontes, de modo algum. Nem pense uma coisa dessas. Apenas, a atitude de Botard era, como sempre, muito apaixonada e, por consequência, muito simplista. Sua tomada de posição parece-me ditada unicamente pela sua raiva contra os superiores. Isto quer dizer, ressentimento, complexo de inferioridade. E, além disso, ele só diz frases feitas, lugares comuns... E isso não me interessa.

BÉRENGER - Sinto muito, mas desta vez estou completamente de acordo com Botard. Afinal, ele é um bom sujeito.

DUDARD - Não digo que não, mas isso não quer dizer nada.

BÉRENGER - É sim, é um bom sujeito. E não é freqüente encontrar um bom sujeito com todos os seus pés fincados na terra, quer dizer, com os seus dois pés bem assentes no chão. Fico muito contente de estar de pleno acordo com ele. Quando o encontrar vou felicitá-lo. Quanto ao Sr. Papillon eu o condeno porque acho que ele tinha o dever de não sucumbir.

DUDARD - Como você é intolerante! Talvez Papillon tenha sentido necessidade de um relaxamento depois de tantos anos de vida sedentária.

BÉRENGER - (*irônico*) Você, pelo contrário, tem muita tolerância, muita grandeza de espírito!

DUDARD - Meu caro Bérenger, é preciso sempre tentar compreender. E quando se quer compreender um fenômeno e seus efeitos é necessário conhecer as causas, através um esforço intelectual honesto. E isto é necessário porque nós somos seres racionais. Eu não consegui, repito, nem sei se conseguirei... De qualquer forma, devemos ter, de começo, um preconceito favorável, ou senão, pelo menos, uma posição neutra, uma largueza de espírito que é o cunho da mentalidade científica. Tudo é lógico. Compreender é justificar.

BÉRENGER - Daqui a pouco você vai ficar um simpatizante dos rinocerontes.

DUDARD - Não, não chegarei a tanto. Sou simplesmente uma pessoa que tenta ver as coisas de frente, friamente. Quero ser realista. E penso também, que não há propriamente vícios naquilo que é natural. Infeliz daquele que só vê o vício em toda a parte. Isso é próprio dos inquisidores.

BÉRENGER - Você acha, acha mesmo que é natural?

DUDARD - O que há de mais natural que um rinoceronte?

BÉRENGER - Sim, mas um homem que vira rinoceronte, isso é indiscutivelmente anormal.

DUDARD - Ora, indiscutivelmente... Enfim...

BÉRENGER - Sim, indiscutivelmente anormal, absolutamente anormal!

DUDARD - Você parece estar muito seguro de si. Poderemos saber onde termina o normal e onde começa o anormal? Você pode definir essas noções de normalidade e de anormalidade? Do ponto de vista filosófico e médico, ainda ninguém pode resolver o problema. Você deveria estar a par do assunto.

BÉRENGER - Talvez não seja possível resolver o problema, filosoficamente. Mas praticamente é fácil... Também se demonstra que o movimento não

existe... E a gente anda, anda, anda... (*Põe-se a andar de um lado para o outro*)
... Anda, dizemos a nós mesmos, como Galileu: “E pur si muove...”

DUDARD - Você está misturando tudo! Por favor, não faça confusão. No caso de Galileu, era o contrário: o pensamento teórico e científico vencia o senso comum e o dogmatismo.

BÉRENGER - (*furioso*) Isso é conversa! Senso comum, dogmatismo, são palavras, palavras! Talvez eu misture tudo, mas você... Você está verboso. Você já nem sabe o que é ou não é normal! Você me aborrece com esse Galileu... Pouco me importa o Galileu.

DUDARD - Foi você mesmo que falou nele e levantou o problema, insinuando que a prática tem sempre a última palavra. Talvez tenha, mas só quando baseada na teoria! É o que nos prova a história do pensamento e da ciência.

BÉRENGER - (*cada vez mais furioso*) Isso não prova coisa nenhuma! Isso é conversa fiada, é coisa de maluco! É loucura!

DUDARD - Resta saber o que é a loucura...

BÉRENGER - A loucura, é a loucura, ora! Loucura é só loucura! Toda a gente sabe o que é loucura. E os rinocerontes, fazem parte da prática ou da teoria?

DUDARD - De uma e de outra.

BÉRENGER - Como, de uma e de outra?!

DUDARD - De uma e de outra ou de uma ou outra. É assunto para ser debatido!

BÉRENGER - Bem, nesse caso... Eu me recuso a discutir!

DUDARD - Não precisa se exaltar. Nós não somos da mesma opinião, mas podemos discutir calmamente. Precisamos discutir.

BÉRENGER - (*desvairado*) Você acha que estou exaltado? Parece que eu sou Jean. Ah, não, não quero ficar como Jean, não quero parecer com ele. (*Acalma-se*) Não sou forte em filosofia, não estudei; você sim, você tem diplomas. É por isso que você gosta de discutir, enquanto que eu não sei argumentar; não tenho muito jeito. (*Ruídos mais fortes dos rinocerontes, passando primeiro sob a janela do fundo, depois sob a janela da frente*) Mas eu sinto, sinto muito bem que você não tem razão... Sinto instintivamente, ou melhor, quem tem instinto é o rinoceronte, eu sinto intuitivamente, aí está: intuitivamente.

DUDARD - Que é que você entende por intuitivamente?

BÉRENGER - Intuitivamente quer dizer:... Desta maneira, pronto! Eu sinto, desta maneira, que a sua tolerância excessiva, a sua generosa indulgência... São, na realidade, aquilo que se chama fraqueza... Cegueira...

DUDARD - Isso é o que você afirma, ingenuamente.

BÉRENGER - Comigo, você sempre levará a melhor. Mas espere, vou ver se encontro o Lógico...

DUDARD - Qual lógico?

BÉRENGER - O Lógico, o filósofo, enfim, um lógico... Você sabe melhor do que eu o que é um lógico. É um lógico que eu conheci e que me explicou...

DUDARD - Que foi que lhe explicou?

BÉRENGER - Explicou que os rinocerontes asiáticos eram africanos e que os rinocerontes africanos eram asiáticos.

DUDARD - Não estou compreendendo muito bem.

BÉRENGER - Não, não é bem isso... Ele demonstrou o contrário, isto é, que os africanos eram asiáticos e que os asiáticos... Está claro... Não é bem o que eu queria dizer... Bem, você se entenderá com ele. É uma pessoa do seu gênero, distinta; é um intelectual muito fino e erudito. *(Aumentam os ruídos dos rinocerontes. As palavras dos dois personagens são cobertas pelos ruídos das feras que passam debaixo das janelas; durante um momento vêem-se mexer os lábios de Dudard e de Bérenger sem que possamos ouvi-los)* Eles continuam! Ah, isto nunca mais acaba! *(Corre até a janela do fundo)* Basta! Basta! Desgraçados! *(Os rinocerontes afastam-se. Bérenger faz um gesto com o punho cerrado, na direção deles)*

DUDARD - *(sentado)* Gostaria muito de conhecer esse Lógico. Se ele quiser me esclarecer certos pontos delicados, delicados e obscuros... Não quero senão isso.

BÉRENGER - *(enquanto vai à janela do proscênio)* Sim, eu vou lhe apresentar e ele há de esclarecê-lo. Você vai ver, é uma grande personalidade. *(Na janela, dirigindo-se aos rinocerontes)* Desgraçados! *(Mesmo gesto que há pouco)*

DUDARD - Deixe-os correr. E seja mais polido. Não é assim que se fala a criaturas...

BÉRENGER - *(continuando na janela)* Mais ainda! *(Do poço da orquestra, sob a janela, vê-se aparecer uma palheta perfurada por um corno de rinoceronte que passa rapidamente da esquerda para a direita)* Uma palheta espetada no corno de

um rinoceronte! Ah, é a palheta do Lógico! A palheta do Lógico! Mil vezes merda! O Lógico virou rinoceronte!

DUDARD - Isso não é uma razão para você ser grosseiro!

BÉRENGER - Não se pode confiar em ninguém, meu Deus do céu! O Lógico é rinoceronte!

DUDARD - *(indo para a janela)* Onde está ele?

BÉRENGER - *(apontando)* Ali, aquele ali, está vendo?

DUDARD - É o único rinoceronte de palheta. É enternecedor. Então aquele é o Lógico!

BÉRENGER - O Lógico... Rinoceronte!

DUDARD - Mesmo assim ele conservou um vestígio da sua antiga individualidade!

BÉRENGER - *(ele mostra novamente o punho cerrado, desta vez na direção do rinoceronte de palheta, que desapareceu)* Não te seguirei! Não te seguirei!

DUDARD - Se você disse que era um pensador autêntico, não deve ter se deixado levar. Certamente, antes da decisão, deve ter pesado bem os prós e os contras.

BÉRENGER - *(continuando a gritar à janela na direção do ex-Lógico e dos outros rinocerontes que também se afastaram)* Não os seguirei!

DUDARD - *(reinstalando-se na poltrona)* Ê, isto dá que pensar!

(Berenger fecha a janela do proscênio, encaminha-se para a janela do fundo, por onde passam outros rinocerontes que devem estar dando voltas em torno da casa. Abre a janela e grita)

BÉRENGER - Não, não os seguirei!

DUDARD - *(sentado, à parte)* Eles estão rodando em torno da casa. Estão brincando! Crianças grandes! *(Há já alguns instantes que se viu Daisy subir os últimos degraus da escada, à esquerda. Ela bate à porta de Berenger. Traz uma cesta debaixo do braço)* Tem alguém aí, Bérenger, estão batendo! *(Puxa Berenger pela manga, que continua à janela)*

BÉRENGER - *(gritando na direção dos rinocerontes)* É uma vergonha! Uma vergonha, essa palhaçada!

DUDARD - Não está ouvindo. Berenger? Estão batendo.

BÉRENGER - Pode abrir, se quiser. *(Continua olhando para os rinocerontes, cujos ruídos se afastam, sem dizer mais nada. Dudard vai abrir a porta)*

DAISY - *(entrando)* Bom dia, senhor Dudard.

DUDARD - Ora veja, a senhorita Daisy!

DAISY - Bérenger está? Ele está melhor?

DUDARD - Viva. Então a senhorita vem muito à casa de Bérenger?

DAISY - Onde está ele?

DUDARD - *(apontando)* Ali.

DAISY - Coitado, ele não tem ninguém e tem estado adoentado. É preciso ajudá-lo um pouco.

DUDARD - A senhorita Daisy é uma boa colega.

DAISY - Sim, acho que sou uma boa colega.

DUDARD - Tem bom coração.

DAISY - Sou apenas uma boa colega.

BÉRENGER - *(voltando-se; deixando a janela aberta)* Oh, a senhorita Daisy! Foi muito gentil em ter vindo. Que amável!

DUDARD - Sem dúvida alguma.

BÉRENGER - Sabe, senhorita Daisy, o Lógico é rinoceronte!

DAISY - Eu sei, reconheci-o agora na rua, quando vinha vindo. Ele corria bem depressa, para uma pessoa da sua idade! Está melhor, Sr. Bérenger?

BÉRENGER - *(a Daisy)* A cabeça... Continua a dor de cabeça! É inquietante. Que é que pensa disto?

DAISY - Penso que está precisando de repouso... De ficar calmamente em casa durante alguns dias.

DUDARD - *(a Bérenger e a Daisy)* Espero não estar incomodando!

BÉRENGER - *(a Daisy)* Estava falando do Lógico...

DAISY - *(a Dudard)* Porque estaria incomodando? *(A Bérenger)* Ah, do Lógico? Não penso nada!

DUDARD - *(a Daisy)* Não serei demais aqui?

DAISY - *(a Bérenger)* Que quer que eu pense! *(A Bérenger e a Dudard)* Vou lhes contar a última novidade: Botard virou rinoceronte.

DUDARD - Ah!

BÉRENGER - Isso não é possível! Ele era contra. A senhorita deve estar confundindo. Ele tinha até protestado. Dudard acabou de me dizer, não é verdade, Dudard?

DUDARD - Exatamente.

DAISY - Eu sei que ele era contra. Mas apesar disso, ele virou rinoceronte vinte e quatro horas depois da transformação do Sr. Papillon.

DUDARD - Bem, ele mudou de idéia! Todos têm o direito de evoluir.

BÉRENGER - Mas então... Então tudo pode acontecer!

DUDARD - *(a Bérenger)* É um bom sujeito, como você afirmou há pouco.

BÉRENGER - *(a Daisy)* Isso custa-me a acreditar. Devem lhe ter mentido.

DAISY - Eu assisti.

BÉRENGER - Então foi ele que mentiu, ele fez de conta.

DAISY - Ele parecia sincero, sincero mesmo.

BÉRENGER - Ele deu um motivo?

DAISY - Disse apenas isto: é preciso acompanhar a evolução! Foram as suas últimas palavras humanas!

DUDARD - *(a Daisy)* Tinha quase a certeza que ia encontrá-la aqui, senhorita Daisy.

BÉRENGER - ... Acompanhar a evolução! Bela mentalidade! *(Faz um grande gesto)*

DUDARD - *(a Daisy)* Desde que fechou o escritório, é bastante difícil encontrá-la.

BÉRENGER - *(continuando, à parte)* Que ingenuidade! *(mesmo gesto)*

DAISY - *(a Dudard)* Se quisesse encontrar-me, bastava telefonar!

DUDARD - *(a Daisy)* ... Oh, eu sou discreto, senhorita, muito discreto.

BÉRENGER - Afinal, pensando bem, a cabeçada de Botard, não me admira. A segurança dele era apenas aparente. Isso não impede, é claro, dele ser ou ter sido um bom sujeito. Os bons sujeitos dão bons rinocerontes. É é porque eles são de boa-fé que, infelizmente, podem ser enganados!

DAISY - Com licença, vou pôr a cesta em cima da mesa. *(Vai pôr a cesta)*

BÉRENGER - Mas era um bom sujeito com ressentimentos...

DUDARD - *(a Daisy, acompanhando-a até à mesa, para ajudá-la)* Oh, perdão, já devíamos ter pensado nisso antes.

BÉRENGER - *(continuando)* ... Deformado pelo ódio contra os seus chefes, por um complexo de inferioridade...

DUDARD - *(a Bérenger)* O seu raciocínio está errado, visto que ele seguiu justamente o chefe, o próprio instrumento da exploração, como ele dizia. Parece-me, pelo contrário, que os seus impulsos anarquistas, foram vencidos pelo espírito associativo.

BÉRENGER - Os rinocerontes é que são anarquistas, visto serem a minoria.

DUDARD - Até agora, ainda não.

DAISY - É já uma grande minoria, que está aumentando. O meu primo e a mulher, viraram rinocerontes. Isto sem contar as personalidades: o Cardeal de Retz...

DUDARD - Um prelado!

DAISY - Mazarin.

DUDARD - Vocês vão ver que isso vai se alastrar pelos outros países.

BÉRENGER - E dizer que o mal partiu daqui!

DAISY - ... E aristocratas: o duque de Saint-Simon.

BÉRENGER - (*erguendo os braços*) Até os nossos clássicos!

DAISY - E outros mais, muitos outros. Talvez um quarto dos habitantes da cidade.

BÉRENGER - Nós ainda somos a maioria. É preciso agir antes de nos afundarmos.

DUDARD - Eles são muito fortes, muito fortes.

DAISY - Agora precisamos é almoçar. Eu trouxe comida.

BÉRENGER - A senhorita Daisy é muito gentil.

DUDARD - (*à parte*) É sim, muito gentil.

BÉRENGER - (*a Daisy*) Não sei como lhe agradecer.

DAISY - (*a Dudard*) O senhor quer ficar conosco?

DUDARD - Não gostaria de ser importuno.

DAISY - (*a Dudard*) Que está dizendo, senhor Dudard? Sabe muito bem que só nos daria prazer.

DUDARD - Sabe muito bem que eu não gosto de incomodar...

BÉRENGER - (*a Dudard*) Ora, Dudard, a sua presença é sempre um prazer.

DUDARD - É que eu estou com um pouco de pressa. Tenho um encontro.

BÉRENGER - Ainda há pouco você disse que não tinha nada que fazer.

DAISY - (*tirando as provisões da cesta*) Sabem, foi muito difícil encontrar comida. Os armazéns foram devastados: eles devoram tudo. Uma grande quantidade de lojas foram fechadas: “Por motivo de transformações”, é o que está escrito nas tabuletas.

BÉRENGER - Deveriam agrupá-los dentro de grandes cercas e obrigá-los a ficar sob vigilância.

DUDARD - Esse projeto não me parece fácil de pôr em prática. A sociedade protetora dos animais seria a primeira a se opor.

DAISY - Por outro lado, o que complica mais as coisas, é que cada um tem, entre os rinocerontes, um parente, um amigo.

BÉRENGER - Então, toda a gente está metida nisso!

DUDARD - Todos estão solidários.

BÉRENGER - Mas como é que se pode ser rinoceronte? É inimaginável, inimaginável! *(A Daisy)* Quer que a ajude a pôr a mesa?

DAISY - *(a Bérenger)* Não se incomode, sei onde estão os pratos. *(Vai até um armário, de onde trará os talheres e pratos)*

DUDARD - *(à parte)* Ah, ela conhece bem a casa...

DAISY - *(a Dudard)* Então, três pratos. O senhor fica, não é?

BÉRENGER - *(a Dudard)* Fique então, fique.

DAISY - *(a Bérenger)* É uma questão de hábito, sabe? Já ninguém se preocupa dos bandos de rinocerontes que percorrem as ruas, a toda a velocidade. Quando eles passam, as pessoas afastam-se e depois retomam o seu caminho, continuando os seus negócios, como se nada tivesse acontecido.

DUDARD - É o melhor que se pode fazer.

BÉRENGER - Ah não, eu não consigo me habituar.

DUDARD - *(refletindo)* Eu me pergunto se não valeria a pena fazer uma experiência.

DAISY - Por agora, vamos almoçar.

BÉRENGER - Como é que você, um jurista, pode afirmar que... *(Ouve-se o grande rumor, vindo de tora, de um bando de rinocerontes correndo a uma grande velocidade. Ouvem-se também trombetas e tambores)* Que é isto? *(Correm os três para a janela do proscênio)* Que será isso? *(Ouve-se o barulho de uma parede que desmorona. A poeira invade uma parte do palco e, senão possível, esta poeira deve cobrir os três personagens. Ouvimo-los apenas falar)*

BÉRENGER - Não se vê nada. Que é que está acontecendo?

DUDARD - Não vemos, mas ouvimos.

BÉRENGER - Isso não basta!

DAISY - Esta poeira vai sujar os pratos.

BÉRENGER - Que falta de higiene.

DAISY - Depressa, vamos comer e não pensemos mais nisso.

(A poeira vai desaparecendo)

BÉRENGER - *(apontando na direção da platéia)* Eles destruíram as paredes do quartel dos bombeiros.

DUDARD - É isso mesmo, elas estão no chão.

DAISY - *(que se tinha afastado da janela e se encontrava perto da mesa, com um prato na mão, que ela estava limpando, corre para junto dos dois)* Estão saindo.

BÉRENGER - Todos os bombeiros! Todo um regimento de rinocerontes, com os tambores à frente.

DAISY - Eles enchem as avenidas!

BÉRENGER - Isto já é demais! É insuportável!

DAISY - Olha, mais rinocerontes saindo das casas!

BÉRENGER - De todas as casas...

DUDARD - E até pelas janelas!

DAISY - Vão se juntar aos outros.

(Vemos sair da porta do patamar, à esquerda, um homem que se dirige para a escada e desce apressadamente; depois um outro homem com um grande corno mesmo acima do nariz, e logo em seguida uma mulher com cabeça de rinoceronte)

DUDARD - Já não estamos em maioria.

BÉRENGER - Quantos unicórnios e bicórnios haverá entre eles?

DUDARD - Os encarregados da estatística devem estar certamente fazendo os cálculos. Que bela oportunidade para controvérsias eruditas!

BÉRENGER - A percentagem de uns e de outros deve estar sendo calculada aproximadamente. Isto está indo muito depressa. Eles não têm tempo, não têm tempo de calcular!

DAISY - O melhor é deixar os estatísticos entregues ao trabalho. Vamos, Bérenger, venha almoçar, É preciso se acalmar e refazer as forças. *(A Dudard)*

Dudard venha.

(Afastam-se da janela; Bérénger, a quem Daisy pega pelo braço, deixa-se levar facilmente. Dudard pára no meio do caminho)

DUDARD - Não tenho muita fome... Ou melhor, não gosto muito de conservas. Estou com vontade de comer no campo.

BÉRENGER - Não faça isso. Já pensou no perigo?

DUDARD - Sinceramente, eu não quero importuná-los.

BÉRENGER - Mas se já lhe dissemos que...

DUDARD - *(interrompendo Bérénger)* Não faço cerimônia.

DAISY - *(a Dudard)* Se quer mesmo nos deixar, não podemos obrigar...

DUDARD - Não quero que fiquem sentidos.

BÉRENGER - *(A Daisy)* Não deixe que ele saia, não deixe que ele saia!

DAISY - Gostaria muito que ele ficasse... No entanto, cada um é livre.

BÉRENGER - *(a Dudard)* O homem é superior ao rinoceronte!

DUDARD - Não digo o contrário, mas também não o aprovo. Eu não sei de nada, a experiência é que poderá provar.

BÉRENGER - *(a Dudard)* Você também é um fraco, Dudard. Isso é uma atração passageira que você ainda vai lamentar.

DAISY - Se for mesmo uma atração passageira, o perigo não será muito grande.

DUDARD - Tenho os meus escrúpulos! O dever me chama para junto dos meus chefes e companheiros, para o que der e vier.

BÉRENGER - Você não é casado com eles.

DUDARD - Renunciei ao casamento. Prefiro a grande família universal.

DAISY - *(preguiçosamente)* Nós vamos lamentar bastante, Dudard, mas não podemos fazer nada.

DUDARD - O meu dever é não os abandonar, e eu cumpro o meu dever.

BÉRENGER - Não, o seu dever é de... você não conhece o seu verdadeiro dever... o seu dever é de se opor a eles, lúcidamente, firmemente.

DUDARD - Conservarei a minha lucidez. *(Começa a girar de um lado para o outro)* Toda a minha lucidez. Se há alguma coisa a criticar, vale mais criticar de dentro que de fora. Não os abandonarei, não os abandonarei.

DAISY - Ele tem bom coração!

BÉRENGER - Bom demais. *(A Dudard, e depois correndo para a porta)* Você tem um grande coração, você é humano. *(A Daisy)* Detenha-o! Ele está enganado. Ele é humano.

DAISY - Que é que eu posso fazer?

(Dudard abre a porta e foge; vêmo-lo descer as escadas às pressas, seguido por Bérenger que grita na direção dele, do alto do patamar)

BÉRENGER - Volte, Dudard! Nós somos seus amigos, não se vá! Tarde demais! *(Volta para dentro)* Muito tarde!

DAISY - Não se podia fazer nada. *(Ela fecha a porta e Bérenger corre para a janela da frente)*

BÉRENGER - Foi ter com eles. Onde estará agora?

DAISY - *(indo para a janela)* Com eles.

BÉRENGER - Qual será?

DAISY - Não podemos saber. Já não é possível reconhecê-lo!

BÉRENGER - São todos parecidos, todos parecidos! *(A Daisy)* Ele cedeu. Você deveria tê-lo retido à força.

DAISY - Ah, não ousei.

BÉRENGER - Você deveria ter sido mais enérgica, deveria ter insistido. Ele gostava de você, não?

DAISY - Ele nunca se declarou oficialmente.

BÉRENGER - Todos sabiam. Foi por despeito que ele fez aquilo. Era um tímido e quis tomar uma grande atitude para a impressionar. Não tem vontade de segui-lo?

DAISY - Absolutamente. A prova é que eu estou aqui.

BÉRENGER - *(olhando pela janela)* Não há senão eles, nas ruas. *(Corre para a janela do fundo)* Não há senão eles! Você não devia ter deixado, Daisy. *(Olha novamente pela janela da frente)* Não se vê um único ser humano. A rua é deles. Unicórnios, bicórnios, meio um meio outro, são os únicos pontos de referência! *(Ouve-se o violento rumor da corrida dos rinocerontes. No entanto, este rumor é harmonizado. Vemos aparecer e depois desaparecer, na parede do fundo, cabeças estilizadas de rinocerontes, que serão cada vez mais numerosas, até ao fim do ato. Mais para o fim, elas vão aparecendo e demorando mais tempo para sair, até que finalmente, enchendo a parede do fundo, não saem mais. Essas cabeças, apesar de sua monstruosidade, deverão ser cada vez mais belas)* Você não está desiludida, Daisy, não? Você não lamenta nada?

DAISY - Não, não.

BÉRENGER - Gostaria tanto de poder ajudá-la. Gosto muito de você, Daisy, não me abandone.

DAISY - Fecha a janela, querido. Eles fazem muito barulho. A poeira está vindo até aqui e vai sujar tudo.

BÉRENGER - É verdade. *(Ele fecha a janela da frente e Daisy a de trás. Encontram-se no meio do palco)* Enquanto estamos juntos, nada me dá medo, nada me importa. Ah, Daisy, pensava que nunca mais pudesse me apaixonar por uma mulher. *(Aperta-lhe as mãos e os braços)*

DAISY - Viu? Tudo pode acontecer?

BÉRENGER - Como eu gostaria de te fazer feliz! Você seria feliz comigo?

DAISY - E porque não? Se você estiver feliz, eu também estou. Você diz que não tem medo de nada e, afinal, tem medo de tudo! Que é que poderia nos acontecer?

BÉRENGER - *(murmurando)* Meu amor, minha querida! Minha querida, meu amor!... Deixa que eu te beije... Pensava que nunca mais pudesse me apaixonar assim!

DAISY - Fique mais calmo, mais seguro de si, agora.

BÉRENGER - Eu estou. Deixa que eu te beije.

DAISY - Estou muito cansada, meu querido. Fique calmo e repouse ali, sentado naquela poltrona.

(Bérenger vai sentar-se na poltrona, levado por Daisy)

BÉRENGER - Afinal, não valeu a pena que Dudard tenha se desentendido com Botard.

DAISY - Não pense mais em Dudard. Eu estou aqui. Nós não temos o direito de nos intrometer na vida dos outros.

BÉRENGER - Você se intromete na minha. Sabe ser enérgica comigo.

DAISY - Não é a mesma coisa. Eu nunca amei Dudard.

BÉRENGER - Compreendo. Se ele tivesse ficado, teria sido sempre um obstáculo entre nós. É verdade, a felicidade requer egoísmo.

DAISY - É preciso lutar pela felicidade, você não acha?

BÉRENGER - Eu te adoro, Daisy, te admiro.

DAISY - Quando você me conhecer melhor, talvez já não fale assim.

BÉRENGER - Não, só poderei dar mais valor. Você é linda, linda! *(Ouve-se novamente os rinocerontes passando)* ... Principalmente quando te comparo com aqueles... *(Aponta na direção da janela)* Você talvez me diga que isto não é um galanteio, mas eles fazem sobressair ainda mais a tua beleza...

DAISY - Você hoje portou-se bem? Não bebeu conhaque?

BÉRENGER - Eu me portei muito bem.

DAISY - Verdade mesmo?

BÉRENGER - É sim, garanto.

DAISY - Posso acreditar?

BÉRENGER - *(um pouco confuso)* Pode sim, pode.

DAISY - Então, pode beber um pouquinho. Isso vai te fazer bem. *(Bérenger quer se levantar imediatamente)* Pique sentado, meu querido. Onde está a garrafa?

BÉRENGER - *(mostrando o lugar)* Ali, em cima da mesinha.

DAISY - *(dirigindo-se para a mesinha, de onde pega o copo e a garrafa)* Estava bem escondida.

BÉRENGER - Era para não me dar tentação de pegar.

DAISY - *(depois de ter enchido o copo, dá-o a Bérenger)* Realmente, você está muito bem comportado. Está fazendo progressos.

BÉRENGER - Contigo, farei ainda mais.

DAISY - *(dando-lhe o copo)* Toma, aqui está a recompensa.

BÉRENGER - *(bebendo de um trago)* Obrigado. *(Estende novamente o copo)*

DAISY - Ah, não, meu querido. Por agora basta. *(Vai colocar o copo e a garrafa na mesinha)* Não quero que isto te faça mal. *(Volta para junto de Bérenger)* E a cabeça, como está?

BÉRENGER - Muito melhor, meu amor.

DAISY - Então vamos tirar essa faixa, que não te vai nada bem.

BÉRENGER - Ah, não, deixa isso.

DAISY - Sim, sim, vamos tirar isso.

BÉRENGER - Tenho medo que haja alguma coisa por baixo.

DAISY - *(tirando a faixa, apesar da oposição de Bérenger)* Sempre com medos, com idéias negras. Vê? Não tem nada. Sua testa está lisa.

BÉRENGER - *(apalpando a testa)* É verdade, você me livrou dos complexos. *(Daisy beija Bérenger na testa)* Que seria de mim sem você?

DAISY - Nunca mais te deixarei sozinho.

BÉRENGER - Contigo, nunca mais sentirei angústias.

DAISY - Eu saberei afastá-las.

BÉRENGER - Faremos leituras juntos e eu ficarei erudito.

DAISY - E principalmente, nas horas de menor afluência, daremos grandes passeios.

BÉRENGER - Sim, nas margens do Sena, no jardim do Luxemburgo...

DAISY - No jardim zoológico.

BÉRENGER - Serei forte e corajoso. E também te defenderei contra todos os que forem maus.

DAISY - Não precisará me defender. Nós não queremos mal a ninguém, nem ninguém nos quer mal, meu querido.

BÉRENGER - Às vezes fazemos o mal sem querer, ou então deixamos ele se propagar. Veja, você não gostava do pobre do Sr. Papillon. Mas talvez não precisasse ter dito assim tão cruamente, no dia da transformação de Boeuf em rinoceronte, que ele tinha as mãos rugosas.

DAISY - Mas era verdade, ele tinha mesmo.

BÉRENGER - Está bem, querida. No entanto, poderia ter dito a mesma coisa com menos rudeza. Ele ficou impressionado com isso.

DAISY - Você acha?

BÉRENGER - Ele não mostrou, porque tinha amor-próprio. Deve ter sentido muito. E sem dúvida foi isso que precipitou a decisão dele. Talvez você pudesse ter salvo uma alma!

DAISY - Não podia prever que estivesse para acontecer aquilo... Ele foi mal educado.

BÉRENGER - Por mim, nunca deixarei de me acusar, por não ter sido mais afável com Jean. Nunca consegui provar, de uma maneira eficaz, toda a minha amizade. Não fui suficientemente compreensivo para com ele.

DAISY - Não se atormente. Mesmo assim, você fez o que pôde. Não se pode fazer o impossível. Para que ter remorsos? Deixe de pensar nessa gente toda. Esqueça isso. Apaga as más recordações.

BÉRENGER - Mas eu escuto e vejo essas recordações. Elas são reais.

DAISY - Não pensava que você fosse tão realista, pensava que você fosse mais poético. Você não tem imaginação? Há tantas realidades! Escolha a que mais convém e escape para o imaginário.

BÉRENGER - Fácil de dizer!

DAISY - Eu não posso te ajudar?

BÉRENGER - Ah, sim, muito, muito!

DAISY - Você vai estragar tudo com esses casos de consciência! Sem dúvida,

nós todos temos culpas, no entanto, você e eu temos menos do que muita gente.

BÉRENGER - Você acha mesmo?

DAISY - Relativamente, somos melhores que a maior parte das pessoas. Ambos somos bons.

BÉRENGER - É verdade, você é boa e eu também. Isso é verdade.

DAISY - Então, temos direito de viver. Perante nós mesmos, temos o dever de ser felizes, independentemente de tudo. A culpabilidade é um sintoma perigoso; é sinal de que não há pureza.

BÉRENGER - É sim, isso pode levar àquilo... *(Aponta na direção das janelas sob as quais passam rinocerontes; aponta também na direção da parede do fundo onde aparece uma cabeça de rinoceronte)*... Muitos deles começaram assim!

DAISY - Vamos tentar nunca mais nos sentirmos culpados.

BÉRENGER - Como você tem razão, meu amor, minha deusa, meu sol... Eu estou com você, não estou? Ninguém nos pode separar. Temos o nosso amor, isso é o que vale. Ninguém tem o direito, ninguém pode impedir de sermos felizes. *(Ouve-se tocar o telefone)* Quem será?

DAISY - *(apreensiva)* Não atenda! ...

BÉRENGER - Por quê?

DAISY - Não sei. Talvez seja melhor assim.

BÉRENGER - Talvez seja o senhor Papillon, Botard, Jean, ou Dudard, querendo nos participar que voltaram atrás nas suas decisões. Você mesma disse há pouco que aquilo não era senão uma atração passageira!

DAISY - Não creio que eles tenham podido mudar de opinião assim tão depressa. Ainda não tiveram tempo de refletir. Eles irão até ao fim dessa experiência.

BÉRENGER - Talvez sejam as autoridades que estão reagindo e nos pedem ajuda para as medidas que querem tomar.

DAISY - Isso me admiraria.

(Novo toque de telefone)

BÉRENGER - É sim, é sim, é o toque das autoridades, estou reconhecendo. É

um toque prolongado! Tenho que responder a esta chamada. Só podem ser as autoridades. *(Retira o fone)* Alô? *(Como resposta, ouvem-se apenas barridos)* Você ouviu? Barridos! Escuta! *(Daisy põe o fone no ouvido, recua e desliga precipitadamente)*

DAISY - *(apavorada)* Que significa isso?

BÉRENGER - Agora eles fazem-nos brincadeiras!

DAISY - Brincadeiras de mau gosto.

BÉRENGER - Está vendo? Eu bem disse!

DAISY - Você não me disse nada!

BÉRENGER - Estava esperando. Já tinha previsto.

DAISY - Não tinha previsto nada. Você nunca prevê nada. Só prevê os acontecimentos depois que eles passaram.

BÉRENGER - Ah, eu prevejo sim, prevejo.

DAISY - Eles não são nada corretos. Foram muito grosseiros. Não gosto que zombem de mim.

BÉRENGER - Não ousariam zombar de você. É de mim que estão zombando.

DAISY - E como eu estou com você, levo a minha parte, está claro. Eles se vingam. Mas o que é que nós lhes fizemos? *(Novo toque de telefone)* Desligue a tomada.

BÉRENGER - A Companhia Telefônica não permite!

DAISY - Ah, você não arrisca nada, e quer me defender! *(Desliga a tomada e o telefone pára de tocar)*

BÉRENGER - *(correndo na direção do rádio)* Vamos ligar o rádio, para saber as notícias.

DAISY - Isso, é preciso saber em que ponto estamos! *(O rádio emite barridos. Bérenger desliga o rádio, rapidamente. Ouvem-se, ainda, no entanto, ecos de barridos, ao longe)* Realmente está ficando muito sério! Ah, não gosto disto, não admito! *(Daisy treme)*

BÉRENGER - *(agitadíssimo)* Calma! Calma!

DAISY - Eles ocuparam as estações de rádio!

BÉRENGER - *(tremendo e agitado)* Calma! Calma! Calma!

(Daisy corre para a janela do fundo, olha para fora; depois faz o mesmo na janela da frente; Bérenger faz a mesma coisa, em sentido inverso e, finalmente ambos encontram-se no meio do palco, um em frente do outro)

DAISY - Isto já não é brincadeira. Realmente eles se levaram a sério!

BÉRENGER - Não há senão eles, só eles! As autoridades também aderiram.

(Mesmo movimento de há pouco, dos dois personagens)

DAISY - Não há mais ninguém, em parte alguma.

BÉRENGER - Nós estamos sós, ficamos sozinhos.

DAISY - Era isso o que você queria.

BÉRENGER - Era você que queria!

DAISY - Era você.

BÉRENGER - Você!

(Ouvem-se rumores por toda a parte. As cabeças de rinocerontes tapam a parede do fundo. Dos lados direito e esquerdo da casa, chegam os ruídos de passos precipitados, de feras ofegantes. Todos estes ruídos apavorantes são, no entanto, ritmados, harmonizados. É principalmente do alto que vêm os ruídos mais fortes, as patadas. O estuque cai do teto. A casa é violentamente abalada)

DAISY - A terra treme! *(Não sabe para onde correr)*

BÉRENGER - Não, são os nossos vizinhos, os perissodáctilos! *(Com o punho cerrado, aponta para a direita, para esquerda, para todos os lados)* Parem, parem! Vocês nos impedem de trabalhar! É proibido fazer barulho! É proibido fazer barulho!

DAISY - Eles não te ouvem!

(Entretanto, os ruídos diminuem e transformam-se numa espécie de fundo sonoro e musicai)

BÉRENGER - *(apavorado, também)* Não tenha medo, meu amor. Nós estamos juntos. Você não se sente bem, junto de mim? Eu não te protejo? Afastarei de ti

todas as angústias.

DAISY - Talvez a culpa seja nossa.

BÉRENGER - Não pense mais nisso. Não se deve ter remorsos. O sentimento de culpa é perigoso. Vivamos a nossa vida, sejamos felizes. Temos o dever de ser felizes. Eles não são maus, e nós não lhes fazemos mal. Vão nos deixar em paz. Acalme-se. Repouse ali naquela poltrona. (*Leva-a até a poltrona*) Acalme-se! (*Daisy senta-se na poltrona*) Quer um conhaque, para se refazer?

DAISY - Estou com dor de cabeça.

BÉRENGER - (*pega a faixa de há pouco e ata-a na cabeça de Daisy*) Meu amor, eu te amo. Não se aflija, que eles hão de melhorar. É uma atração passageira.

DAISY - Eles não vão melhorar, não. Aquilo é definitivo.

BÉRENGER - Eu te amo, eu te amo muito.

DAISY - (*tirando a faixa*) Aconteça o que acontecer. Que é que vamos fazer?

BÉRENGER - Eles todos estão loucos. O mundo está enfermo e eles estão todos doentes.

DAISY - Não seremos nós que os poderemos curar.

BÉRENGER - Como é que poderemos viver em casa, com eles?

DAISY - (*acalmando-se*) Sejamos razoáveis. É preciso encontrar um “modus vivendi” para nos entendermos com eles.

BÉRENGER - Eles não podem nos entender.

DAISY - No entanto é preciso. Não há outra solução.

BÉRENGER - E você, você os compreende?

DAISY - Ainda não. Mas nós deveríamos tentar compreender a psicologia deles, e aprender sua linguagem.

BÉRENGER - Eles não têm linguagem! Ouve... Você chama isso de linguagem?

DAISY - Como é que você sabe? Não é poliglota!

BÉRENGER - Falaremos disso mais tarde. Primeiro é preciso almoçar.

DAISY - Já não tenho fome. Isto é demais, já não posso resistir.

BÉRENGER - Mas você é mais forte do que eu, logo, não vai se deixar impressionar. É por causa da tua coragem que eu te admiro.

DAISY - Você já me disse isso.

BÉRENGER - Você acredita no meu amor?

DAISY - Acredito.

BÉRENGER - Eu te amo.

DAISY - Você está se repetindo, meu bem.

BÉRENGER - Escute, Daisy, nós poderemos fazer alguma coisa. Poderemos ter filhos e nossos filhos terão filhos; isso levará tempo, mas assim, nós dois poderemos regenerar a humanidade.

DAISY - Regenerar a humanidade?

BÉRENGER - Isso já aconteceu.

DAISY - Sim, noutros tempos, Adão e Eva... Eles tinham muita coragem.

BÉRENGER - Também nós podemos ter coragem. E, além disso, não é preciso tanta assim. Fila vem por si mesma, com o tempo e um pouco de paciência.

DAISY - Para quê?

BÉRENGER - Um pouco de coragem, sim. Só um pouquinho.

DAISY - Não quero nem pensar em vir a ter filhos. Está fora de questão.

BÉRENGER - Como é que poderemos salvar o mundo, então?

DAISY - Salvar por quê?

BÉRENGER - Que pergunta!... Faça isso por mim, Daisy. Salvemos o mundo.

DAISY - Afinal, talvez sejamos nós que precisemos ser salvos. Talvez os anormais, sejamos nós.

BÉRENGER - Você está delirando, Daisy; você está com febre.

DAISY - Você está vendo mais alguém como nós?

BÉRENGER - Daisy, não quero te ouvir dizer uma coisa dessas!

(Daisy olha para todos os lados, na direção dos rinocerontes cujas cabeças vemos ao longo das paredes, na porta do patamar e perto da ribalta)

DAISY - Isso é que é gente. Tem um ar feliz, estão de acordo com eles mesmos. Não têm aspecto de loucos, são até bem naturais. Devem ter tido razões.

BÉRENGER - *(juntando as mãos e olhando para Daisy desesperadamente)* Nós é que temos razão, Daisy, eu te asseguro.

DAISY - Que pretensão!...

BÉRENGER - Você sabe muito bem que tenho razão.

DAISY - Não existe razão absoluta. Quem tem razão é o mundo, não é você nem eu.

BÉRENGER - Sim, Daisy, eu tenho razão. A prova está que quando eu falo, você me entende.

DAISY - Isso não prova nada.

BÉRENGER - A prova, é eu te amar tanto quanto um homem pode amar uma mulher.

DAISY - Bonito argumento!

BÉRENGER - Não estou compreendendo você, Daisy. Você já nem sabe o que diz, minha querida! Escuta, o amor... É o amor! O amor!

DAISY - Sinto vergonha disso que você chama amor, esse sentimento mórbido, essa fraqueza do homem, e da mulher também. Isso não pode ser comparado com o ardor, com a energia extraordinária que irradiam todos estes seres que nos rodeiam.

BÉRENGER - Energia? Você quer energia? Toma lá energia!

(Dá-lhe uma bofetada)

DAISY - Ah! Nunca, nunca pensei... *(Afunda-se na poltrona)*

BÉRENGER - Perdão, querida, perdão! *(Quer beijá-la e ela esquiva-se)* Eu não

queria fazer isso, querida! Perdoe. Não sei que foi que me deu... Não sei como isso aconteceu!

DAISY - Simplesmente porque você já não tem argumentos.

BÉRENGER - Infelizmente, em poucos minutos, acabamos de viver vinte e cinco anos de casamento!

DAISY - Também tenho pena de você, Se te compreendo.

BÉRENGER - (*enquanto Daisy chora*) Muito bem, pode ser que eu já não tenha mais argumentos. Você acha talvez que eles são mais fortes do que eu, mais fortes do que nós.

DAISY - Sem dúvida.

BÉRENGER - Pois apesar de tudo, eu te juro que não abdicarei, eu não abdicarei!

DAISY - (*levanta-se, vai até Bérenger e abraça-se ao pescoço dele*) Meu pobre querido, ficarei com você até ao fim.

BÉRENGER - Você conseguirá?

DAISY - Mantenho minha palavra. Tenha confiança. (*Os ruidos dos rinocerontes tornaram-se melódiosos*) Eles cantam, está ouvindo?

BÉRENGER - Eles não cantam, eles dão barridos.

DAISY - Eles cantam.

BÉRENGER - Dão barridos, já disse.

DAISY - Você está louco; eles cantam.

BÉRENGER - Então, você não tem ouvido musical!

DAISY - Você não sabe nada de música, meu pobre amigo; e depois, olhe: eles brincam, eles dançam.

BÉRENGER - Você chama isso de dança?

DAISY - É a maneira deles. São bonitos.

BÉRENGER - São horrendos!

DAISY - Não gosto que se fale mal deles. Pico com pena.

BÉRENGER - Desculpa. Não vamos nos pegar por causa deles.

DAISY - São deuses.

BÉRENGER - Você exagera, Daisy. Olhe bem para eles.

DAISY - Pronto, desculpe. Não seja ciumento, meu bem.

(Dirige-se novamente para Berenger querendo abraçá-lo. Desta vez é Berenger que se esquivava)

BÉRENGER - Estou vendo que as nossas opiniões são completamente opostas. É preferível não discutir mais.

DAISY - Ora, não seja mesquinho.

BÉRENGER - Não seja tola.

DAISY - *(a Berenger que está de costas para ela. Ele está na frente do espelho, observando bem seu rosto)* A vida em comum tornou-se impossível. *(Enquanto Berenger continua a olhar-se no espelho, ela dirige-se de mansinho até à porta dizendo: “Na verdade, ele é muito desagradável, muito desagradável.” (Sai. Vêmo-la descer a escada muito lentamente)*

BÉRENGER - *(continuando a olhar-se no espelho)* Afinal, um homem não é tão feio assim. E no entanto, nem sou daqueles que fazem parte dos bonitos! acredite, Daisy! *(Ele volta-se)* Daisy! Daisy! Onde você está, Daisy? Não faça isso! *(Encaminha-se correndo para a porta)* Daisy! Sobe! Volta, Daisy nha! Você nem sequer almoçou! Daisy, não me abandone! Que foi que você me prometeu? Daisy! Daisy! *(Desiste de chamá-la, faz um gesto de desespero e volta a entrar no quarto)* Evidentemente, a gente já não se compreendia. Igual a um casal desunido. Já não era possível... Mas ela não devia ter saído sem uma explicação. *(Procura em toda a parte)* Não me deixou nem uma linha. Isso não se faz. Agora estou completamente só. *(Vai fechar a porta à chave, cuidadosamente, mas com raiva)* A mim, não me pegam! *(Fecha cuidadosamente as janelas)* A mim, é que vocês não pegam! *(Falando para todas as cabeças de rinocerontes)* Eu não vos seguirei! Eu não vos compreendo! Continuarei como sou. Sou humano, um ser humano! *(Vai sentar-se na poltrona)* Esta situação é insustentável. Se ela foi embora, a culpa é minha. Eu era tudo para Daisy; e agora que vai ser dela? Mais um para pesar na consciência. Estou imaginando o pior; o pior pode acontecer. Pobre menina abandonada neste mundo de monstros! Ninguém me pode ajudar a encontrá-la, pois já ninguém existe. *(Novamente barridos, corridas desenfreadas, nuvens de poeira)* Não os quero ouvir mais. Vou pôr algodão nos ouvidos. *(Põe algodão nos ouvidos e fala a si mesmo, no espelho)* Não há outra

solução: tenho que convencê-los. Mas de quê? E o retorno à forma anterior, será possível? Será? Isso seria um trabalho de Hércules, acima das minhas forças. Primeiramente para poder convencer, é preciso falar com eles. Para falar com eles é preciso que eu aprenda a língua deles. Ou que eles aprendam a minha? Mas que língua é que eu falo? Qual é a minha língua? Isto será francês? É bem possível que seja francês. Mas o que é francês? Podemos chamar a isto francês, tanto faz, ninguém pode provar o contrário... Eu sou o único a falar esta língua. Que é que eu estou dizendo? Será que eu me compreendo, será que eu me compreendo? (*Vai até ao meio do quarto*) E se for como Daisy me disse, que eles é que têm razão? (*Volta ao espelho*) Um homem não é feio; não é feio, um homem! (*Observa-se passando a mão pelo rosto*) Que coisa gozada! Com que é que eu me pareço, então? Com quê? (*Corre para um armário, de onde tira fotografias; olha-as*) Fotos! Quem são estes? O senhor Papillon ou Daisy? E este aqui, será Botard, Dudard ou Jean? Ou talvez eu! (*Corre novamente para o armário de onde tira dois ou três quadros*) Sim, eu me reconheço; sou eu, sou eu! (*Vai pendurar os quadros na parede do fundo, ao lado das cabeças dos rinocerontes*) Sou eu, sou eu! (*Assim que ele pendura os quadros, vemos que eles representam um velho, uma mulher gorda e um outro homem. A fealdade destes retratos, contrasta com as cabeças dos rinocerontes que se tornaram belas. Berenger recua para poder contemplar os quadros*) Eu não sou bonito, não sou bonito. (*Arranca os quadros, joga-os no chão com raiva e vai para o espelho*) Eles é que são belos. Não tive razão! Ah, como eu gostaria de ser como eles. Mas infelizmente, não tenho corno! Como é feio, uma testa lisa. Eu precisaria de um ou dois, para levantar os meus traços caldos. Talvez nasçam, e nessa altura, já não terei vergonha; poderei ir me encontrar com eles. Mas isto não nasce! (*Observa as palmas das mãos*) Minhas mãos estão suadas. Será que elas ficarão rugosas? (*Tira o paletó, desabotoa a camisa e examina seu peito no espelho*) Tenho a pele flácida. Ah, este corpo tão branco e peludo! Como eu gostaria de ter uma pele dura e aquela soberba cor esverdeada, uma nudez decente, sem pêlos, como a deles! (*Ele ouve os barridos*) Há um certo atrativo no canto deles, um pouco rude, mas mesmo assim é atraente! Se eu pudesse fazer como eles. (*Tenta imitá-los*) Ahh, Ahh, Brr! Não, não é assim! Preciso experimentar outra vez, mais forte! Ahh, Ahh, Brr! Não, não é isso! Isto é fraco, não tem vigor! Não consigo dar barridos, só dou berros. Ahh, Ahh, Brr! Berros não são barridos! Ah, como eu me arrependo. Devia ter seguido todos eles, enquanto era tempo. Agora é tarde demais! Infelizmente, eu sou um monstro, sou um monstro. Infelizmente, nunca serei rinoceronte, nunca, nunca! Nunca mais poderei mudar. Gostaria muito, gostaria tanto, mas já não posso. Não quero nem olhar para a minha cara. Tenho vergonha! (*Vira as costas ao espelho*) Como eu sou feio! Infeliz daquele que quer conservar a sua originalidade! (*Tem um sobressalto brusco*) Muito bem! Tanto pior! Eu me defenderei contra todo o mundo! Minha carabina, minha carabina! (*Volta-se de frente para a parede do fundo onde estão as cabeças dos rinocerontes, sempre gritando*) Contra todo o mundo, eu me defenderei! Eu me defenderei contra todo o mundo! Sou o último homem, hei de sê-lo até ao fim! Não me rendo!

